

EDNEY ALEXANDRE DE OLIVEIRA BELO

**OS CLASSIFICADORES EM LÍNGUAS AMAZÔNICAS E NA FAMÍLIA
NAMBIKWARA**

Recife

2013

EDNEY ALEXANDRE DE OLIVEIRA BELO

OS CLASSIFICADORES EM LÍNGUAS AMAZÔNICAS E NA FAMÍLIA
NAMBIKWARA

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof^a Dr^a Stella Virgínia
Telles de Araújo Pereira Lima

Recife

2013

Catálogo na fonte
Andréa Marinho, CRB4-1667

B452c Belo, Edney Alexandre de Oliveira
 Os classificadores em línguas amazônicas e na família Nambikwara /
 Edney Alexandre de Oliveira Belo. – Recife: O autor, 2013
 142p.: Il.: fig.; 30cm.

 Orientador: Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima
 Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAC.
 Letras, 2013.

 Inclui bibliografia.

 1. Linguística. 2. Linguagem e línguas 3. Língua Nambikwara. I.
 Lima, Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira (orientador). II. Título.

 410 CDD (22.ed.)


 UFPE (CAC2013-39)


EDNEY ALEXANDRE DE OLIVEIRA BELO

Os Classificadores em Línguas Amazônicas e na Família Nambikwara

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística, em 26/2/2013.

DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:


Prof. Dr.^a Stella Virginia Telles de Araújo Pereira Lima
Orientadora – LETRAS - UFPE


Prof. Dr. Marlos de Barros Pessoa
LETRAS - UFPE


Prof. Dr.^a Januacele Francisca da Costa
FALE - UFAL

Recife – PE
2013

Este trabalho é dedicado:

a toda a família Nambikwara, e a todos
os outros grupos indígenas que
estiveram representados de alguma
forma nesta dissertação,

a meus irmãos e amigos,

a meus pais Edilson e Ivani Belo.

AGRADECIMENTOS

- A Deus;
- Aos meus pais e irmãos, por seu apoio;
- Aos povos Nambikwara do Norte, do Sul e Sabanê, e às demais etnias que foram citadas no corpo do trabalho;
- À Prof^a Stella Telles, pelas orientações, por ter me apresentado ao universo das línguas indígenas brasileiras, por sua dedicação e comprometimento com o andar da dissertação e com as aulas sobre as línguas indígenas e demais conteúdos, por fazer-se presente sempre que requisitada, não medindo esforços para auxiliar-me quando preciso, e por sua amizade e cordialidade;
- Aos estudiosos das línguas indígenas que tiveram alguma contribuição para a composição deste trabalho;
- Aos meus tios, sobrinhos e demais parentes;
- Ao NEI (Núcleo de Estudos Indigenistas) nas figuras de Stella Telles, Claristella Santos e Adair Pimentel Palácio, pelas aulas, nas pesquisas e consultas ao acervo da biblioteca e material digital e, *in memoriam*, à professora Gilda Lins;
- Aos colegas e amigos do PPGL: Diva, Josaiás, Edigard, Rosemberg, Andréa, Onilma, Marília, Ervicton, Fernanda, Gabriela, Priscylla, Sivaldo, Paula, Luisa;
- Aos professores Marlos Pessoa (PPGL-UFPE), Cláudia Roberta (UFRPE), Medianeira Souza (PPGL-UFPE), Lourival Holanda (PPGL-UFPE);
- À Propesq, Pró-Reitoria para assuntos de Pesquisa e Pós-Graduação da UFPE;
- Ao CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pelo apoio financeiro para pesquisa;
- Aos meus amigos, que direta ou indiretamente, colaboraram e me incentivaram a fazer o curso, sempre com palavras de apoio e otimismo: André, Cláudio, Fernando, Julião, Marília, Júlia, Cléber, Diogo, Wedson, Isabele, Douglas, Anabele, Eva, Bernadete.

*“Sou Pataxó,
sou Xavante e Cariri,
lanomami, sou Tupi
Guarani, sou Carajá.
Sou Pancararu,
Carijó, Tupinajé,
Potiguar, sou Caeté,
Ful-ni-ô, Tupinambá.*

(...)

*E assustado
dei um pulo da rede,
pressenti a fome, a sede,
eu pensei: "vão me acabar".
me levantei de borduna já na mão.
Ai, senti no coração,
o Brasil vai começar.”*

(Chegança – Antônio Carlos Nóbrega)

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise comparada dos classificadores nominais de quatro línguas da família Nambikwara, sendo elas: o Mamaindê, o Sabanê, o Latundê e o Kithãulhu. Essas línguas são faladas por grupos homônimos que habitam desde o noroeste até as porções mais ao sul do estado do Mato Grosso e sul do estado de Rondônia. O trabalho é feito com base nas teses de doutorado: *Mamaindê Grammar, A Northern Nambikwara language and its cultural context* (EBERHARD 2009), *A Grammar of Sabanê, A Nambikwaran Language* (ARAÚJO 2004), *Fonologia e Gramática do Latundê/Lakondê* (TELLES 2002), e *Gramática descritiva da língua Nambikuara* (KROEKER 2001). O objetivo maior deste trabalho é verificar o comportamento morfossintático dos classificadores nominais em nível mais lexical, com os chamados termos de classe, que colaboram na criação de novas palavras nessas línguas e fazem uso dos morfemas classificadores nessas composições, e num nível mais funcional, atuando em construções anafóricas, como atributivos de características próprias dos nomes aos quais se referem, em construções demonstrativas, possessivas, quantitativas e etc. Faz-se também, uma análise comparativa dos sistemas de classificação nominal de oito línguas da região amazônica que contam com sistemas de classificadores, para se verificar semelhanças e diferenças estruturais de seus constituintes e analisar-se o funcionamento desses classificadores em nível do SN. De acordo com Derbyshire e Payne (1990), os resultados obtidos com um estudo de mais de vinte línguas amazônicas demonstraram que os classificadores daquelas línguas não se adequavam de maneira discreta à tipologia apresentada por Allan (1977). Os resultados obtidos com esse estudo possibilitam uma melhor compreensão a respeito dos sistemas de classificação nominal presentes em línguas amazônicas e permitem um melhor entendimento sobre os sistemas de classificadores das línguas da família Nambikwara. Este trabalho de análise e comparação toma como referência os estudos sobre tipologia morfossintática dos classificadores (GRINEVALD 2000). Além desses objetivos apresentados, espera-se que um trabalho como este possa colaborar, de alguma forma, para a preservação dessas línguas e para a difusão do conhecimento do universo cultural desses povos.

Palavras-chave: Família Nambikwara; Morfossintaxe; Classificadores; Sistemas de Classificação; Línguas amazônicas

ABSTRACT

This work aims a comparative analysis of the classifiers in four languages of the Nambikwara family: the Mamaindê, the Sabanê, the Latundê and the Kithãulhu. These languages are spoken by groups that inhabit the northwest to the southern portions of the state of Mato Grosso and the southern of the state of Rondônia. The work is done on the basis of doctoral theses: Mamaindê Grammar, The Northern Nambikwara language and its cultural context (EBERHARD 2009), The Grammar of Sabanê, The Nambikwaran Language (ARAÚJO 2004), Phonology and Grammar of Latundê / Lakondê (TELLES 2002), and descriptive grammar of the language Nambikuara (KROEKER 2001). The ultimate goal of this work is to investigate the morphosyntactic behavior of nominal classifiers in most lexical level, with so-called class terms, which collaborate in creating new words in these languages and make use of these classifier morphemes in compositions, and in a more functional level, acting in anaphoric constructions as conferring characteristics of the names to which they refer, in demonstrative, possessive, or quantitative constructions. There is also a comparative analysis of systems of nominal classification from eight languages of the Amazon that have systems of classifiers, to verify structural similarities and differences of its constituents and to analyze the functioning of these classifiers in the NP level. According to Derbyshire and Payne (1990), the results obtained from a study of more than twenty Amazonian languages demonstrated that the classifiers of those languages did not fit discreetly to the typology presented by Allan (1977). The results obtained from this study allow a better understanding about the nominal classification systems present in Amazonian languages and allow a better understanding of the systems of classifiers in languages of Nambikwara family. This analysis and comparison takes as reference studies of morphosyntactic typology of classifiers (Grinevald, 2000). In addition to these goals presented, it is expected that a work like this can help in some way, for the preservation of these languages and to spread the knowledge of the cultural universe of these people.

Keywords: Nambikwara Family; Morphosyntax; Classifiers; Classification Systems; Amazonian languages

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

1p.p – primeira pessoa plural	DEC/ DECL– Declarativo
1pac.- primeira pessoa paciente	Def – Definidor
1ps/1s – primeira pessoa singular	DEM/Dem – Demonstrativo
2p.p – segunda pessoa plural	DES – Desiderativo
2ps/2s – segunda pessoa singular	DUB – Dubidativo
3p.p – terceira pessoa plural	EC – Equável
3ps/3s – terceira pessoa singular	EST. – Estativo
ADJ. – Adjetivo	EXOR – Exortativo
ANIM – Animado	Fem. – Feminino
ANT. – Anterior	FIN. – Final
Art – Artigo	FNS – Sufixo referencial final
ASSER – Assertivo	Frust. – Frustrativo
ATTR – Atributivo	Gr./Gen – Gênero
AUTH – Autenticidade	Hum/HUM – Humano
AUX – Auxiliar	Imp. – Imperfectivo
C.C – Classificador de configuração	INAN – Inanimado
CL – Classificador	Int. – Intencional
CLE – Classificador específico	Inst. Instrumental
CLR – Classificador reduplicado	IO – Objeto indireto
CLT.N – Clítico negativo	IRR – Irrealis
CLV – Classificador verbal	LIG – Ligação
CN – Conectivo	LINK – estrutura de ligação
Comp. – Complemento	Masc. – Masculino
COP – Cópula	MSC. – Masculino

MSS – Massa	PS3 – Posse de 3ª pessoa
MT – Sufixo de moldura temporal	PST/PS – Passado
NCL – Nome classificador	RDUP – Reduplicação
NEG – Negativo	RED./OBL./TRID. – Redondo/oblongo/tridimensional
NFC – Nome em função classificadora	Ref./REF – Referencial
NLZ – Nominalizador	Rel. – Relacional
NOM – Nominativo	RN – Raiz nula
NP – Noun Phrase	SN – Sintagma Nominal
NVis – Evidencial não visual	SQA – Seqüência atrasada
OBJ. – Objeto	ST. – Estativo
OBL – Obliterativo	SUB – Raiz nominal
Pass – Passado	SUF/Suf. – Sufixo
PF – Perfectivo	TRA – Transitivo
PL. – Plural	TRID – Tridimensional
POSS/Poss – Possessivo	Verb – Verbo
PRF – Perfectivo	VT – Verbo transitivo
PRS – Presente	

SUMÁRIO

Introdução	12
Metodologia	18
Estrutura da dissertação	20
Capítulo I - Os sistemas de classificação nominal	22
1. O empreendimento da Lingüística Cognitiva	22
1.2 Perspectiva cognitiva dos sistemas de classificação	25
1.3 A semântica dos classificadores	27
1.4 George Lakoff – Uma reflexão sobre os sistemas de classificação ..	30
1.4.1 O classificador <i>hon</i> (A transformação do esquema imagem)	34
1.5 Tipologia dos classificadores	37
1.5.1 Classe dos nomes x classificadores.....	37
1.5.2 Gênero e classe dos nomes - a porção mais gramatical do sistema	39
1.5.3 Termos de classe/termos de medida - a porção mais lexical do sistema	40
1.6 Um estudo tipológico dos classificadores.....	42
1.7 Os estudos sobre classificadores nas línguas do mundo	47
1.8 Os classificadores nas línguas amazônicas	49
1.9 Onde estão os classificadores	53
Capítulo II – Tipologia lingüística e a classificação das línguas Nambikwara, estrutura do nome e classificadores nas línguas da família	55
2.1 A tipologia nos estudos de Croft	55
2.1.1 De Schlegel a Sapir	57
2.1.2 A tipologia morfológica de Sapir	59
2.2 Classificação das línguas Nambikwara	61
2.2.1 Apresentação das línguas Nambikwara	63
2.2.2 A palavra nominal e os classificadores nas línguas Nambikwara ...	63

2.2.3 Os classificadores na língua Mamaindê	66
2.2.4 Os classificares na língua Sabanê	73
2.2.5 Os classificadores na língua Latundê	77
2.2.6 Os classificadores na língua Kithãulhu	81
2.3 Quadro da morfossintaxe dos classificadores entre as línguas Nambikwara ..	85
Capítulo III - A classificação nominal em línguas amazônicas	88
3.1 ..Quadro da morfossintaxe dos classificadores das línguas estudadas no capítulo	125
3.1.1 Algumas conclusões sobre os sistemas de classificação nominal de línguas amazônicas.....	126
Conclusão	134
Referência bibliográfica	138

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresenta-se uma análise comparativa dos classificadores de quatro línguas da família Nambikwara, sendo elas: o Mamaindê (EBERHARD 2007), o Sabanê (ARAÚJO 2004), o Latundê (TELLES 2002) e o Kithãulhu (KROEKER 2001). Pretende-se verificar a origem lexical e o comportamento em nível da morfossintaxe, com atenção à formação das palavras e à semântica desses morfemas, e estuda-se sua funcionalidade, dentro da cláusula, nas diversas instâncias comunicativas em que tomam parte.

O trabalho de descrição e análise desses sistemas de classificadores é feito numa perspectiva funcional da linguagem, com base nos trabalhos sobre a tipologia morfossintática dos classificadores de Grinevald (2000), com a intenção de se verificar de forma mais clara a natureza dos classificadores nominais e seu funcionamento em nível do SN.

Apresenta-se também um estudo comparativo dos sistemas de classificação nominal de oito línguas amazônicas, todas elas contando com sistemas de classificadores nominais para, dessa forma, compreendermos melhor o fenômeno da categorização e da classificação em nível mais abrangente, no caso, de línguas da região da bacia amazônica. Pretende-se com isto encontrar semelhanças e diferenças estruturais pela verificação dos tipos mais comuns de classificadores e sua origem etimológica, sua atuação em nível da morfossintaxe e os papéis semânticos que cumprem esses elementos e, funcionalmente, verificando-se sua atuação em construções anafóricas, possessivas, quantificadoras, demonstrativas, ou mesmo como atributivos de características próprias de seus referentes e como nominalizadores verbais.

A região amazônica se configura como um desafio para os estudos de línguas indígenas, pois muitas delas são ainda pouco conhecidas e estudadas, o que denota uma necessidade grande de mais trabalhos que abranjam os diversos aspectos dos estudos da linguagem aplicados a línguas dessa região. A composição de gramáticas de línguas indígenas torna-se fundamental, pois a

documentação e a compilação são uma forma de se salvarem e se protegerem dados de línguas em alto risco de extinção. Há línguas isoladas muito pouco, ou ainda não documentadas, que podem desaparecer antes mesmo de serem conhecidas, e que são importante fonte de informação sobre o modo como esses grupos interagem com o meio em que vivem e como codificam essas informações na língua. Essas línguas são ainda uma fonte de informações de grande importância para a ciência da linguagem, para o conhecimento da diversidade das línguas do mundo e para os estudos sobre os universais lingüísticos.

AS LÍNGUAS AMAZÔNICAS E A FAMÍLIA NAMBIKWARA

O imenso território que compreende a bacia amazônica é reconhecido como a região lingüística menos conhecida do globo (DIXON 1999). Esta porção do mundo é berço de uma rica diversidade de línguas que apresentam aspectos bastante peculiares, muitos deles raros ou desconhecidos do mundo acadêmico, dos compêndios sobre línguas naturais do mundo. Nessa região, há famílias lingüísticas sem ligação genética comum com outras famílias e línguas isoladas que constituem um grande desafio ao trabalho do pesquisador, uma valiosa fonte de conhecimento das variedades do universo das línguas. Com respeito à diversidade lingüística da Amazônia, revela-nos Dixon (1999, p. 14):

And when one does get hold of a Grammar of an Amazonian Language it is likely to show strange properties – multiple sets of classifiers, oddly conditioned ergativity splits, and so on – that constitute exceptions to received ideas about typological universals. In other instances one finds the richest of categories that are weakly attested elsewhere.



IMAGEM 1 (região da bacia amazônica)

Das 250 línguas amazônicas, pelo menos 150 estão na região da Amazônia brasileira. As línguas indígenas do Brasil, segundo dados de Rodrigues (1986) são classificadas em dois grandes troncos lingüísticos (Macro-Jê e Tupi), seis grandes famílias (Aruak, Karib, Páno e Tukáno), seis famílias menores (Bóra, Guaikurá, Makú, Nambikwara, Txapakúra e Yanomámi) e sete consideradas isoladas (Aikanã, Kanoê, Kwazá, Irântxe, Mynky, Trumai e Tikúna). Encontram-se ainda dois grupos ao norte do estado do Amapá, o Karipúna do Norte e o Galibí-Marwórno, influenciados, sobremaneira, pelo crioulo da Guiana Francesa¹.

O processo de colonização, que se iniciou no século XVI, causou uma drástica redução das populações indígenas ao longo de cinco séculos e, conseqüentemente, muitas línguas sucumbiram. Mesmo assim, o Brasil ainda concentra uma grande quantidade de línguas com rica variedade genética. Apesar disto, não se sabe ao certo o total de línguas existentes, tamanha a diversidade, as distâncias geográficas que separam muitas línguas parentas, e a falta de sistematização na análise dos dados disponíveis. Muitas línguas consideradas diferentes podem facilmente, com uma análise mais acurada, indicar que se tratam, na verdade, de dialetos de uma mesma língua. Por isto, embora se tenha comumente dito que há cerca de 180 línguas indígenas no

1

A pesquisadora do Museu Nacional, Kristine Stenzel (2006), estima que existam ainda entre 40-50 grupos isolados. Desses, não se sabe o número de indivíduos, nem se pode identificar as línguas por eles faladas.

território amazônico brasileiro, provavelmente essa quantidade não ultrapassa as 150 (MOORE, GALUCIO & GABAS JR 2008). A chamada Amazônia Legal, que inclui os seis estados da região Norte, além do Mato Grosso, Tocantins e parte do Maranhão, tem aproximadamente 60% das línguas indígenas do território nacional².

Apesar da drástica diminuição das populações indígenas desde o processo de ocupação da costa brasileira³, vários povos têm mostrado, recentemente, aumento significativo, chegando a dobrar em número de índios. Essas populações variam muito em quantidade⁴. Mesmo assim, o trabalho de preservação das línguas ainda faladas é lento, pois a garantia de sobrevivência de um povo não significa, automaticamente, a garantia da sobrevivência de sua língua. No contato, muitos grupos tornaram-se bilíngües, falando também o idioma português e, gradativamente, foram perdendo o conhecimento de suas línguas nativas, passando a monolíngües da língua dos antigos colonizadores.

O perigo eminente do desaparecimento de diversas línguas indígenas da região amazônica, muitas delas ainda desconhecidas da comunidade científica, tem impulsionado muitos lingüistas a enveredarem pelos caminhos do estudo de línguas minoritárias sul-americanas. Sobre o trabalho de composição de

² Os estudos do Censo Nacional Brasileiro, realizado em 2000, estimaram a população brasileira em 170 milhões de habitantes. Desses, 21 milhões de pessoas viviam na chamada Amazônia legal. Entre 320-400 mil eram índios, o que representava menos de 3% do total (STENZEL 2006). No Censo realizado em 2010 houve um aprimoramento do trabalho de reconhecimento e levantamento das populações indígenas. Os resultados apontaram que havia 896,9 mil índios, 305 etnias e 274 idiomas falados.

³ “Apesar de a imigração européia ter sido relativamente limitada nos dois primeiros séculos do período colonial, as línguas nativas foram sendo extintas. Estima-se que 75% delas se perderam nos últimos 500 anos. As regiões do Brasil que foram ocupadas por mais tempo têm o menor número de sociedades indígenas e línguas nativas, especialmente o leste brasileiro, onde poucos grupos autóctones falam como seus antepassados. (...)” (MOORE; GALUCIO & GABAS JR 2008)

⁴ O maior grupo é o dos Macuxi, com cerca de 30.000 indivíduos, seguido dos Xavante, com cerca de 10.000 índios, e dos Mundurukú do Pará, com cerca de 7.500 indivíduos (LEITE e FRANCHETO 2006). Mas há grupos bastante reduzidos como é o caso dos Akuntsú, do estado de Rondônia, que são atualmente cinco indivíduos, ou casos ainda mais extremos, como o da última índia falante de Lakondê, língua da família Nambikwara (BRAGA 2012; TELLES 2002). Na média, os povos indígenas brasileiros têm menos de 200 falantes. Segundo estudos de (RODRIGUES 2001), no momento imediato à penetração dos portugueses, o número de línguas e de povos teria sido de uns 700 apenas na Amazônia brasileira.

gramáticas de línguas indígenas brasileiras, adianta-nos Franchetto (2001) que 34 línguas têm uma boa descrição (sendo 28 da Amazônia), 23 línguas não possuem nenhum tipo de documentação e, de acordo com documentos do Museu Nacional, 114 possuem apenas documentação parcial. A pesquisadora revela que as línguas com alguma documentação incluem as que têm análise e registro da Fonologia e da Morfossintaxe.

OS PRIMEIROS CONTATOS COM OS POVOS NAMBIKWARA

De acordo com Telles (2002, p. 04), possivelmente os primeiros contatos entre índios Nambikwara e não-índios deu-se ainda no século XVIII, em decorrência da entrada de garimpeiros nos territórios povoados pelos índios, possivelmente por “*rumores de veios auríferos no rio Arinos*”. Entretanto, há documentação acerca dos primeiros contatos entre índios Nambikwara e neobrasileiros, a partir de 1770. E ainda um ano antes, quando da chegada a Vila Bela da expedição chefiada por João Leme de Bragança “*para a abertura de caminho entre essa capital e o Forte de Bragança*”. Diversos nomes indígenas como Cabixis, Tamarés e Guaritétés foram relatados nessa expedição (TAVARES 1964 *apud* TELLES 2002). David Price, em 1972 (*apud* TELLES 2002), tentando esclarecer os etnônimos Pareci, Cabixi e Nambikwara, ancorado em outros documentos, menciona que provavelmente os Cabixi contatados entre 1769-1770 eram de algum bando Nambikwara (TELLES 2002, p. 05).

Os Nambikwara tiveram seus primeiros registros oficiais feitos pelo General Cândido Mariano da Silva Rondón que, em 1907, liderou uma comissão rumo à região do Vale do Juruena. Cortando o noroeste do estado do Mato Grosso, essa expedição tinha por objetivo expandir as linhas telegráficas entre Cuiabá-MT e Porto Velho-RO. Os índios Nambikwara já haviam tido contato anteriormente com seringueiros da região, os quais costumavam roubar suas mulheres e matá-los (MILLER 2008). Provavelmente por isto, os primeiros contatos entre os Nambikwara e o grupo liderado por Rondón foram de hostilidade. Os relatos desse contato foram descritos por Rondón em compêndios de etnografia, e neles

há também listas de uns poucos termos transcritos por Rondón da fala dos índios, com sua respectiva tradução para o português, que foram enviados ao Museu de História Natural do Rio de Janeiro. Segue pequeno trecho de relato de contato:

No dia 12 de Janeiro de 1910, às 4 horas da tarde, o Sr. Severiano de Albuquerque (...) viu os índios colhendo verduras. Eram 20 (...) No dia 10 de junho, às 8 horas da manhã, foram vistos colhendo feijão. (...) Na tarde dêste dia, enquanto estavam na mesma roça o Sr. Severiano e o mais dos companheiros foram flechados pelos índios, não tendo havido felizmente nenhum ferimento (RONDON 1947, p.46).

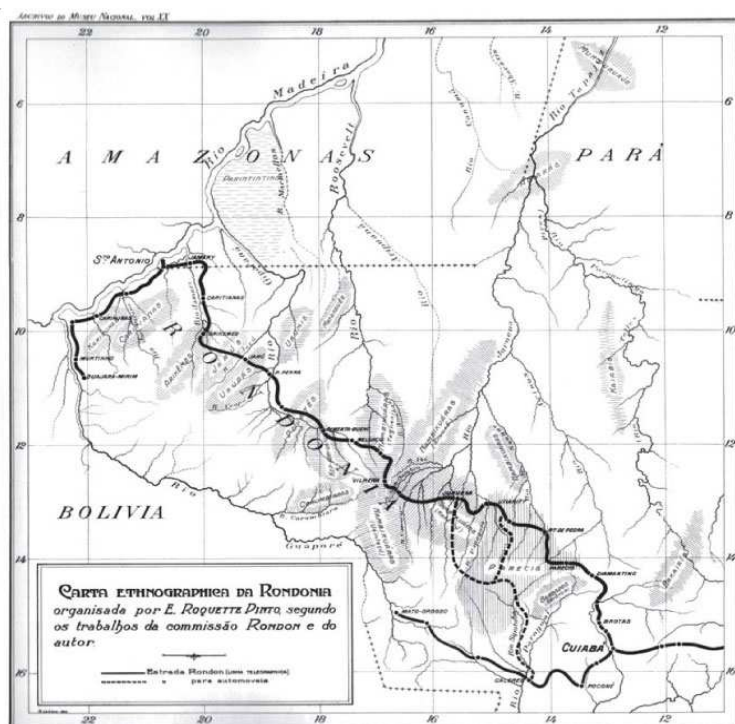


Figura 2: Carta etnográfica de Rondônia conforme os trabalhos da Comissão Rondon (Roquette-Pinto, 2005, p.31)

IMAGEM 2. (Carta etnográfica organizada por Roquete-Pinto, conforme os trabalhos da comissão Rondón e do próprio)

A FAMÍLIA LINGUÍSTICA NAMBIKWARA

De acordo com dados de Telles (2002) e Price (1972) a família lingüística Nambikwara é composta pelas seguintes línguas e dialetos:

- (1) *Sabanê*⁵
- (2) Ramo Nambikwara do Norte (Grupo Roosevelt): *Latundê, Lakondê, Tawandê*⁶, *Sowaintê*
- (3) Ramo Nambikwara do Norte (Grupo Guaporé): *Mamaindê, Negarotê e Tawendê*⁷
- (4) Ramo Nambikwara do Sul: Manduca (*Hukuntesu, Siwaisu, Niyahlosu*), Campo (*Kithãulhu, Wakalitesu, Halotesu, Sawentesu*), Guaporé (*Hahãintesu, Waikisu, Alantesu, Wasusu*) e Sararé (*Katitãulhu*)

METODOLOGIA

O corpus da pesquisa constitui-se dos estudos sobre a classificação nominal retirados das teses de doutorado: *Mamaindê Grammar, A Northern Nambikwara language and its cultural context* (EBERHARD 2009), *A Grammar of Sabanê, A Nambikwaran Language* (ARAÚJO 2004), *Fonologia e Gramática do Latundê/Lakondê* (TELLES 2002), e *Gramática descritiva da língua Nambikuara* (KROEKER 2001). Além desse material, o autor contou com a colaboração dos dados da língua Latundê, Nambikwara do Norte, gentilmente cedidos pela orientadora Stella Telles para um trabalho de audição, transcrição lingüística e análise de estruturas para a obtenção de possíveis dados novos sobre os classificadores daquela língua. Esses dados foram recolhidos em formato MD que se encontram nos arquivos do Núcleo de Estudos Indigenistas (NEI) do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco.

Para a audição, o aluno utilizou-se do programa *Sound Forge 7.0* para uma nova gravação do material recolhido. Após isto, os dados eram passados para um programa que auxilia no seu reconhecimento sonoro, o *audacity*, e dessa forma

⁵ O Sabanê conta com menos de dez falantes nativos vivos, e corre sério risco de extinção (ARAÚJO 2004).

⁶ Considerada extinta

⁷ Sobre os Tawendê, não se tem notícias sobre onde vivem e se ainda restam, nem registros da língua, apesar de eles terem sido citados por David Price, coincidentemente na área em que os Mamaindê mais velhos dizem ter sido habitada por seu povo, a reserva Roosevelt (EBERHARD 2009, p. 30).

eram transcritos e organizados seguindo uma seqüência numérica e identificando-se o ano de sua coleta, o número relativo ao arquivo MD, com os dados da língua em fonte *Sil Doulos IPA 93*, e em formato de texto *Office Word 2007* com a respectiva tradução em Português em fonte *arial*, tamanho 12.

Para o trabalho de obtenção e catalogação do material de pesquisa, houve diversas reuniões com a orientadora para a obtenção de livros de consulta que tratam dos assuntos abordados, além das pesquisas feitas na *Web* com intuito de se obterem outros documentos que auxiliassem no trabalho de pesquisa.

O trabalho com outras línguas de classificadores da região amazônica contou com a participação da orientadora, de amigos que dispunham de trabalhos com línguas de classificadores e de incursões na *internet* para a obtenção de textos. Para esse trabalho, procurou-se uma leitura pormenorizada sobre a morfologia e sintaxe, e sobre a semântica dos morfemas de classificação nominal, informes culturais sobre os povos estudados, e relativos aos sistemas de classificação nominal tratados por outros pesquisadores, leituras de algumas teses de doutorado, dissertações de mestrado e artigos de revistas, feitos sobre línguas indígenas da região amazônica.

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO:

- Para a orientação sobre os etnônimos, adota-se a orientação estabelecida pela Associação de Antropologia Brasileira, desde 1953, porém se se faz referência a algum trabalho específico, adota-se a grafia usada pelo autor, como o etinônimo Nambikwara, que possui variações, entre elas, as adotadas por Rondón (1947) Nhambiquara, ou Price (1978) Nambiquara;
- Para a transcrição fonológica utilizamos a fonte *SIL Doulos IPA 93*, em conformidade com o Alfabeto Internacional de Fonética (IPA);
- Os autores utilizaram diferentes notações para identificarem os classificadores, ou os processos morfossintáticos e funcionais. Por isto, em notas de rodapé, muitas vezes há a explicação de um mesmo evento, porém tratado com nomenclatura diversa pelos autores que os interpretaram. Por isto, encontram-se nas abreviaturas, algumas vezes, mais de uma forma de abreviação de uma mesma palavra;
- A dissertação é apresentada em três capítulos, com as devidas divisões em subcapítulos;
- O primeiro capítulo é dedicado à explanação das principais correntes teóricas que se preocuparam com os estudos do fenômeno da classificação de línguas, com atenção aos estudos dos classificadores nominais e ressaltando a contribuição das pesquisas em lingüística cognitiva de Lakoff (1986) e os trabalhos com a tipologia dos classificadores de Grinevald (2000);
- O segundo capítulo apresenta uma revisão dos primeiros estudos em tipologia lingüística, desde os trabalhos de Shlegel (1808), passando por Humboldt (1963) e Sapir (1921), para explicar-se o tipo polissintético de língua, verificado entre as línguas da família Nambikwara, e um breve estudo sobre o nome e os sistemas de classificação, com atenção aos classificadores, das línguas daquela família;

- O terceiro capítulo traz uma análise comparativa dos sistemas de classificação nominal de oito línguas da região da bacia amazônica, também com atenção especial aos arranjos morfossintáticos dos classificadores e seu funcionamento em nível do SN;
- Para a conclusão, tem-se os resultados obtidos com a revisão e análise dos sistemas de classificação nominal de línguas da família Nambikwara, e dos resultados obtidos a partir de uma análise comparativa dos sistemas de classificação de línguas amazônicas.

CAPÍTULO I – OS SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO NOMINAL

Introdução

Neste capítulo, serão abordados os princípios teóricos que norteiam os trabalhos em lingüística cognitiva, com uma revisão sobre o trabalho “*Classifiers as a reflection of mind*” de George Lakoff (1986), que se configura um importante material de pesquisa para os estudantes que se aventuram em análises de linha cognitivista de sistemas de classificadores. Além disso, faz-se uma leitura das principais correntes que balizaram os estudos sobre os classificadores em línguas do mundo, com o pioneirismo de Denny (1976) e Allan (1977), e sobre os estudos de Derbyshire & Payne (1990) sobre os sistemas de classificação nominal de línguas amazônicas. O texto conta também com as abordagens tipológicas dos sistemas de classificadores de Grinevald (2000) que servem de base para as análises feitas com línguas da família Nambikwara e mais adiante para um estudo comparativo de sistemas de classificação nominal de línguas amazônicas.

1. O EMPREENDIMENTO DA LINGÜÍSTICA COGNITIVA

A Lingüística Cognitiva tem se dedicado a variabilidade e flexibilidade do significado desde meados dos anos 80, constituindo-se institucionalmente há, pelo menos, duas décadas, graças ao trabalho dos norte-americanos George Lakoff (LAKOFF & JOHNSON 1980; LAKOFF 1987) Ronald Langacker (1987, 1990, 1991) e Leonard Talmy (1983, 1988). Esse trabalho já era pensado nos moldes da Semântica Gerativa, e desenvolveu-se com os apelos de diversos estudiosos descontentes com os rumos que o programa da Gramática Gerativa de Noam Chomsky havia tomado. Por outro lado, a emergência das investigações psicológicas de Eleanor Rosch (1977) sobre o papel dos protótipos nos processos

de categorização evidenciaram a necessidade de uma complementação mútua de outras perspectivas lingüísticas atuais.

Segundo Silva (2004), essa nova perspectiva partilha da idéia fundamental de que a linguagem é parte integrante da cognição e não um módulo separado, e que esta se fundamenta em processos cognitivos, sócio-interacionais e culturais, devendo ser estudada no seu uso e no contexto da conceptualização, da categorização, do processamento mental, da interação e da experiência individual, social e cultural. Por isso, a psicologia, antropologia, filosofia, biologia e a neurociência são áreas de conhecimento complementares, importantes nos estudos da categorização das estruturas lingüísticas, segundo os teóricos cognitivistas.

A Lingüística Cognitiva caracteriza-se por três princípios fundamentais (GEERAERTS 1995, p. 113, *apud* SILVA 2004): o de que a análise lingüística deve ser prioritariamente semântica e os princípios da natureza enciclopédica e do significado lingüístico.

De acordo com Silva (2004) a partir desses princípios e métodos desenvolveram-se processos de categorização do nível do léxico aos existentes em nível da gramática. O léxico e a gramática são concebidos como sendo um inventário de unidades simbólicas convencionais (pares de forma e significado). Sendo as construções e não as regras o objeto primário de descrição, léxico e gramática formam um continuum, e o conhecimento gramatical é uniformemente representado na mente dos falantes. Essa alternativa de gramática mais simbólica é fortemente representada pela Gramática Gerativa de Langacker (1987, 1990, 1991, 1999^a *apud* SILVA, 2004) e pela Gramática das Construções (GOLDBERG 1995, CROFT 2001 *apud* SILVA, 2004).

Contribui enormemente com esses estudos a chamada categorização lingüística, que tem sido estudada em três vertentes. A primeira delas refere-se à estrutura interna das categorias tomadas isoladamente, com destaque para a Teoria do Protótipo (TAYLOR 1995, GEERAERTS 1997 *apud* SILVA 2004). Esta teoria parte do princípio de que não é possível encontrar um conjunto de traços sêmicos comuns a todos os membros de uma categoria. A categorização de uma

realidade não se faz pela exclusão de semas que separam membros de um mesmo grupo, mas pelo reconhecimento daqueles que podem aproximá-los, como no que Wittgenstein chamou de “Semelhanças de Família”. Assim, existem categorias de exemplares mais representativos, mais próximos do protótipo, e outras mais marginais, que seriam membros periféricos do protótipo⁸. Os membros centrais, ou mais representativos do protótipo seriam aqueles que o falante evoca ao ser perguntado ou ao ver o nome de uma categoria, e é em torno deles que os outros se organizam (LABOV, 1973; ROSH 1973; KEMPTON, 1981; TAYLOR, 1989 *apud* SILVA, 2004).

Outra vertente é a investigação das categorias conceptuais que combina categorias individuais em modelos mentais coerentes, com destaque para a teoria da metáfora conceptual de G. Lakoff (LAKOFF & JOHNSON 1980, 1999; LAKOFF 1987, 1993 *apud* SILVA 2004), as teorias dos espaços mentais e da integração conceptual de G. Fauconnier e M. Turner (FAUCONNIER 1985, 1987; FAUCONNIER & TURNER 1996, 1998; COULSON & OAKLEY 2000; BRANDT 2000, 2001; TURNER & FAUCONNIER 2002, *apud* SILVA 2004) os estudos de modelos culturais⁹ (HOLLAND & QUINN 1987, PALMER 1996, LAKOFF 1996, *apud* SILVA 2004) e ainda, os estudos em tipologia lingüística e teoria da gramaticalização (HOPPER & TRAUGOT 1993, TRAUGOT & DASHER 2002, *apud* SILVA). Há também a contribuição dos trabalhos neurocognitivos em linguagem realizados por Deane (1992) e Lakoff que, mais recentemente, tem estabelecido um novo paradigma nos estudos da linguagem, a teoria neural.

⁸ Apesar de possuir suas bases teóricas embebidas na filosofia aristotélica da teoria da categorização, a teoria do protótipo teve várias mudanças em relação à concepção clássica. Segundo Ibanéz e Aransaez (1997, 1998, p. 257): “According to the classical view, categories are homogeneous unities with clear-cut boundaries and two degrees of membership, namely, member and non-member. Membership in a category is defined in terms of a fixed set of necessary and sufficient conditions which have equal status and complex concepts can be reduced to sets of binary primitivities”

⁹ Relativamente aos chamados modelos culturais, Silva (2004, p. 07) nos diz: “(...) não são estruturas meramente “internas” devendo, antes, ser tomados antes no sentido estrito de ‘modelos’, esquematizações **coletivas**, intersubjetivas, como propriedades de grupos, não de indivíduos, à medida que são conhecimentos partilhados.”

1.2 PERSPECTIVA COGNITIVA DOS SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO

De acordo com Lee (1987, p. 395) há, pelo menos, duas hipóteses para a composição das classes nos sistemas de classificação. Segundo este autor, Allan (1977) e Adams & Conklin (1973) baseiam-se no que consideram as propriedades inerentes que os membros de uma classe, ou pelo menos a maioria, compartilham, apresentando listas exaustivas de características que servem como base para a classificação de línguas naturais. Eles apresentam as regularidades que acontecem em diferentes línguas em termos de faculdades perceptuais humanas, tratando as classes dos nomes como categorias de base cognitiva.

Por outro lado, Denny (1976) estuda os classificadores a partir de suas classes funcionais, como categorias socialmente determinadas. Para ele os nomes têm uma relação com o que está fora do mundo, e os classificadores, em particular, têm maior relação com o modo como os humanos interagem com esse mundo.

Para Lee, um estudo dos classificadores deve contar com ambas as perspectivas:

In particular, a cognitive approach provides the clearest explanation for the frequent similarities between the (inanimate) noun classes in widely varied languages, while social/functional approach more effectively deals with classifiers of social rank, which are based on status rather than 'inherent' characteristics (LEE 1987, p. 395).

A análise comparativa de Allan (1977), realizada com mais de 50 línguas diferentes, de cinco continentes, propunha agrupar os classificadores de acordo com características comuns. Allan pôde perceber que, com poucas exceções, as propriedades tomadas pelos classificadores são inerentes aos objetos, ao invés de contingentes. As propriedades visuais e táteis compõem a maioria dos tipos. O que se refere a objetos de formato alongado e fino, unidimensional, é o tipo de

classificador mais comum, seguido dos tipos que identificam os objetos bidimensionais, lisos, e os arredondados (LEE, 1987, p. 397). Mas nem todo tipo de critério é aplicável; as cores, por exemplo, não recebem classificadores em nenhuma das línguas estudadas. Segundo Allan, o motivo para as cores não serem uma boa base para a classificação é que elas são um objeto muito mais sujeito ao erro, pois mudam de acordo com as condições de luz. Este fato indica que a definitude é um fator preponderante para a classificação¹⁰.

As comunidades lingüísticas não diferem em seu potencial, mas na maneira de categorizar potencialmente a experiência. Segundo Lee (1987, p. 398), todo objeto tem um número de características destacáveis e as línguas podem diferir na forma como escolhem os caracteres importantes para princípios de classificação. Para exemplificar, o autor cita Craig (1986b), que discute a importância da interação entre os níveis cognitivo e funcional em sua análise dos classificadores de Jacaltec¹¹, uma língua maia, idealizando dois modos diferentes de categorização na língua, o sistema de classificação e a taxonomia da raça.

Ainda mais, as descobertas feitas pelo psicólogo Eleanor Rosch (ROSCH *et. all* 1977 *apud* LEE 1987) confirmaram a existência de um **nível básico** de classificação nos vários domínios em que o número de características co-ocorrentes é maximizada. Segundo Lee (1987, p. 302) uma característica importante dos objetos de nível básico é que eles são as categorias mais inclusivas para as quais uma imagem concreta da categoria, como um todo, pode ser formada. No caso do Jacaltec, os classificadores específicos referem-se ao nível básico enquanto os nomes associados referem-se ao nível subordinado da taxonomia. Significa dizer que os classificadores preservam as propriedades de esquema-imagem do nível de base que permitem um programa generalizado para

¹⁰ Para melhor compreensão dos aspectos semânticos dos classificadores, ver pag.31 nesta sessão.

¹¹ Classificadores inanimados de Jacaltec (Craig 1986b).

no?	(animal)	metx'	(cachorro)
te?	(planta)	ixim	(milho)
		tx'al	(fio de algodão)
		tx'an	(corda trançada)
		k'ap	(roupa)
ch'en	(rocha)	atz'am	(sal)
ha?	(água)		
ka?	(fogo)		

a interação com os itens da classe. Essa seria a função geral sugerida por Denny (1976), que se apresenta nas classes de objetos (ou pessoas). Dessa forma, classes funcionais seriam primeiramente imagético-esquemáticas¹².

1.3 A SEMÂNTICA DOS CLASSIFICADORES

Se do ponto de vista de sua forma e de suas funções morfossintáticas os classificadores receberam bastante atenção por parte dos lingüistas da década de 70, o estudo dos impactos da cultura no desenvolvimento dos sistemas de classificação entre as línguas impulsionou outros estudiosos da década de 80, como Dixon (1982), a dar grande ênfase à semântica desses elementos, a partir das experiências comunicativas observadas *in loco*, entre os falantes de uma língua aborígine australiana. Os estudos com o Dyirbal mostraram que as práticas sociais, a experiência humana no contato com a natureza, e a forma como essa experiência é vivenciada e partilhada são registrados na língua e têm grande importância para a seleção do que é permitido e do que não é permitido se fazer com a língua, inclusive em termos de classificação nominal.

Com o desenvolvimento das teorias cognitivistas, muitos estudiosos passaram a considerar que as propriedades encontradas nos classificadores são o critério para se estabelecer categorias de pertencimento, e passaram também a considerar essas categorias como sendo precisamente universais, já que têm uma base cognitiva comum. Essa perspectiva acabou por negar o relativismo cultural, que é pautado na diversidade dos sistemas lingüísticos. Os classificadores passaram a se diferenciar apenas pelos dados superficiais revelados. Segundo Lee (1987, p. 398), em exemplo do mandarim, a palavra **yizi** 'cadeira' é classificada como objeto que têm braços (**ba**) porque tradicionalmente

¹² Segundo Lee (1987, p. 403) os classificadores nasceram do resultado de uma expansão lexical, nas línguas do mundo. Este pesquisador cita Berlin (1972), que afirma que as línguas primeiramente lexicalizam as categorias de nível básico da taxonomia, e porções dessa taxonomia têm relação direta com a cultura mais íntima dos povos falantes e mais distinções lexicais específicas são requeridas dentro desses domínios.

os chineses usavam cadeiras com braços. Porém, a indeterminação e o jogo das convenções imagéticas criam uma situação na qual as classes vão perdendo sua transparência semântica. Se a imagem cultural se perde com o tempo, as classes acabam tornando-se cada vez mais opacas.

Ainda de acordo com Lee (1987, p. 399), algumas áreas para o estudo cognitivo/perceptual dos classificadores são mais problemáticas, como o é a 'animacidade'. Esta classe, de acordo com Allan, (1977 *apud* LEE 1987), não indicaria uma característica inerente do referente, mas atribuída, e muito específica culturalmente. Lee considera a animacidade como definida por certas propriedades discerníveis e as línguas a diferenciariam apenas por essas propriedades que carregam. Mas em muitos casos, apenas a percepção de características inerentes indicaria uma distinção clara, o que é muito comum entre os classificadores de várias línguas do mundo. De maneira geral, objetos que se movem sozinhos seriam animados e os mamíferos, sendo mais próximos dos humanos seriam, freqüentemente, considerados os elementos mais centrais¹³.

Para Denny (1976), os sistemas de classificação são primeiramente funcionais, e as distinções de animacidade hierárquica revelam como os membros de uma sociedade agem, codificando na língua essas distinções, de acordo com critérios de ordem social. O autor chama atenção para o fato de que essas distinções podem ser vistas mesmo entre as classes inanimadas. A forma como se dá a interação com os objetos revela não somente o tipo de relação que os falantes têm com o mundo que os cerca, mas o motivo pelo qual determinado grupo escolhe certas características salientes para a classificação, e não outras. O exemplo da animacidade demonstra que nem sempre as características inerentes são a escolha para a classificação de um ser/objeto, o que oferece uma contraparte para a análise cognitiva.

Mas nem sempre a língua faz uma decisão convencional sobre uma característica saliente de um objeto, a decisão está legada ao falante, em última instância, inclusive, porque a escolha de um ou outro classificador para identificar uma palavra, pode depender diretamente das escolhas feitas por ele. Segundo

¹³ A classificação por hierarquia social também é freqüente na forma de classificadores e está presente em diversas línguas, a exemplo do Jacalteco (CRAIG, 1986b).

Senft (2000, p. 27-8) nas chamadas línguas de classificadores o nome é categorizado de acordo com características específicas baseadas em princípios semânticos, que podem ser: objetos, seres vivos, conceitos, ações e eventos. Portanto, essas unidades de ação podem ser referidas como sistemas semânticos e, por essa ordenação, podemos agrupar os classificadores em domínios semânticos:

Domínio semântico dos classificadores (SENF 2000, p. 28)

1. + ou – humano;
2. Humano & status social;
3. Humano & parentesco;
4. + ou – animado;
5. Sexo;
6. Forma/dimensão;
7. Tamanho;
8. Consistência;
9. Função;
10. Agrupamento/arranjo;
11. Compostos (habitat, número, quantidade, massa, grupo);
12. Medida;
13. Peso;
14. Tempo;
15. Ação;
16. + ou – visível

Os classificadores descrevem listas de aspectos em ordem relativamente livre, constituindo domínios semânticos que levam em conta aspectos da cultura específica. Em sendo um evento psicológico, e não apenas lógico, os falantes consideram formas sociais e aspectos religiosos e de crenças no momento em que classificam, o que justifica um estudo interdisciplinar para uma melhor compreensão do fenômeno da categorização de línguas. Os classificadores individualizam conceitos nominais e têm significado, mas esse significado deve ser dependente (SENF 2000, p. 29):

- 1- Da posição do respectivo classificador, no ambiente semântico, pelo respectivo sistema de classificação;
- 2- Da situação e do contexto em que é usado;
- 3- Do referente nominal ao qual ele se refere;
- 4- Dos significados e outros fins que os falantes desejam atingir com o uso de determinados classificadores num determinado nome.

Ainda de acordo com Senft (2000, p. 27), ao lado da função de agrupamento, subcategorização e classificação, os nomes de um sistema de classificação nominal de uma língua têm uma função maior, nomeadamente 'meio de referência'. Os nomes em línguas de classificação podem se caracterizar como nomes em referência genérica. Com sua função referencial, classificadores individualizam conceitos nominais; eles marcam o nome aos quais se referem para serem vistos como tendo referência não-genérica.

De maneira geral, os classificadores funcionam como substitutos nominais, nominalizadores de palavras em outras classes, marcadores de definitude, relativizadores, marcadores de posse e vocativos; servem para desambigüizar sentenças, estabelecer coerência no discurso, e também registram marcas e estilos nas línguas (SENFT, 2000).

1.4 GEORGE LAKOFF – UMA REFLEXÃO SOBRE OS SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO

Relativamente aos estudos com classificadores nominais, George Lakoff, a respeito do trabalho realizado por Dixon com o Dyirbal australiano, Lakoff (1986, p. 15-17), no famoso artigo "*Mulheres, fogo e coisas perigosas*" chama atenção para os processos cognitivos de construção dos classificadores e de seus reflexos na mente humana¹⁴. Em Dyirbal, quando os nativos utilizam os nomes numa

¹⁴ A esse respeito, nos adianta Senft (2000, p. 25) que a classificação das coisas está relacionada diretamente à forma como os homens se relacionam com outros homens e vivenciam as coisas do mundo. Essa experiência interfere diretamente na forma como eles falam sobre esse

sentença, esse nome é antecedido por um de quatro morfemas: **bayi**, **balan**, **balam** e **bala**. Essas partículas classificam todos os seres/objetos do universo Dyirbal, e para falar bem essa língua, o falante deve utilizar o morfema correto antes de cada nome.

Dixon se propunha entender o funcionamento desse sistema de classificação e investigou que critérios eram utilizados pelos aborígenes para identificação dos nomes, e que esquemas de aprendizado eram utilizados por eles para internalizarem o seu uso. Para isso, propôs o esquema:

- (I) Bayi: (humano) machos; animais¹⁵
- (II) Balan: (humano) fêmeas; água; fogo; luta
- (III) Balam: comida (menos carnes)
- (IV) Bala: para tudo que não coubesse nas outras classes

Um próximo passo seria compreender os processos mentais de categorização que faziam sentido na cultura dos Dyirbal, a partir da investigação de como se dá o aprendizado da língua pelo povo. Para entender como esses processos se automatizaram de forma inconsciente pelos falantes, Dixon observou que os nativos não aprendiam a utilizar aqueles quatro morfemas um a um, havia algum princípio regulador na base. Assim, o autor estabeleceu os conceitos fundamentais de princípio, na sua pesquisa. O primeiro, e mais abrangente foi definido por Lakoff (1986, p. 15), como *Princípio do Domínio da Experiência*: “*If there is a basic domain of experience associated with A, then it is natural for entities in that domain to be in the same category as A.*” Como exemplo do princípio:

(...) fish are in class I, since they are animate. Fishing implements (fishing spears, fishing line, etc.) are also in class I, even though they

mundo e como constroem expressões lingüísticas para expressar as suas experiências nesse mundo.

¹⁵ Dessa forma, os homens, por serem humanos, e os cangurus, por serem animais estariam na primeira classe, enquanto que as mulheres, sendo humanos femininos, os rios e o fogo estariam na segunda classe, junto com os animais perigosos, peçonhentos. Figos selvagens e batatas estariam na terceira classe, e árvores não-frutíferas, pedras e língua estariam na última classe (LAKOFF 1986, p. 15):

might be expected to be in class IV, since they are neither animate nor a form of food. Similarly, plants that have edible fruit are in class III with the fruit they yield. One would otherwise expect fruit trees in class IV with the other trees. And in fact, if one is specifically referring to the wood of a fruit tree, say in reference to firewood or making an implement, then the classifier *bala* of class IV is used (...)

Um outro princípio caro aos estudos de Dixon é aquele que Lakoff classificou como *Princípio do Mito e da Crença*: “*If some noun characteristic X (on the basis of which its class membership is expected to be decided) but is, through belief or myth, connected with characteristic Y, then generally it will belong to the class corresponding to Y and not corresponding to X.*” (LAKOFF 1986, p.16) Em exemplo a este princípio, Lakoff explica que na classificação de Dixon, embora as aves pertençam ao grupo dos animados (e que, portanto, deveriam pertencer à classe I), há três espécies delas precedidas pelo morfema **balan**, da classe II. Isto se explica pelo fato de que, segundo a crença Dyirbal, aqueles pássaros seriam espíritos de três mulheres mortas (sagradas), e por isto se enquadrariam nos tipos femininos que compõem o morfema **balan**.

O autor menciona ainda um terceiro e importante princípio, o *Princípio da Propriedade*: “*If a subset of nouns has some particular important property that the rest of the set do not have, then the members of the subset may be assigned to a different class from the rest of the set to “mark” this property; the important property is most often ‘harmfulness’* (LAKOFF 1986: 15-16)”. Por este princípio, entende-se que certas propriedades pertencentes a membros de determinados grupos podem interferir na classificação. Por isto, os peixes estariam juntos a todos os outros seres animados masculinos da classe I, porém o peixe-pedra e o peixe-gato, por serem considerados perigosos, fariam parte da classe II.

Segundo Lakoff (1986, p. 17) esses exemplos atestam que os processos de categorização apresentam detalhes que particularizam a língua Dyirbal. Os princípios gerais de categorização dessa língua oferecem, de forma reduzida, informações sobre os sistemas de categorização humana, em geral, que são: centralidade, encadeamento, domínios de experiência, modelos de idealização, conhecimento específico, propriedades não comuns, e o que o autor chamou “the other” (para o que não fosse coberto pela teoria).

Sobre os princípios apresentados e discutidos no artigo, baseados no trabalho exaustivo realizado por Dixon, Lakoff (1987, p. 18) ressalta que a motivação seria um fator óbvio nessa discussão. Ele adianta que há uma grande diferença entre os princípios motivadores que fazem sentido para o sistema e os princípios que generalizam, predizendo o sistema. Dixon concluiu que o sistema de classificação de Dyirbal é um tipo com o qual os seres humanos poderiam lidar, mas ele não chegou a explicar, precisamente, que tipo de sistema seria esse.

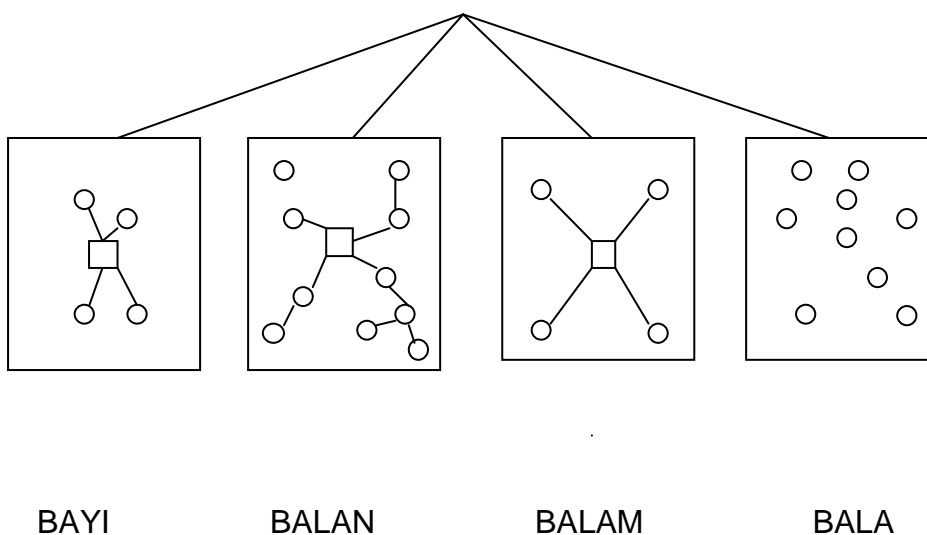
Ao final do trabalho realizado entre os Dyirbal, Dixon pôde confrontar os dados de pesquisa coletados e analisados quando de sua primeira investida ao território aborígine, em 1963, e sua última visita ao grupo, em 1983. O lingüista constatou uma diminuição bastante acentuada do uso dos classificadores de Dyirbal, principalmente entre os jovens, que em contato com o inglês australiano da escola, acabavam desconhecendo o uso daqueles morfemas em situações relacionadas aos mitos e crenças ou a determinadas propriedades inerentes dos seres do mundo de seus antepassados. Com a ruína desse sistema de classificação, apenas restaram os classificadores relativos às classes I, II e IV que foram re-significados e reorganizados num sistema de classificação mais simplificado.

Ao comentar o sistema de classificação estudado por Dixon nos anos 70, Lakoff (1986, p. 22) faz algumas observações. Ele diz que o Domínio do Mito-e-crenças e o Domínio da Propriedade são mais que parte do Domínio da Experiência, eles são domínios de experiência importantes para a classificação Dyirbal que promoveriam um encadeamento das categorias. No domínio da propriedade, as coisas perigosas seriam uma característica importante para a classificação, e por isso requereriam um conhecimento específico do domínio. Porém, mediante o enfraquecimento do sistema de classificação Dyirbal, provocado, entre outros fatores, pelo contato com a língua inglesa, o Princípio de Mitos e Crenças e o Princípio de Propriedade deixaram de ser uma base importante para a classificação nessa língua. Ao contrário disto, macho e fêmea demonstram um contraste entre os classificadores I e II porque essa distinção é importante nas línguas do mundo, e por isto, esse modelo de distinção

permaneceu. O autor explica que provavelmente os nativos não compreendem os motivos de suas escolhas e o porquê da permanência de uns e não de outros princípios no sistema de classificação.

Para fins de explicação, na classificação de Rosch (1977) peixe-gato, lança de pesca ou fósforos não seriam membros centrais da categoria (ao contrário de + ou - masculino) e, por isso, perderam a marca distintiva, na forma do classificador, ou foram reagrupados nas classes I e II, pela distinção macho/fêmea¹⁶. Os modelos centrais distinguiriam humanos machos VS. humanos femininos; pessoas VS árvores frutíferas, etc.

A análise de Lakoff resultou num diagrama dos classificadores em Dyirbal (LAKOFF, 1986 p. 24)¹⁷:



1.4.1 O Classificador Hon (*A transformação do Esquema-Imagem*)

¹⁶ Dixon observou que alguns animais como o canguru não possuíam distinção de gênero, e que essa diferenciação era feita pelo uso do classificador, *bayi Yuri* (canguru macho) e *balan Yuri* (canguru fêmea), o que indica que os animais são uma classe não marcada nessa língua.

¹⁷ Esses modelos de base nos dizem que há quatro distinções. Três delas têm uma estrutura interna, com elementos no centro. Os centros são indicados pelos quadrados no diagrama. O quarto é composto pelo que é deixado nos três primeiros, sem estrutura interna. Os centros do domínio no modelo de base estão também estruturados, e são chamados de *basic opposition model* (LAKOFF 1986, p. 24).

Os classificadores podem ter também sua semântica estendida, marcadamente, para outros elementos ou atividades, como é atestado nos estudos da classificação nominal, em especial com o morfema **hon**, do japonês, usado para indicar aspecto físico de objetos/coisas longas e finas. Dessa forma, Lakoff põe a motivação à frente da arbitrariedade para explicar o uso desse classificador, que pode aparecer em contextos que marcam, por exemplo, a trajetória da bola de golfe (reta e fina), os filmes de cinema (rolos de filme finos e longos), lutas marciais (relativamente a golpes retos e diretos) ou a aplicação de injeção (agulha e percurso do líquido fino e reto) na língua japonesa. Ele identifica, assim, uma relação de imagem-esquema entre objetos finos e longos e trajetórias, o que formaria uma base de extensão categórica de uma categoria central para uma não-central. Os casos que indicam uma extensão poderiam indicar uma transformação do esquema-imagem:

Esquema da trajetória <.....> Esquema de objetos finos e longos

O esquema apresentado acima compreende um de diversos processos cognitivos que formam a base da extensão de uma categoria. Os falantes do japonês estendem a categoria **hon** para trajetórias com base nas relações de imagem-esquema. Mas o autor atestou que nenhum dos informantes questionados identificava a bola sem o strike (o choque) com aquele classificador. Para Lakoff, há motivações por trás das extensões do morfema **hon** para outros conceitos dos esportes, já que essa partícula classifica strikes e lançamentos livres, mas não os passes no basquete (apesar da ocorrência em passes no voleibol e lances no pingue-pongue).

Entender esse processo seria compreender quais os casos centrais para a aplicação do morfema **hon** e a direção da extensão que vai de um nível concreto de base para outras coisas como movimentos e trajetórias, além da motivação para o processo. Lakoff compreende que a motivação entre os dois é dada por uma transformação no nível de imagem-esquema e metonímia. Também afirma que o uso do morfema **hon** em movimentos do baseball faz sentido, mas não é predicável, reforçando a idéia de que não há arbitrariedade, mas motivação. Outro fato importante de motivação, ao lado do de imagem-esquema e de metonímia é o de imagens mentais convencionais. O autor explica que há uma estrutura

interna no jogo das convenções, existe uma base e uma estrutura interna que explicariam porque os pardais, por exemplo, seriam um modelo central na escolha do que é mais ou menos pássaro, para critérios de classificação. Esses membros centrais são identificados ou evocados mais rapidamente, pelo uso e a experiência, o que E. Rosch (1981, *apud* LAKOFF 1986) chamou de ‘ponto de propósito referente’.

Lakoff propõe um modelo cognitivo embasado na Teoria do Protótipo para uma possível explicação do fenômeno do encadeamento e da ‘condução’ (CONDUIT) no uso do classificador *hon* do japonês. Ele leva em consideração as atividades cognitivas humanas características para entender como os seres humanos categorizam em geral, e em especial na categorização de línguas naturais, considerando:

- 1) Modelos proposicionais: relativo aos elementos específicos que contêm determinadas propriedades e a relação desses elementos entre si.
- 2) Modelos de imagem esquemática: determinados modelos imagéticos que indicam semelhança visual (como a trajetória fina e reta de uma bola de golfe).
- 3) Modelos metafóricos: refere-se aos modelos imagéticos e proposicionais de um modelo que correspondem a estruturas de outro domínio.
- 4) Modelos metonímicos: são modelos de um ou mais dos tipos vistos, junto com a função de um elemento desse modelo em outro.

Por fim, Lakoff expõe o que chamou de Tipos de Protótipos, como: exemplos típicos (+ ou – centrais), estereótipos sociais (usualmente conscientes e sujeitos a discussão pública), ideais (exemplos compreendidos em termos de casos ideais abstratos) parágonos (membros individuais que representam ideais ou seus propósitos), generalizadores (definições genéricas de membros de uma categoria), submodelos (modos de ver/enxergar uma categoria como submodelar), e exemplos salientes (exemplos salientes escolhidos para uso familiar, memorável), além de expor outros modelos de categorização esquemática mental que participam no processo de classificação nominal. O autor

explica que sua construção de uma teoria do protótipo baseia-se num modelo computacional com foco na computação algorítmica e suas dicotomias arbitráveis, ressaltando a negligência da experiência e dos aspectos ecológicos da mente, legados a antropologia lingüística, em seu trabalho. E chama atenção para a necessidade de um aprofundamento dos estudos de sistemas de classificadores:

(...) Neither formal syntax nor formal semantics as they are currently understood can deal adequately with the experimental, imaginative and ecological aspects of mind. Perhaps that is why formal linguists continue to ignore the study of classifier systems (LAKOFF 1986, p. 49).

1.5 TIPOLOGIA DOS CLASSIFICADORES

1.5.1 *Classe dos nomes x Classificadores*

O lingüista D. J. Taylor (TAYLOR, 1994, P. 565) chamou atenção para o fato de os classificadores ainda carecerem de atenção, no que se referia ao estabelecimento de uma tipologia mais compreensiva e que servisse de modelo descritivo para os estudos sobre sistemas de classificação nas línguas do mundo. Esta necessidade crescia, entre outros motivos, com a grande variedade de perspectivas que competiam entre si, dificultando um entendimento mais amplo do fenômeno:

An unresolved issue is exactly which classification systems should be included in any typology of classifier systems and which not, from the most grammaticalized gender systems to the most lexical mensural classifiers (...) (TAYLOR 1994, p. 565)

A respeito do pioneirismo dos trabalhos em tipologia dos classificadores, Grinevald (2000, P. 50) informa que, àquela época, a atenção era dada basicamente aos aspectos gramaticais, à origem e à categorização dos sistemas de classificação, (GREENBERG 1972 and DIXON 1982b, revisado em 1986 *apud*

GRINEVALD 2000), evidenciados nos artigos de Adams & Conklin (1973), Denny (1976) e Allan (1977). A falta de uma definição tipológica resultou em muitas análises equivocadas a respeito dos classificadores, muitos estudos garantiram a definição de classificadores a fenômenos típicos das classes dos nomes, como no tratamento dado a língua Dyirbal por Dixon (1982).

No ano 2000, a lingüista Colete Grinevald publicou o artigo *A morphosyntactic typology of classifiers*, que desde então, tem sido a proposta em tipologia mais aceita e referida pelos lingüistas que se propõem à descrição de línguas, quando o assunto são os classificadores. No texto, ela localiza os classificadores no continuum léxico-gramatical do sistema, afirmando que 'Léxico' deveria ser entendido como parte do léxico e sua dinâmica na construção das palavras, e 'gramatical' à porção da morfossintaxe da língua que se refere à semântica composicional. Esse inventário deveria incluir dois sistemas lexicais - os termos de medida e os termos de classe, além de um sistema gramatical maior entendido por dois rótulos: gênero e o sistema das classes de nomes (GRINEVALD 2000, p. 55).

1.5.2 Gênero e classe dos nomes: a porção mais gramatical do sistema

Segundo Taylor (1994, p. 565) o gênero não é incluído na tipologia dos classificadores ou é considerado um caso extremo do sistema de classe dos nomes. Para Grinevald (2000, p. 55) a maior característica de um sistema de gênero é que ele é um tipo de classificação nominal que não é sempre aberta no nome em si, mas ecoa em outros elementos da cláusula, variando de acordo com a língua. Esse sistema, também chamado de concordial, é atribuído a todos os nomes de uma língua e é marcado, obrigatoriamente. Ele é o mais limitado sistema de classificação nominal em termos de número de classes. Nas línguas do indo-europeu o gênero dispõe de duas ou três classes, no máximo, que são: masculino, feminino e neutro.

As classes dos nomes/gênero são uma classe maior dos sistemas de classificação nominal, e a tradição, desde sempre, foi contrastar essa classe com os chamados classificadores. O gênero teria relação com os aspectos de sexo (sendo as línguas do indo-europeu os casos prototípicos), já a classe dos nomes seria considerada mais exótica, sob um ponto de vista eurocêntrico (GRINEVALD 2000, p. 57). Segundo Aikhenvald (2000, p. 19) a classe dos nomes se realiza fora do nome em si, usualmente em modificadores que incluem adjetivos, mas que podem incluir modificadores de classes fechadas (demonstrativos, interrogativos, possessivos, etc.) e podem se realizar ainda em frases nominais, em predicados, e até mesmo em advérbios. Segundo essa autora, a classe dos nomes é a maneira mais gramatical usada para a categorização semântica dos nomes de uma língua. Essa forma de categorização é largamente encontrada em línguas africanas, como as da família Bantu (TAYLOR 1994, p. 565). Poder-se-ia dizer que o gênero e a classe dos nomes estariam num extremo do contínuo (+gramatical), considerando-se sua posição numa escala (+ ou – lexical/+ ou – gramatical).

1.5.3 Termos de classe/termos de medida: a porção mais lexical do sistema

Segundo Grinevald (2000, p. 58) os sistemas de classificação de ordem (+ lexical) do contínuo são de natureza diferente. Os chamados termos de medida são mais lexicais por serem semanticamente composicionais/de frases nominais analíticas, e os termos de classe são mais lexicais porque operam em processos composicionais e derivacionais no nível morfológico da palavra.

Os termos de medida são comuns a todas as línguas do mundo e expressam quantidade, como nomes de massa para a identificação de unidades, ou nomes contáveis, dos quais especificam arranjos particulares, como *copo* d'água, *fatia* de pão, para massa, ou *pilha* de livros, *fila* de carros, para nomes contáveis (GRINEVALD 2000, p. 58).

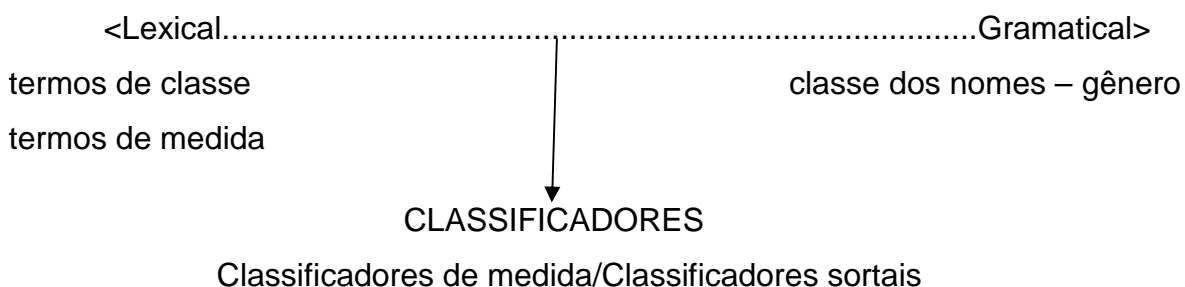
Segundo essa autora, nas chamadas línguas de classificadores verdadeiros, classificadores e termos de medidas encontram-se na mesma categoria semântica, mas são considerados separadamente, como classificadores sortais e classificadores de medida. Eles podem receber também os nomes de não-quantitativo e quantitativo, respectivamente. Os sortais categorizam segundo critérios de características inerentes do referente, como forma (material ou de textura): duas [redondas] laranjas; uma [lisa e unidimensional] camisa; três [humanas] crianças. Ainda a respeito da distinção entre sortais e mensurais, Grinevald (2000, p. 59) revela: *“Although they fill out the same morphosyntactic slot, the difference between sortal and mensural classifiers matters beyond semantics in some systems of numeral classifiers. They can behave differently in agreement patterns (...)”*

Os termos de classe segundo Grinevald (2000, p. 59): *“(...) are morphemes which participate in the lexicogenesis of a language. Although their existence and classifying function are easily identified in a language, their description is often limited to a few illustrative examples. The difference between derivational morphemes and class terms that are used in compounding processes is not always worked out, and both have been labeled ‘classifiers’ at times”*. Os termos de classe são morfemas classificadores que têm origem lexical bastante clara, variando em graus de produtividade no léxico da língua. Um item bastante variável semanticamente e específico é o que se refere à classificação dos nomes de plantas, que diferenciam X-fruto/redondo VS X-árvore/longo, rígido, classificados no inglês, por exemplo, da seguinte forma: **-berry** (*strawberry, blueberry, raspberry, etc.*) e **tree** (*apple tree, banana tree, orange tree, etc.*). Mas pode haver combinações de variação morfológica e os termos de classe podem indicar classes de agentes como, ainda no inglês: **-ist** (*cardiologist, chemist, novelist*) ou **-er** (*carpenter, baker, singer*) (GRINEVALD 2000, p. 59). A lingüista alerta ainda para o fato de que muitos lingüistas, a exemplo de Lehmann (1911), com estudos de línguas Rama, terem tratado por classificadores, elementos que na verdade eram, em sua base, termos de classe. Ela reforça que mesmo sendo semelhantes aos classificadores, esses morfemas não são usados tipicamente

em expressões quantificadoras ou qualquer outro tipo de operação na morfossintaxe.

Grinevald (2000, p. 60) revela que a relação entre termos de classe e classificadores tem causado confusões sobre esses dois tipos de classificação nominal, pois sua relação é muito estreita. Inclusive, classificadores e termos de classe podem coexistir numa língua, como foi atestado por De Lancey (1986 *apud* GRINEVALD 2000).

Os classificadores constituem sistemas gramaticais de classificação nominal num nível intermediário do contínuo léxico-gramatical, (GRINEVALD 2000, p. 61):



Para compreendermos melhor a distinção entre os classificadores e a classe dos nomes/gêneros, do ponto de vista gramatical (baseada na classificação feita por Dixon em 1986) segue uma lista (GRINEVALD, 2000, p. 62)¹⁸:

Sistema de classe dos nomes/gêneros	Sistema dos classificadores
1. classificam todos os nomes	2. não classificam todos os nomes
3. resumem-se a um pequeno	4. acontecem em largo número

¹⁸ Grinevald (2000, p. 62) ressalta que essa tabela é baseada num modelo prototípico de dois modos, o gênero em línguas do Indo-europeu e a classe dos nomes de famílias lingüísticas como o Bantu, por um lado, e os classificadores numerais de línguas asiáticas do leste e sudeste, de outro.

número de classes	
5. são um sistema fechado	6. são um sistema aberto
7. fundem-se a outras categorias gramaticais (definição, número, caso)	8. constituintes independentes
9. podem ser marcados no nome	10. não se fixam ao nome
11. realizados em operações de concordância	12. formalmente marcados
13. (N) unicamente marcado numa classe sem variação entre falantes	14. (N) possibilidade de ser marcado em várias classes por vontade do falante
15. registros não mostram variação	16. uso formal/informal

1.6 UM ESTUDO TIPOLÓGICO DOS CLASSIFICADORES

Segundo Aikhenvald (2000, p. 05) o estudo sistemático da tipologia dos classificadores é relativamente recente e remonta aos anos 80. De acordo com essa autora, uma tentativa de se estabelecer uma tipologia para essa classe nominal, semântica e gramaticalmente, havia sido iniciada por Dixon (1968, 1982), Denny (1976), Allan (1977) e Craig (1986a). Porém, uma revisão de pesquisas e utilização de novos dados com línguas indígenas sul-americanas trouxeram luz aos estudos tipológicos dos classificadores e de outras classes de palavras:

(...) the typological parameters of classifiers and other agreement categories have had to be revisited in the light of new data, especially those from previously undescribed South American Indian languages (e.g DERBYSHIRE and PAYNE 1990; CRAIG 1992, forthcoming; CORBETT 1991, *apud* AIKHENVALD 2000, p. 06)

De acordo com Grinevald (2000, p. 62) grande parte da terminologia usada era orientada morfossintaticamente e se referia ao *locus* dos classificadores, taxando-os como morfemas que se acoplam ou ficam juntos a. Há quatro tipos mais conhecidos e formalmente estabelecidos de classificadores: os numerais, os de nomes, os genitivos e os mais complexos em sua expressão e relativamente menos conhecidos, os verbais.

Os classificadores numerais são os tipos mais comuns. São chamados de numerais porque acontecem em contextos de quantificação, como morfemas presos ou livres¹⁹. Podem variar de um morfema livre a um afixo, ou na forma de um morfema fundido. Além de acontecerem em palavras quantificadoras, podem acontecer em demonstrativos, e ocasionalmente, em adjetivos. Encontra-se esse classificador em todas as línguas das principais ilhas do sudeste asiático (thai, burmese, etc.), além de várias outras do leste como o mandarim e o japonês. Também são comuns a línguas da América e Oceania (GRINEVALD, 2000, p. 63).

Os classificadores de número dividem-se em dois subtipos: os sortais, ou classificadores verdadeiros, e os mensurais ou classificadores quantitativos, que se parecem com os chamados termos de classe. A seguir, tem-se exemplo de classificador numeral em Tzotzil, língua estudada por Berlin (1965), que tem oito tipos de classificadores de número (GRINEVALD, 2000, p. 64):

(01) Tzotzil (Mayan; DE LÉON 1988, p. 68 *apud* GRINEVALD 2000)

j-p'ej k'an-al alaxa

um-CL(REDONDO) amarelo-ATTR Laranja

'uma laranja redonda'

Os classificadores de nomes realizam-se como morfemas livres em frases nominais, próximos dos nomes ou ao redor da frase nominal com outros determinantes. São encontrados independentemente de realizações de

¹⁹ Esse tipo é referido por outros autores como numerativo (BECKER 1986), de número (SANCHES 1973), de nome (ERBAUGH 1986, *apud* GRINEVALD 2000, p. 63)

quantificação (GRINEVALD, 2000, p. 64-65). São comumente encontrados e classificados em línguas da Meso-América (ramo kanjobalan da família maia, Mixtec Otomangueano). Parecem ter existido também entre línguas australianas, apesar de num estágio de menor gramaticalização. Esse tipo foi bastante ignorado, menos estudado entre as classes nominais, e pouco documentado nas línguas do mundo. Em exemplo do Jakalteco (CRAIG 1986^a, p. 264 *apud* GRINEVALD 2000):

(02) xil naj xuwán no7 lab'a
viu CL.(HOMEM) John CL. (ANIMAL) cobra
'(HOMEM) João viu a (ANIMAL) cobra'

Os classificadores possessivos, como o nome indica, aparecem em construções possessivas. Normalmente acontecem ao lado do possuidor, mas classificam semanticamente o termo possuído. Esse tipo seleciona grupos limitados de palavras para classificação nas línguas, tem um grau bastante alto de significação cultural, constituindo uma classe próxima dos nomes alienáveis, determinados pelas línguas em particular (GRINEVALD 2000, p. 66). São comuns às línguas da Oceania e da Micronésia, como o ponapeano (REHRG 198, p. 184 *apud* GRINEVALD 2000):

(03) yu -kon ka'ka
GEN/1p -CL. (ARMA) arco
'meu (ARMA) arco'

Os classificadores verbais acontecem na estrutura da frase nominal, sendo classificadores que acontecem dentro da forma verbal. Ele não classifica o verbo em si, mas algum argumento nominal do verbo. Os classificadores verbais têm sido encontrados em línguas norte-americanas e australianas. Há dois tipos básicos, segundo Grinevald (2000, p. 67): o primeiro é uma construção de

incorporação do classificador, e nela o classificador continua reconhecível na forma de um nome genérico. O outro tipo se aproxima da semântica dos classificadores numerais e consiste na classificação dos afixos que se encontram bastante erodidos fonologicamente. Um exemplo do primeiro tipo em Cayuga (iroquiano, Ontario; MITHUN 1986, p. 386-8 *apud* GRINEVALD 2000):

(04) ohon'atatke: ak-hon'at-a:k

3s-batata-triturada pass/1-CL (BATATA)-comer

'Eu comi uma batata triturada'

Os anos 80, segundo Grinevald (2000), foram uma época frutífera para o desenvolvimento de inúmeros trabalhos a respeito de sistemas de classificação nominal, e grande ênfase passou a ser dada aos classificadores, em particular. Os estudos de muitas línguas asiáticas, de tipo isolante, mostraram que a existência de classificadores dá-se em diversas instâncias discursivas, como verificado no Cantonese de Kilingley (1981) ou no Mandarim Chinês de Li & Thompson (1981), Erbaugh, (1986) e Zhang (2007).

Os sistemas de classificação nominal ainda apresentam outros tipos mais complexos de classificadores, menos conhecidos e estudados, como o caso dos classificadores demonstrativos e/ou de artigos, que foram descritos por (KLEIN 1979 & VIDAL 1995 *apud* GRINEVALD 2000) em duas línguas argentinas, o Pilaga e o Toba.

Casos que envolvem sistemas de classificação nominal complexos de diversas línguas da região amazônica têm suscitado bastante atenção e são tema do ensaio "*Noun Classification Systems of Amazonian Languages*" de Desmond Derbyshire & Doris L. Payne (1990). Um bom exemplo pode ser visto com a língua Tariana, de Aikhenvald (1994), que foi classificada pela autora como possuindo sistemas de múltiplos classificadores. Segundo Grinevald, esses sistemas de classificadores são considerados híbridos, ou ao invés disso, sistemas de classe nominal de natureza menos gramaticalizada, como os sistemas de Niger-Congo. São extensivamente concordiais, com morfemas de classificação que ensejam termos de classe no nome em si, e tipos aliterativos de

concordância em vários elementos da cláusula. Em consonância com a proposta tipológica da autora, poder-se-ia dizer que não haveria tipos de classificadores co-existindo, mas parte de um complexo sistema de concordância mais próximo dos sistemas de classe nominal, na língua Tariana.

De acordo com Grinevald (2000, p. 70) algumas línguas do ramo Kanjobalan, da família maia, a exemplo do Jakaltek (CRAIG 1986a, 1987 *apud* GRINEVALD 2000), corroboram melhor como exemplos de sistemas de múltiplos classificadores:

NPs can exhibit concurrently up to four sets of classifying morphemes in the following pattern: (...) 1. Fused numeral classifiers. They distinguish three categories: human/animal/inanimate and resemble gender agreement. 2. Independent numeral classifiers: they distinguish about a dozen of sortal classifiers, including categories of vertical, circular, round, three-dimensional flat and large classes. 3. Plural classes: (...) have sets of plural morphemes (of two or three markers) which distinguish between human, animal, inanimate. 4. Noun classifiers: this is an omnipresent classification system in those languages (...)

Ainda no intuito de propor argumentos que confirmem a existência de diferentes tipos de classificadores, a autora demonstra que os diferentes tipos morfossintáticos apresentados correspondem a diferentes princípios de categorização semântica. Ela fala da função semântica dos classificadores prevista por Denny (1976, p. 122 *apud* GRINEVALD 2000) em termos de interação humana com os objetos, que podem ser, basicamente, dos tipos: física, funcional e social.

Compreendendo os estudos que correlacionam tipos de classificadores e categorias semânticas particulares, Grinevald (2000, p. 72) formula uma hipótese na qual estipula que um perfil semântico particular corresponde aos três maiores tipos de classificadores, como segue: a) classificadores numerais = categorias físicas (duas *redondas* laranjas, três *longos e rígidos* lápis); classificadores genitivos = categorias funcionais (minha *comestível* fruta, sua *transporte* canoa); classificadores nominais = categorias materiais/de essência (um *animal* veado, *homem* João). Segundo a autora um estudo preliminar para avaliar essa

correlação foi requerido por Olness (1991) com treze línguas contendo quinze instâncias de classificadores, entre eles cinco dos maiores tipos considerados. Os resultados atestam uma relação morfossintático-semântica para preferência nos classificadores numerais dos aspectos semânticos físicos, nos classificadores nominais para aspectos semânticos materiais, e nos genitivos houve uma preponderância dos aspectos semânticos funcionais. Segue uma tabela ilustrativa com os resultados obtidos com a pesquisa, para melhor visualização (GRINEVALD 2000, p. 73)²⁰:

Distribuição dos aspectos semânticos dos tipos de classificadores			
Aspectos semânticos	Tipos morfossintáticos de classificadores		
	Numeral	Nome	Genitivo
Físico	63%	0%	2%
Material	11%	78%	12%
Funcional	26%	22%	86%

Esse modelo de descrição tipológica orienta, em geral, os trabalhos de descrição de línguas atualmente, quando se trata dos sistemas de classificação em línguas naturais.

1.7 OS ESTUDOS SOBRE CLASSIFICADORES NAS LÍNGUAS DO MUNDO

A atenção conferida pela lingüística aos chamados classificadores nominais é relativamente recente e remonta à década de 1970, época do pioneirismo dos estudos em tipologia de línguas de Joseph Greenberg, um dos primeiros estudiosos a dar relevo aos estudos de classificadores (GREENBERG 1972; 1977). Essa foi também a época em que o pesquisador australiano Keith

²⁰ É importante ressaltar que em relação aos classificadores de nomes na língua Latundê, os aspectos semânticos físicos são o tipo morfológico mais comum (TELLES, 2002).

Allan fez um estudo comparativo a respeito desses morfemas na classificação nominal de diversas línguas do mundo e que resultou, em 1977, num artigo chamado *Classifiers*. Naquele texto, Allan aponta algumas das características comuns verificadas entre os classificadores por ele estudados:

within the terms of this papers, classifiers are defined on two criteria (a) they occur as morphemes in surface structures under specifiable conditions; (b) they have meaning, in the sense that a classifier denotes some salient perceived or imputed characteristic of the entity to which an associated noun refers (or may refer) (...) (ALLAN 1977, p. 285).

Em 1982, o australiano R.M.W Dixon divulgou sua pesquisa com a língua aborígine australiana Dyirbal, contendo os resultados do trabalho de descrição feito junto à comunidade em meados dos anos de 1970. O texto contava como aqueles povos referenciavam objetos, coisas e seres vivos e imaginários através de quatro morfemas: **bayi**, **balan**, **balam** e **bala**, que eram empregados imediatamente anteriores ao núcleo nominal, para distinção das coisas reais e abstratas do universo da cultura Dyirbal, de acordo com critérios experienciais, de propriedade, de crenças e mitos. Os resultados de sua pesquisa levaram Dixon a reconhecer aqueles morfemas como sendo classificadores nominais.

Num primeiro momento, os estudos sobre os morfemas classificadores foram feitos com línguas do leste e sudeste asiático, continente rico em línguas do tipo isolante. Essas línguas mostravam claramente a ocorrência, principalmente, de morfemas que se ligavam a radicais numerais, caracterizando algum nome na cláusula. Por ser o tipo mais comum e facilmente identificado e explicado, o classificador numeral passou a ser o protótipo desse tipo de estrutura, servindo de base para o reconhecimento de outros tipos de classificadores em outras instâncias comunicativas.

Nos últimos anos, os trabalhos com classificadores avançaram em diversas direções, evidenciando um maior interesse para a compreensão dos sistemas de classificação nominal existentes nas línguas do mundo, sobremaneira com a descoberta de diversas línguas da região da bacia amazônica, na América do Sul,

que evidenciaram a necessidade de uma revisão dos trabalhos em classificação e tipologia lingüística, a partir da aquisição de dados de línguas antes desconhecidas da ciência da linguagem. Nesse quadro, evidenciamos os trabalhos com línguas amazônicas e as pesquisas sobre classificadores em diversas delas, de Aikhenvald (2000), além das propostas em tipologia dos classificadores de Grinevald (2000), que serão tratadas mais adiante.

1.8 OS CLASSIFICADORES NAS LÍNGUAS AMAZÔNICAS

No universo das línguas do mundo, os classificadores têm denotado grande atenção dos lingüistas, e compõem grande parte dos estudos em gramáticas, sendo explicados e descritos em muitas delas. De acordo com Grinevald (2000, p. 50)²¹ o interesse pelo estudo desses morfemas aumentou muito, sobretudo à partir dos anos de 1980, e a região da Bacia Amazônica tem despertado interesse particular por parte dos lingüistas que se interessam pela composição de gramáticas de línguas minoritárias, pois lá se encontra uma grande diversidade de línguas indígenas, as quais apresentam diferenças pontuais quando o assunto é, por exemplo, o fenômeno da classificação nominal.

Em um artigo intitulado *Noun Classification Systems of Amazonian Languages* Desmond C. Derbyshire e Doris L. Payne propõem tratar dos sistemas de classificação nominal mais comuns, comparando por volta de vinte línguas amazônicas. Eles dizem que dentre os quatro tipos mais conhecidos de classificadores, há dois bastante comuns entre as línguas estudadas, os classificadores numerais e os concordiais²², além de um tipo mais recentemente descrito e menos conhecido, o classificador verbal (MITHUN, 1986 *apud*

²¹ Trabalhos sobre a estrutura semântica dos classificadores (ADONIS e CONKLIN, 1973) e (LAKOFF 1986/1987), seu uso pragmático (BECKER 1986; CARPENTER 1986; LÍON 1988 e HOPPER 1986) sobre seus papéis gramaticais (CRAIG 1987; DAWNING 1986; HOPPER 1986; LEHRMAN 1979; SEILER 1986; SERZISKO 1981) suas origens e vias de desenvolvimento (CRAIG 1990a; LANCEY 1986; GREENBERG 1972; MITHUN 1986); sua aquisição (CARPENTER 1988; DEMUTH 1988; ERBAUGH 1986; MATSUMOTO 1993) e perda (DE LEÓN 1987; GANDOUR, BUCKNGHAM e DANDARANANDA 1985).

²² Segundo o modelo estabelecido por Allan (1977).

DERBYSHIRE & PAYNE, 1990). Os autores dizem, ainda, que a tipologia definida por Allan (1977), que mostra o que seriam as características comuns aos classificadores, em diversos momentos da pesquisa, mostrou-se insuficiente para explicar os fenômenos da classificação nominal daquelas línguas amazônicas. Os classificadores da região amazônica seriam muito mais uma mistura de dois ou três tipos.

Os três tipos de classificadores apresentados anteriormente funcionam freqüentemente como anafóricos discursivos, função bastante proeminente nas línguas amazônicas, referindo-se a entidades que não foram dadas explicitamente na frase nominal ou na sentença em que o classificador ocorre. De forma geral, eles apresentam-se semelhantes semanticamente, aos propostos no modelo de Allan, e Segundo Derbyshire & Payne (1990): “*The semantic basis for classification varies in detail from language to language, but in general the primary categories reflected in the various systems follow Allan’s groupings: material (animate vs inanimate), shape (long, flat, round, etc.), consistency (flexible, rigid), size (big, medium, small), location, arrangement (configuration, position) and quanta (single, dual, plural, etc.)*”. Além dessas classes mais típicas, eles incluem as categorias adicionais (veículo, instrumentos e casas)²³.

Derbyshire & Payne (1990, p. 247) informam que os classificadores em línguas amazônicas distinguem-se discretamente dos três tipos mais prototípicos e apresentam oito características distintivas, que se explicam no nível da morfossintaxe e da semântica. Primeiramente, alguns deles têm características de sistemas de número, embora não ocorram com número (caso de Arabela) ou acontecem apenas quando o numeral é o predicado, num tipo de construção do tipo predicado-adjetival (caso do Sanuma); outros possuem características de sistemas de número, mas tomam a forma de afixos, não sendo palavras separadas. Além disso, muitas línguas amazônicas que possuem características de sistemas de número não são do tipo isolante, mas do tipo polissintético.

²³ Há quatro grandes famílias que não dispõem de sistemas de classificadores: Caribe, Jê, Pano e Tupi-Guaraní. Algumas línguas dessas famílias, porém, apresentam um sistema incipiente, como a incorporação verbal em partes do corpo de línguas caribe e pano, e o uso de nomes possuídos genéricos em Caribe (DERBYSHIRE & PAYNE 1990, p. 244).

Ainda, segundo os autores, há um pequeno grupo de classificadores com função de dois, ou até três sistemas (excetuando-se o gênero), que constituem um sistema integrado único ao invés de dois ou três sistemas separados, caso das línguas Amarakaeri, Nomatsiguenga, Chayahuita, Huitoto, Piaroa, Tucano, Mundurukú, Waorani, Yagua e Arabela.

Derbyshire & Payne (1990, p. 246) dizem também que, embora o gênero seja comumente distinto de outros sistemas, pelo menos uma família possui um sistema de gênero complementar e integrado ao sistema concordial de não-gênero e o sistema numeral, o Tucano. Outras línguas como o Yagua, o Arawa e o Nomatsiguenga possuem os sistemas concordial, de gênero, e de não-gênero funcionando independentes uns dos outros. Outras, com sistemas de incorporação verbal têm desenvolvido também função numeral e/ou concordial na mesma base, como Mundurukú, Amarakaeri, Chayahuita e Waorani.

Outra diferença marcante relatada é o fato de que, em algumas famílias e línguas o mesmo grupo de classificadores pode desempenhar função flexional e derivacional, caso que acontece no Yagua, Tucano, Huitoto, Cahuapana. Essa característica também é apresentada entre os sistemas de classificação nominal das línguas da família Nambikwara.

Derbyshire & Payne (1990, p. 246) apresentam um sumário dos tipos de sistemas de classificação encontrados entre as línguas amazônicas, e dividem as línguas analisadas por meio dessas características comuns. Entre as línguas pesquisadas, há as que apresentam apenas um dos tipos de sistema (numeral, concordial ou verbal), outras apresentam sistemas que envolvem dois dos tipos, e outras exibem os três tipos. Há ainda, outros grupos de famílias e línguas que parecem não apresentar claramente nenhum tipo de sistema, ou que apresentam a evidência da emergência de algum sistema de classificador.

Os autores destacam, entre as línguas que dispõem apenas de sistemas de classificadores numerais, a língua Sanuma²⁴ (da família lanomâmi) e a língua Gavião, que teriam um sistema diferenciado, mais parecido com o tipo canônico.

²⁴ O Sanuma é, inclusive, classificada como uma língua menos polissintética (DERBYSHIRE & PAYNE 1990, p. 246)

Os classificadores numerais acontecem como lexemas separados nessas línguas, o que é comum a línguas isolantes, e não há concordância com os constituintes da frase nominal, ou o verbo, ou incorporação de classificadores em verbos.

Entre as línguas que possuem apenas classificadores concordiais há dois subtipos, um primeiro que possui apenas sistema de gênero (como o Apurinã e o Piru, ambas da família Arawak Maipuran), e o segundo que tem o sistema de gênero e o de não-gênero (Membros da família Arawá como Deni, Jamamadi, Madija, Culina e Paumari)²⁵.

Entre os classificadores de gênero, de Apurinã e Piro (ABENDOUR, 1985; PICKERING 1973 & 1977 *apud* DERBYSHIRE & PAYNE 1990), não há marcação aberta de gênero nos nomes, ele é assinalado na forma do prefixo de sujeito e sufixos de objeto, no verbo e também nos demonstrativos. Entre as línguas do segundo tipo, que possuem sistema de gênero e não-gênero, esses dois sistemas são independentes, mas interagem para produzir uma complexa concordância intra-clausal (DERBYSHIRE & PAYNE 1990, p. 250).

Entre as línguas que possuem sistemas mistos, numeral e concordial, estão as da família Tukáno. Segundo Derbyshire & Payne (1990, P. 250) nessas línguas há a distinção animados VS inanimados. Em Tuyuca, por exemplo, há mais de 80 classificadores para inanimados que são sufixados a números, demonstrativos inanimados e nomes, incluindo radicais verbais nominalizados e genitivos. As categorias semânticas desses classificadores podem incluir forma e arranjos, topologia e botânica, aspectos anatômicos, e outros domínios. Segundo os autores, a função concordial nessas línguas é relativamente fraca, pois esses nomes raramente ocorrem em discursos normais e quando ocorrem, geralmente ocorrem sem classificadores.

Diversas línguas do tronco Tupi, como o Baniwa Kuripacu, que conta com trinta e três classificadores (AIKHENVALD 1997 e MELGUEIRO 2009), ou Mundurukú (GOMES 2009), ou do tronco Jê, como o Akwê-Xerente (SIQUEIRA 2011) possuem classificadores, além de todas as línguas da família Tukáno, do

²⁵ As línguas Maipurá e Arawá tem sido incluídas entre as línguas da família Arawak, mas segundo Arion Rodrigues, há diferenças consideráveis entre elas, e mesmo entre as línguas da família Maipurá há diferenças significativas (Derbyshire & Payne, 1990: 249),

Alto Xingu, o Tariana (AIKHENVALD 2003) e o Mehinaku (MORI 2011) da família Aruák, que contam ambas com sistemas conhecidos como de múltiplos classificadores. Há ainda todas as línguas da família Nambikwara (WETZELS, 2000; TELLES 2002; ARAÚJO 2004; EBERHARD 2007), línguas da família Karib, como, o Kwazá (VOORT 2004).

1. 9 ONDE ESTÃO OS CLASSIFICADORES

Sabe-se que a classe dos nomes (incluindo gênero) é o sistema de classificação mais comum entre as línguas européias, que não dispõem de classificadores²⁶. O sistema de três gêneros é presente entre as línguas do indo e do nordeste caucasiano, como o armênio, algumas línguas iranianas, o Bengali e o Persa. As línguas afro-asiáticas têm dois gêneros: masculino e feminino. Já o Munda indiano possui distinção de gênero para animados e inanimados. Há ainda sistemas mais complexos com até cinco gêneros, como entre as línguas do nordeste caucasiano e sul da Índia, o dravidiano, o burushaski e o ket. As classes dos nomes são também o sistema mais comum entre as línguas da África, incluindo as de Níger e Congo que possuem um extensivo sistema de classes (com mais de 20 tipos de concordância de número) ou as do Nilo-Saara que não possuem gênero, mas um sistema que enseja sistemas de classificação nominal entre sufixos de derivação nominal e marcadores de plural que não fazem concordância. É também o sistema mais comum às línguas de Papua, da austronésia, da não-austronésia e de diversas línguas do norte asiático como o turco, o urálico ou o mongol e as línguas dos aborígenes da Austrália e de parte das Américas do Norte, Central e do Sul (AIKHENVALD 2000, p. 77-80).

²⁶ Expressões como a *glass of water* (um copo d'água) ou a *pound of sugar* (um cubo de açúcar) carregariam o que se definiria como "labelled classifiers" por alguns lingüistas. Daí alguns lingüistas tratarem o Inglês como sendo uma "classifier language" (ou língua de classificares) (GRINEVALD 2000: 58).

Entre as línguas que possuem classificadores estão as do leste asiático como o chinês, o japonês, o coreano, o vietnamita, o malaio, e o thai, as do sudeste e oeste da Ásia como o Bengali e o Munda; as línguas do nordeste do Pacífico, o chamado Tsimshiânico; as da mesoamérica como a língua clássica maia e outras derivadas modernas dela, além de diversas línguas indígenas da região da bacia amazônica e algumas poucas da África.

CAPÍTULO II – TIPOLOGIA LINGÜÍSTICA E A CLASSIFICAÇÃO DAS LÍNGUAS NAMBIKWARA, ESTRUTURA DO NOME E CLASSIFICADORES NAS LÍNGUAS DA FAMÍLIA

Introdução

Neste capítulo, trata-se de forma resumida, sobre o modelo de análise em tipologia de línguas proposto por Croft (2003). Além disso, expõem-se os primeiros estudos realizados desde o século XVIII, com os irmãos Friedrich (1808) e August van Schlegel (1818), até o modelo morfológico proposto por Sapir (1921) e o modelo sintático de Greenberg (1954), que orientaram, e orientam, grande parte dos trabalhos realizados em descrição tipológica de línguas. O principal objetivo é oferecer uma visão mais ampla sobre a classificação morfológica dos tipos de línguas existentes no mundo, e colaborar para o entendimento do tipo polissintético, verificado entre as línguas da família Nambikwara.

Além disso, há uma revisão sobre a estrutura do nome e sobre os classificadores nominais, retirados dos trabalhos de composição de gramáticas Nambikwara de David Eberhard (2007), Gabriel Antunes de Araújo (2004), Stella Telles (2002) e Menno Kroeker (2001). Para tanto, pretende-se mostrar, por meio de tabelas que explicam a ordem de máximo e mínimo constituinte, a palavra nominal, salientando-se a configuração dos classificadores nominais. Além disso, procura-se apontar em que níveis da sintaxe atuam esses classificadores, com pretensões de se oferecer um panorama desses morfemas, e explicar sua funcionalidade em nível do SN.

2.1 A tipologia nos estudos de Croft

De acordo com Croft (2003, p. 01) em sua base, o termo tipologia era sinônimo de 'taxonomia' ou 'classificação', um estudo de tipos, particularmente de tipos estruturais. Essa definição foi bastante empregada durante o século XIX.

Contemporaneamente, uma definição para a tipologia é a de que ela deve fazer algum tipo de comparação entre línguas. Uma segunda definição é a de que a tipologia é um estudo dos fenômenos que ocorrem sistematicamente entre línguas, sendo essas generalizações universais lingüísticos. E uma terceira, e última definição, seria a de que a tipologia representa uma aproximação ou um aporte teórico que contrasta com uma aproximação maior, como o estruturalismo americano e o gerativismo (CROFT 2003, p. 02). Essa visão é bastante próxima do funcionalismo, pois parte do princípio de que a estrutura lingüística deve ser explicada em termos de seu funcionamento. Por isto, a tipologia é por vezes chamada de tipológico-funcional. Ainda de acordo com este autor, a teoria tipológico-funcional foi reconhecida nos anos 70, com diversos expoentes como Givón, Haiman, Comrie, Hopper & Thompson.

Segundo Croft (2003, p. 03) os modelos explanatórios que são usados por tipologistas incluem motivações de competência, economia, iconicidade, processamento, mapas semânticos em espaços conceituais e um repensar a argumentação sintática.

Croft (2003, p. 05) refere-se aos estudos com tipologia lingüística como sendo fundamentalmente comparativos e cita a tradição gerativa e funcionalista em tipologia, mas faz ressalvas ao modo como essas escolas pensaram e conduziram esses estudos. O autor admite que um estudo genuinamente tipológico para a construção de uma gramática, ou sobre fonologia, ou sobre outros aspectos em estudos de línguas deve examinar a variação que acontece entre um largo número de línguas, o que aproxima sua visão da tradição nos estudos comparativos em lingüística histórica: "*Typology examines a broad sample of languages in order to discover universals of language structure and propose explanations of those language universals*" (CROFT 2003, p. 05). Sendo assim, a tipologia está ligada aos universais lingüísticos. Ele ressalta, porém, que os objetivos finais entre sua tipologia e os estudos em lingüística histórico-comparativa são bastante diferentes.

Mesmo admitindo que os estudos tipológicos devem ser realizados em termos da funcionalidade das línguas, Croft refuta a idéia de que tipologia é simplesmente um estudo da variação de como as línguas se diferenciam umas das outras, em suas estruturas. Uma tipologia descritiva deve fazer generalizações que expliquem o quanto elas podem variar, sendo essas generalizações universais.

A tipologia e os estudos gerativos interessam-se por descobrir esses universais lingüísticos, entretanto, a escola de Chomsky e a de Greenberg têm diferenças notáveis. A escola gerativa seria uma reação ao psicologismo behaviorista, enquanto que a tipologia seria uma reação contra o relativismo antropológico. O psicologismo é anti-universalista, pois nega o inatismo com sua visão de estímulo-resposta sobre a competência lingüística. Já o antropologismo propunha que as línguas variam arbitrariamente, e por isto sofreu duras críticas de Greenberg e de outros estudiosos que perceberam, num estudo mais sistemático, e com um número substancial de línguas, que não há apenas uma grande variabilidade, mas restrições a essa variação.

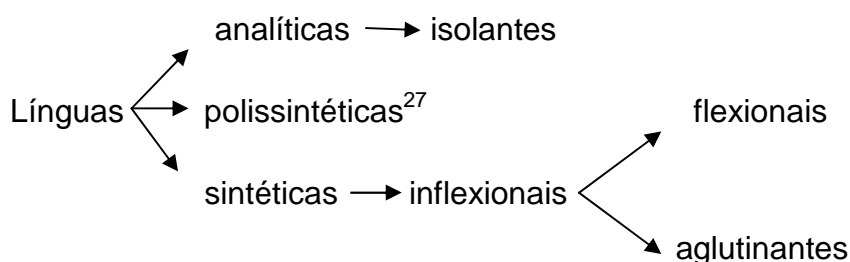
De acordo com Dalla Pria (2006, p. 114) a classificação tipológica procura, por meio de um único parâmetro gramatical, descrever os vários tipos de línguas conhecidos.

2.1.1 De Schlegel a Sapir

Os primeiros estudos em tipologia foram feitos ainda no século XVIII, com a tradição morfológica de Adam Smith, e posteriormente com os alemães Friedrich (1808) e August von Schlegel (1818), que expõem o domínio das línguas flexivas: as analíticas e as sintéticas. Uma língua sintética seria mais complexa e amalgamada, fazendo uso de caso, gênero, número, tempo, aspecto e etc, enquanto que as analíticas fariam uso de construções perifrásticas (DALLA PRIA 2006, p. 114). A partir desses modelos, define-se a classificação clássica para os

tipos de línguas: isolantes (ou monomorfêmicas), aglutinantes e flexivas (ou fusionantes).

Contrário a alguns princípios criados por Schlegel e seus antecessores, Humboldt (1963) critica a justificativa de Schlegel para a passagem de uma língua de sintética para analítica, que se assentaria no contato entre-línguas, além de criticar outros princípios de análise utilizados pelo pesquisador alemão, sugerindo, assim, a “ordenação ideal”, baseada na forma, especificamente na morfologia (DALLA PRIA 2006, p. 115). Nessa avaliação, consideram-se os tipos de línguas como mais perfeitos (flexionais e isolantes) e menos perfeitos (aglutinantes e incorporantes). Além desses tipos, há um tipo chamado de polissintético que equivale às línguas que se utilizam de um grande número de afixos, fazendo uso de elementos que em outras línguas assemelham-se a advérbios, nomes e mesmo verbos. Do ponto de vista estrutural, teríamos (DALLA PRIA 2006, p. 117):



Segundo Dalla Pria (2006, p. 118-9) com o estruturalismo lingüístico, muda-se a visão da tipologia lingüística, que passa a postular que as línguas possuem uma estrutura sincrônica, e não mais diacrônica. O lingüista Edward Sapir (1921) faz uma revisão da tipologia do século XIX, apontando a possibilidade de formas diferentes de classificação.

²⁷ De acordo com Aikhenvald (2007), as línguas chamadas de polissintéticas caracterizam-se por possuírem palavras com extrema complexidade interna, sendo possível de possuírem um grande número de morfemas, representando praticamente uma oração inteira. Exemplos de línguas polissintéticas são o esquimó, algumas línguas do Cáucaso e várias da região amazônica, dentre elas, todas as línguas da família Nambikwara.

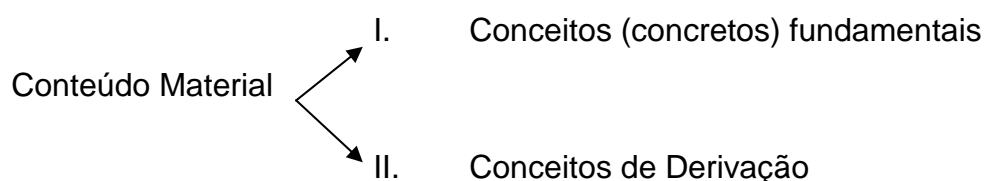
2.1.2 A tipologia morfológica de Sapir

Sapir destaca a dificuldade da classificação tipológica, posto que, em geral, as línguas não apresentam características puras de um único tipo. Mesmo assim, o autor entende que se pode classificar como um tipo aquele que é preponderante, mesmo que haja a mescla de um ou mais, como línguas analíticas (com características fusionais e isolantes) ou polissintéticas (com características aglutinativo-isolantes) o que acaba por resultar em um quadro diferenciado para as diversas línguas existentes no mundo. Nas palavras do autor:

Há justificação para o uso de todos êsses títulos, mas não, parece-me, com o alcance que comumente se lhes dá. Seja como fôr, é difficilimo distribuir tôdas as línguas conhecidas por esses grupos, que, de mais a mais, não se excluem uns dos outros. Uma língua pode ser ao mesmo tempo aglutinativa e flexional, ou até polissintética e isolante (...) (SAPIR 1971, p. 125-6)

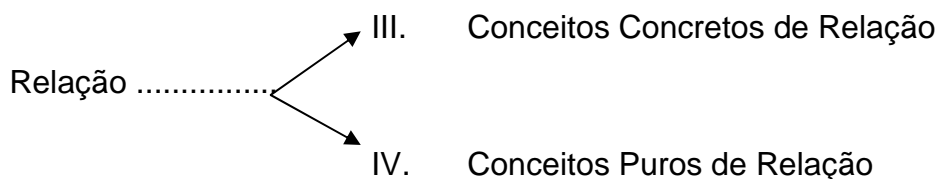
Para Sapir (1971, p. 130), em deferência aos quadros apresentados por lingüistas anteriores, que, segundo o autor, tendiam a uma classificação, muitas vezes, legada à supremacia de umas línguas sobre as outras, a língua polissintética, por exemplo, não seria, por si só, diferente de uma sintética, mas apresentaria um grau mais alto de subordinação por afixação e mudanças “simbólicas”²⁸ do radical, com interferências na sintaxe, sendo um tipo mais elaborado.

O autor procura relacionar os tipos diversos de línguas por meio de conceitos gramaticais, que vão do seu valor concreto à faculdade de exprimir relações sintáticas:



²⁸

Grifo do autor.



Aplicado à tipologia de línguas, esse quadro auxilia no estabelecimento dos tipos lingüísticos, que de acordo com o autor, seriam: A – os que exprimem os conceitos dos grupos I e IV, com línguas que mantém pura a relação e não possuem poder para a modificação da significação de seus radicais por meio de afixos e mudanças internas; B – línguas que exprimem conceitos dos grupos I, II e IV, que seriam as que mantêm puras as relações sintáticas e possuem poder para a modificação da significação dos seus radicais por meio de afixos ou mudanças internas; C – línguas que exprimem os conceitos relativos aos grupos I e III, e que têm suas relações sintáticas expressas em conexão necessária com conceitos que não são inteiramente omissos em significação concreta, mas que afora isto, não possuem o poder de modificar a significação dos radicais por meio de afixos ou mudanças internas; D – línguas que exprimem conceitos de I, II e III, em que as relações sintáticas são expressas sob um aspecto misto, como em C, e que também possuem o poder de modificar a significação dos radicais por meio de afixos ou mudanças internas (SAPIR 1971, p. 138-9).

De acordo com essa classificação, a língua chinesa se caracterizaria por ser o extremo do tipo analítico e mais isolante, do grupo A, e outras estariam distribuídas em outros tipos mistos, como as analíticas do tipo aglutinativo-isolante, como o polinésio, ou fusional-isolante, como o cambojano. Já o tipo preponderantemente polissintético identificaria línguas como o yana (Califórnia do Norte) aglutinativo (com matiz simbólico), ou o haída, aglutinativo-isolante, ou os tipos majoritariamente sintéticos como o turco, num extremo aglutinativo, e o salinan (Califórnia do Sudoeste) mais fusional, para citar alguns exemplos (SAPIR 1971 p. 142-3).

De acordo com Bybee, Perkins & Pagliuca (1994, p. 115-6) a tipologia morfológica que classifica as línguas de acordo com o tipo de expressão morfológica é bastante usada para a classificação de línguas. Por essa

classificação, línguas altamente monomorfêmicas são consideradas analíticas ou isolantes; as línguas de palavras morfologicamente complexas, em que as fronteiras de morfemas são claramente discerníveis são consideradas aglutinativas; as de palavras multi-morfêmicas e com muitos processos internos de fusão são chamadas de fusionais ou flexionais. Para os autores, a classificação de Sapir é feita de acordo com os tipos de significados expressos pela língua. Para Sapir, certos tipos de forma expressam certo tipo de significado e, portanto, a tipologia da forma morfológica é também uma tipologia do significado gramatical. Sendo assim, sua tipologia semântica vai dos conceitos concretos ou lexicais para os conceitos mais abstratos e relacionais, os conceitos gramaticais.

Greenberg (1954) introduz um importante conceito sobre a tipologia lingüística, o que ele chamou de tipo lingüístico, além de observar que os limites sobre os tipos analítico, sintético e polissintético não eram muito claros (DALLA PRIA 2006, p. 119).

Segundo Dalla Pria (2006, p. 120) a tradição dos estudos tipológicos no século XX concentraram-se na sintaxe, também chamado este estudo de tipologia da ordem dos elementos. Nessa tipologia, as palavras ou constituintes são tratados em nível do sintagma nominal, de acordo com as anteposições e as posposições. A chamada ordem básica, a mais comum, seria SVO (sujeito-verbo-objeto) e SOV (sujeito-objeto-verbo). As outras quatro ordens acontecem em menor grau (VSO, VOS, OVS, OSV).

2.2 Classificação das línguas Nambikwara

Tradicionalmente, a família Nambikwara tem sido considerada como sendo isolada, já que os estudos comparativos realizados para se identificar o grau de parentesco não apontaram qualquer ligação genética entre esta e outras famílias lingüísticas. Mas internamente à família, a atitude de classificar as línguas Nambikwara foi motivo de diversos estudos (ROQUETTE-PINTO 1919, LÉVI-

STRAUSS 1948 RONDON & FARIA 1948, LOUKOTKA 1968, PRICE 1978, RODRIGUES 1986). De acordo com Telles (2002, p. 24), a família Nambikwara é uma das menores, e seria, de acordo com Rodrigues (1986, p. 74-5) constituída de três línguas, duas das quais representadas por grupos dialetais.

No intuito de estabelecer os diversos graus de parentesco genético entre as línguas dessa família, o antropólogo David Price (1978) lançou mão de um trabalho comparativo que utilizava listas com cognatos de três línguas Nambikwara: o kithãulhu, o Sabanê e o Mamaindê. A partir dos resultados desse trabalho o pesquisador propôs uma fonologia Proto-Nambikwara. Esse estudo propunha estabelecer um inventário dos fonemas das diversas línguas da família, para a obtenção de resultados mais claros sobre o parentesco genético entre elas (TELLES 2002, p. 25).

Num artigo denominado *Nambikuara* Lowe (1999, p. 269) ordena a família lingüística Nambikwara da seguinte forma:

- (1) Dialeto nambikuara complexos do sul
- (2) Mamaindê/Negarotê
- (3) Sabanê

Por essa ordenação, apenas duas línguas fariam parte das línguas do norte e o sul contaria doze dialetos, além da língua considerada isolada, mais distante geneticamente, o Sabanê. Nessa classificação também não constam outras três línguas do ramo Nambikwara do norte, o Tawandê (considerada extinta), o Latundê e o Lakondê.

Atualmente, uma revisão dessa classificação permitiu que se dividissem as línguas em três grupos: Nambikwara do Norte, Nambikwara do Sul e Sabanê (TELLES, p. 2002):

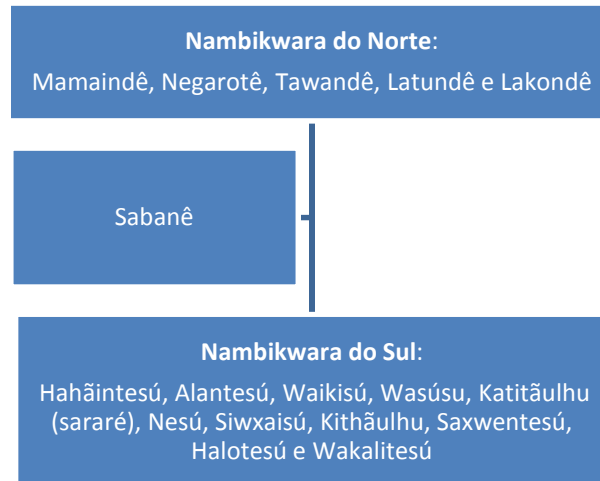


Figura 1.0

2.2.1 Apresentação das línguas Nambikwara

Conforme referido no início do capítulo, apresenta-se a palavra nominal nas línguas Mamaindê, Latundê, Sabanê e Kithãulhu, com vistas a facilitar o entendimento sobre a estrutura do nome, e destacando-se a posição ocupada pelos classificadores.

Em seguida, apresentam-se os tipos de classificadores nominais presentes nessas quatro línguas e seu comportamento morfossintático, além de seu funcionamento, quer seja em nível mais lexical, com os termos de classe, quer seja em nível mais funcional, verificando-se sua atuação em vários níveis dentro do sintagma nominal. Também encontram-se listas contendo os tipos de classificadores por língua, com alguma informação sobre a semântica desses morfemas.

2.2.2 A palavra nominal e os classificadores nas línguas Nambikwara

As línguas da família Nambikwara caracterizam-se por serem altamente polissintéticas²⁹, o que significa dizer que a raiz nominal pode agregar múltiplos afixos, com funções bem variadas. O nome se caracteriza por receber, normalmente, prefixos indicadores de posse e sufixos variados que podem indicar gênero, número, temporalidade, referencialidade, e classificadores variados.

Os classificadores atuam em nível mais lexical, em processos de derivação e na composição de palavras novas nessas línguas. São verificados diversos processos de formação de palavras contendo esses morfemas, que se originam da forma como esses grupos lidam com o seu meio, como compreendem as relações de troca com esse meio, e como constroem relações de identificação dos objetos com base em princípios de semelhança ou de uso, ou por critérios mais abstratos de classificação. Os classificadores apresentam baixo grau de transparência etimológica³⁰.

No que tange à ordem dos constituintes, o classificador acontece, normalmente, sufixado a um núcleo nominal, e imediatamente anterior a um morfema sufixal final com valor referencial. Essa é considerada a posição canônica para essas quatro línguas. Ainda assim, nenhum dos constituintes do nome é compulsório³¹. Muitos classificadores têm mostrado um alto grau de lexicalização, constituindo-se em parte da raiz nominal, como verificado no nome /mankalo/ (roupa) no Latundê, que carrega um classificador para objetos lisos e unidimensionais, e que não apresentou nenhuma ocorrência do nome /man/ em isolado, para citar um exemplo.

A ordem comum dos constituintes oracionais é (SOV), com a ocorrência, entre orações intransitivas, da ordem (SV). Funcionalmente, verificam-se diversos

²⁹ Sobre línguas polissintéticas, ver (SAPIR, 1921)

³⁰ Em relação à origem lexical, o Latundê parece também apontar para uma possível origem de alguns de seus classificadores como tendo surgido das partes do corpo animal e vegetal. O classificador para objetos flexíveis -teḥ é encontrado, por exemplo, no nome cobra *tehre*, que é animal flexível, dobrável. Porém essa discussão requer um estudo mais aprofundado e poderá ser retomada num trabalho futuro.

³¹ Com exceção de Kroeker (2001) que verificou o sufixo de definitude (DEF) em todas as ocorrências do nome, inclusive nas operações em nível da sintaxe.

processos em que os classificadores tomam parte e nos quais têm papel fundamental, como em nominalização de verbos estativos e ativos, em construções possessivas, em construções demonstrativas, em construções numerais, como substitutos anafóricos, ou como atributivos de características próprias do referente. Nem todos esses processos foram verificados em todas as quatro línguas. O Sabanê, por exemplo, apresenta um sistema de classificadores menos produtivo em comparação com o Latundê (ARAÚJO 2004, p. 114). O Mamaindê, por outro lado, possui um sistema de classificadores muito atuante, de mais tipos e mais estável, relativamente (EBERHARD 2007, p. 330).

A seguir, faz-se uma revisão da palavra nominal e dos classificadores, considerando-se sua atuação na formação de palavras lexicais, como termos de classe, e funcionalmente, cumprindo variados papéis sintáticos na cláusula, retirados dos seguintes trabalhos: *Mamaindê Grammar, A Northern Nambikwara language and its cultural context* (EBERHARD 2007), *A Grammar of Sabanê, A Nambikwaran Language* (ARAÚJO 2004), *Fonologia e Gramática do Latundê/Lakondê* (TELLES 2002) e *Gramática descritiva da língua Nambikuara* (KROEKER 2001).

Mamaindê: de acordo com Eberhard (2007, p. 324) as categorias gramaticais de Mamaindê são: verbo, nome, advérbio, conjunções e interjeições. Os adjetivos são formas verbais. Ainda segundo o autor, o nome em Mamaindê pode existir formalmente como raiz ou frase nominal, e funcionalmente como sujeito ou objeto da cláusula.

Ele recebe tipicamente morfologia nominal como marcadores de posse, classificadores nominais, marcadores de plural, modificadores nominais, e sufixo nominal final. Nenhum desses elementos é obrigatório, por isto, tanto o nome pode receber um grande número deles como pode ocorrer sozinho.

O nome é geralmente composto de uma raiz nominal e pelo menos um afixo, embora a raiz possa acontecer sozinha como um morfema livre. Há um grande número de afixos, alguns acontecendo como prefixos e outros como sufixos, embora haja uma tendência a haver mais sufixação que prefixação.

Segue um quadro com a estrutura de máximo constituinte no nome em Mamaindê (EBERHARD 2004, P. 327)³²:

Posse	R	Autenticidade	NCL -	Gênero	Plural	Marcador	Demonstrativo	Inclusivo/ restritivo	FNS (Sufixo nominal final)
1p.	A		Vários	-∅		temporal			
2p.	I			-Fem.		Nominal			
3p.	Z					-pass.			
1p.pl						-fut.			

Tabela 1.

2.2.3 Os classificadores na língua Mamaindê

O Mamaindê conta com vinte e quatro morfemas classificadores, largamente encontrados e produtivos na língua. Em Mamaindê, os nomes são tipicamente classificados de acordo com atributos físicos. Isto inclui características de forma de seres/objetos sólidos (arredondados, lisos, finos, etc.) e estado físico de entidades não-sólidas (pó, líquido). Outros se definem por sua função (casa, continente), e outros por critérios mais abstratos (tempo, lugar, gênero, etc). Alguns nomes carregam classificadores obrigatórios e vários outros, não. Em outras instâncias, os classificadores são redundantes e opcionais.

Os classificadores dessa língua são sufixados a uma raiz nominal e seguidos de um sufixo nominal final³³ com valor referencial. Para (EBERHARD 2007), esses morfemas funcionam muito mais como adjetivos. Nas palavras do autor: “Os classificadores funcionam mais como adjetivos, sendo formas

³² Tradução livre

³³ Em Sabanê os morfemas referenciais (REF), que ocorrem em posição final, são **-mi** ou **-mali**, e que instam de forma obrigatória, mesmo que o substantivo apareça isoladamente, ver (ARAÚJO 2004, p. 92); em Mamaindê são as formas **-tu** e **ãni** que ocorrem em todas as categorias nominais, ver (EBERHARD 2007, p.347), aqui são chamados de sufixo nominal final (FNS). Em Lakondê, esses sufixos são grafados como **-te**, identificados como referenciais (REF).

*compostas presas a raízes para explicá-las de maneira mais precisa quando a raiz, por si só, não especifica o item em questão*³⁴ (EBERHARD 2007).

Dos vinte e quatro classificadores de Mamaindê, identificam-se alguns semelhantes aos morfemas classificadores de Sabanê, Latundê e Kithãulhu, que caracterizam itens quanto à forma ou substância, sendo estes os tipos mais prototípicos³⁵. Alguns são diferentes na forma, mas são utilizados em contextos discursivos parecidos. Os classificadores mais comuns de Mamaindê são: -kalo, que identifica objetos lisos e espessos, -t^hãñ? que identifica objetos com formato de folha, finos/unidimensionais, -kañin para objetos redondos e esféricos, -k^hat? relacionados aos finos e compridos, -t^hũ e -nũ para substâncias como pó, pasta ou granulados, -teh e -leh para os objetos com formato de fio, dobráveis. Seguem exemplos:

(05) ih -kalo -tu
correr -NCL.LISO -FNS
'coisa lisa que corre/automóvel'

(06) sakĩñ? -nũ -tu
areia -NCL.PÓ -FNS
'areia'

(07) lah -kañin-tu
novo -NCL.REDONDO -FNS
'criança'

³⁴ Tradução própria

³⁵ Sobre prototipicidade em tipos de classificadores, ver Capítulo 1, itens 1.1 e 1.2.

Os classificadores participam em construções genitivas, após o morfema conector -ã (EBERHARD 2007, p. 335):

(08) toh- ã- ja- tu

Abelha-GNT-NCL.LÍQUIDO-FNS

líquido da abelha/mel

Em Mamaindê, os classificadores funcionam atribuindo características próprias do nome ao qual se referem, e também individualizando esses referentes, como se comprova no exemplo que segue (EBERHARD 2007, p. 498):

(09) antonio -so?kã na-?aik-tu nahohto? aat-lat^ha-ø-wa

Antonio -NCL.HUM. PS3-lugar-FNS muito grande-S3-PRS-DECL

‘A terra de Antonio é muito grande’

Os classificadores de Mamaindê também podem cumprir função anafórica. Nesse caso, fazem menção a um nome referido anteriormente no discurso, marcado contextualmente, que não precisa ser novamente mencionado. Um classificador, então, cumpre esse papel. Segue exemplo (EBERHARD 2007, p. 336):

(10) nakatos -tu na -halo -k^hu un -je? -lat^ha -ø -wa

Negarotê -FNS PS3 -lugar -NCL-LUGAR longe -Emp. -S3 -PRS -DECL.

‘A terra dos Negarotê é muito longe’

nain?toh, nak^hu naih ?ai -ten -a? -ø -wa

CN.mesmo assim 3p.-NCL.LUGAR continuar ir -DES -1p. -PRS -DECL.

‘Mesmo assim eu continuo querendo ir lá’

(Contexto: como o informante já havia mencionado a palavra -halo apenas o classificador permanece na estrutura da cláusula, como anafórico)

Em construções possessivas também se admite o uso de classificadores (EBERHARD 2002, p. 329):

(11) na -haiʔka-toʔ-sa-tu

PS3-palavra-AUTH-NCL:LÍQUIDO/FALA-FNS

‘sua fala verdadeira’

E ainda, com a nominalização de verbos, um recurso extremamente utilizado nessa língua para a criação de novos nomes. Embora muito comum com verbos estativos, pode também ocorrer com verbos ativos (EBERHARD 2007, p. 503):

(12) lah-kanĩn-tu ta-satau-le-ø-hĩn-wa

Novo-NCL.RED.-FNS nascer-RS-I.Pst-S3-PST/NVis-Decl

‘O novo redondo (a criança) nascida.’

Em expressões de quantificação também temos a ocorrência de classificadores nominais (EBERHARD 2007, p. 504):

(13) waun-teh-tu paah-kanaka-teh-tu joha-le-n-nan-wa

vermelho-NCL.FIO-FNS dois-um-NCL.FIO-FNS trocar-I.Pst-S2-PST-DECL

‘fios vermelhos, três fios, você trocou’ (Você trocou três colares vermelhos)

O autor discorre ainda sobre a natureza metafórica dos classificadores, notabilizando as relações entre os classificadores e a cultura desse grupo, compreendendo as expressões metafóricas como parte da visão de mundo dos Mamaindê (EBERHARD 2007, p. 338):

(14) ta -set -a -sa

1p-falar-GNT-NCL.LÍQUIDO/FALA

'minhas palavras'

Os classificadores de Mamaindê também demonstram a ocorrência da função concordial, como se percebe no exemplo (EBERHARD 2007, p. 504):

(15) waun- teh- tu paah- kanaka- teh- tu joha- le- n- nan- wa

vermelho-NCL.FIO-FNS dois-um-NCL.FIO-FNS trocar-I.Pst-S2-Pst-Decl

'Fios vermelhos, três fios, você trocou' (você trocou três colares vermelhos)

Segue um quadro com os classificadores de Mamaindê (EBERHARD 2007, p. 331-5):

Classificadores (segundo critérios de forma, estado físico de entidades não sólidas, função ou mais abstratos)	Tipos
Objetos longos, tridimensionais, feitos em madeira	-kalo
Objetos redondos, ovais ou oblongos	-kanĩn
Objetos com forma larval ou de folha	-t ^h ãñ?
Objetos em forma de fio, corda, finos e dobráveis	-teh/-leh
Substâncias como pó, granuladas ou trituradas	-t ^h ũ /-nu
Objetos hemisféricos ou continentais	-sen / -len / -k ^h en

Objetos lisos, finos, unidimensionais	-k ^h atʔ
-sa / -ja / -na	-sa / -ja / -na
Lugar ou propriedade	-t ^h in / -nĩn
Humano ou coisa animada	-soʔki / -soʔka
Grupo, lugar inespecífico, coisa abstrata, verbo nominalizado	-t ^h ã
Grupo de pessoas	-si
Animal ou planta	-ki
Lugar	-k ^h u
Rio	-weh
Borda ou banco de areia	-kunʔ
Área ou espaço	-na
Tempo	-hen
Preto	-tunni
Pardo	-eiʔni

Pintado	-kalokalon
Gaguejar	-ĩu
Qualidades de “peixe seco”	-hahau
Qualidade de pessoa desastrada	-t ^h ut ^h i

Sabanê: de acordo com Araújo (2004), o domínio nominal nesta língua consta de elementos obrigatórios e opcionais. Pronomes possessivos, sufixos derivacionais e classificadores são componentes opcionais. Os sufixos derivacionais são obrigatórios quando em isolado e opcionais nas sentenças. Segundo Payne (1997, p. 26, *apud* ARAÚJO 2004), ‘as operações de flexão são requeridas pelos arranjos sintáticos em que a raiz aparece, e normalmente não alteram o significado de base expresso pelo conceito’³⁶. Os pronomes possessivos e os sufixos referenciais são parte das operações de flexão, enquanto que a classificação é parte da derivação porque gera novos itens lexicais por afixação à raiz nominal.

Estrutura de máximo constituinte do nome em Sabanê (ARAÚJO 2004, p. 89)³⁷

NOME						
(Flexão)-	Raiz	(raiz)	-(Derivação)			-flexão
Poss-		(Raiz)	(Tamanho)		(Classificadores)	-Ref
		(raiz) sukwin	{Aumentativo} -ta	{Dininutivo} -mata	-anon -isi	-mi -mali

³⁶ Tradução livre
³⁷ Tradução livre

		maysili maysunon maytelson			-amoka -akata -api -inun -iawa	-OBJ. -k
--	--	----------------------------------	--	--	--	-------------

Tabela 2.

2.2.4 Os classificadores na língua Sabanê

Em Sabanê, há sete tipos diferentes de classificadores que denotam propriedade física de acordo com a forma ou consistência do conceito ao qual um dado nome se refere. De qualquer forma eles não são atributivos e não servem para discriminar entre coisas e objetos e são opcionais, apesar de muito freqüentes.

O mais freqüente classificador é –akata que se refere a objetos longos e feitos em madeira, tridimensionais. O classificador –isi se refere a objetos que têm a forma redonda, oblongos ou ovais. O classificador –iawa designa objetos em forma de meia lua, enquanto –amoka diz elementos de forma larval ou em forma de serpente. O classificador –api se refere a objetos em forma de fio, corda, fibra, mas diferente dos outros ele é compulsório. –inun que se refere a substâncias em forma de pó ou trituradas, amassadas. O classificador –anon se refere a formas hemisféricas. Estes morfemas ocupam uma posição relativamente livre na palavra. Logo após a raiz nominal, ou imediatamente anterior ao sufixo referencial (REF). Exemplo:

(16) anaypa -akata -mi
 perna -NCL:Longo -REF
 ‘perna’

Os classificadores dessa língua funcionam também para atribuir características próprias dos referentes, como consta no exemplo que segue:

(17) katatali? -motoka -t- -iawa -mi
 homem branco -caneca -Link- -NCL:CAVO -REF
 ‘marmiteira’

Como substitutos anafóricos, fazendo menção a um item apontado anteriormente no discurso. Vemos dois exemplos de Sabanê, com o classificador -anon que substitui a-motuka ‘sua cabaça’, e com o classificador -akata substituindo ‘ararutas’:

(18) anon -mi -san -n -∅³⁸
 CL.HEMI (anaf. de cabaça) -REF -pegar -Suf. verb. Imp.
 -t -osa -n -∅
 1pac. dar Suf. verb. Imp.
 ‘Pegue-a (a cabaça) e dá-ma!’

(O classificador se refere ao elemento aludido no contexto, substituindo-o por completo)

(19) akata -bala -n -al -
 CL. LONGO (anaf. de araruta) -dois -Suf. verb -Pres. Irr. -Asser.
 ‘São duas (ararutas)’

(Contexto: o informante é perguntado sobre a quantidade de ararutas que estão guardadas no balaio. Como a palavra araruta já havia sido mencionada antes, ele usa um classificador, como anafórico)

³⁸ n = sufixo verbal; Imp. = Imperativo; 1pac. = primeira pessoa paciente;

Os classificadores ocorrem em nomes (nome + verbo-adjetival) pela configuração: NOME -(VERBO ADJ.) -(LIG) -CLASS.-REF). Assim, temos construções adjetivas, como em:

(20) tapulisi -minu -tisi -mi
 pedra -ser polido -NCL.RED. -REF
 'pedra polida'

(21) apiawa sowa -tiawa -mi
 casca de árvore ser molhado -CL:CASCA -REF
 'casca de árvore molhada'

Os classificadores nessa língua parecem também cumprir função concordial (Antunes, 2004: 104):

(22) tapawlu takayli.iawa sukwin- tiawa- mi
 pote de barro pedaço.CL:CASCA pequeno-CL:CASCA -REF
 'pequeno pedaço de pote de barro'

Segue um quadro com os classificadores de Sabanê (ARAÚJO 2004, p. 113-17):

Classificadores (segundo critérios de forma, estado físico de entidades não sólidas)	TIPOS
Objetos longos, tridimensionais, feitos em madeira	-akata
Objetos redondos, ovais ou oblongos	-isi

Objetos em forma de meia lua	-iawa
Objetos com forma larval ou de folha	-amoka
Objetos em forma de fio, corda, finos e dobráveis	-api
Substâncias como pó, granuladas ou trituradas	-inun
Objetos hemisféricos ou continentes	-anon

Latundê: segundo Telles (2002, p. 149) “O nome em Latundê se caracteriza por receber prefixos de posse e sufixos classificadores nominais e referenciais. Sintaticamente, o nome ocorre como núcleo de frase nominal”. Os subconstituintes são opcionais, e são apresentados entre parenteses na tabela que segue. O nome e o sufixo referencial são compulsórios.

Estrutura de máximo constituinte do nome em Latundê (TELLES 2002, p. 150):

NOME							
Prefixos	Morfema lexical		Sufixos				
Prefixos flexionais	Radical		Sufixos derivacionais/sistema de classificação			Formas opcionais	Sufixos referenciais
(posse)	RAIZ	(Raiz)	(Tamanho)	(Forma)	(Consistência)	(Sufixos variados)	Referenciais

De acordo com Telles (2002, p. 149), esse nome, sintaticamente, é núcleo de frase nominal e ocupa as duas posições de argumento verbal. Segundo a autora, os processos de formação de palavra são realizados através das composições: nome + nome, nome + verbo=nome e nome + ideofone e da derivação, que acontece por sufixação. Os morfemas derivacionais são agrupados de acordo com as noções que expressam, e a maioria deles usa morfemas classificadores para a formação de palavras novas, inclusive nos empréstimos do português. Seguem exemplos:

(23) kownpayt-kiniwi-te (TELLES 2002, p. 181)

tatu pequeno-pequeno-REF

tatu pequeno 'espécie de tatu'

(24) son-kah-te (TELLES 2002, p. 185)

árvore do jacu-comprido/tridimens.-REF

'árvore do jacu' (espécie de árvore)

2.2.5 Os Classificadores na língua Latundê

Segundo Telles (2002, p. 197) "*Os classificadores constituem um sistema de formas presas, de forte conteúdo lexical, que apresentam sobreposição funcional, por ocorrerem em processos de derivação nominal e no sistema de classificação nominal*". Eles são considerados morfemas classificadores por ocorrerem em outros níveis da gramática, em expressões de quantificação, construções genitivas e anafóricas, em expressões demonstrativas, em nominalização de verbos e incorporação nominal. Outro tipo encontrado nessa língua é o que Allan (1977) chamou de classificador concordial.

O Latundê apresenta quatro classes de palavras, duas abertas (nome e verbo) e duas fechadas (pronome e advérbio). É nos verbos que os conceitos de número e adjetivos são encontrados. Os classificadores são bastante ativos na língua, participando na criação de novos itens lexicais. Em expressões de quantificação, segue exemplo com classificador (TELLES 2002, p. 203):

(25) min -kinĩn pan-kanah-kinin-tãn-ta

batata -RED.OBL.TRID. ser dois-ser um-CL:RED.OBL.TRID. Impf. Ant.

‘Eram três batatas-doces’

Os morfemas classificadores de forma e consistência participam em construções anafóricas, classificando vários nomes. Quando o referente ainda não foi expresso pode ocorrer também a afixação do classificador nominal na base nula ĩ-. Vemos exemplos dessa ocorrência em (TELLES 2002, p. 207):

(26) kaloh ǵ?-tãn-ta

CL: SUPERFÍCIE PLANA/UNID. ser grande -IMP. -ANT

‘A tábua era grande’

E numa construção com o uso da raiz nula ĩ- (TELLES 2002, p. 208):

(27) ĩ-kaloh kanah-tãn-ta

RN-CL: SUPERFÍCIE PLANA/UNID. ser um -IMP -ANT

‘Era uma roupa’

Com os prefixos de posse afixados aos nomes e pela presença opcional do marcador de possuído, dá-se a construção genitiva (TELLES 2002, p. 209):

(28) tǵ-ni-tu

1-CL: HEMISFÉRICO-ref

‘Minha casa’

Os classificadores também participam em construções demonstrativas. O pronome de terceira pessoa *hãj*, cumpre a função de demonstrativo, como no exemplo que segue (TELLES 2002, p. 211):

(29) *hãj kon-kinĩn-te*

DEM jabuti-REDONDO/OBL./TRID. -Ref

‘este/esse/aquele Jabuti’

A nominalização de verbos estativo-adjetivais e numerais é outra função realizada através de classificadores nominais (TELLES 2002, p. 216):

(30) *koloh-kinĩn-te*

feder-CL:REDONDO/OBL.TRID.-Ref

‘fruta fedida’

Um outro processo ativo em Latundê é a reduplicação do classificador *-kah*, para objetos alongados e tridimensionais. Esse classificador foi empregado para indicar que há muitos palmitos no acuri e no açari, nos exemplos que seguem³⁹:

(31) *wájhi-da-kakaj-te*

açari-grande-CLR:LONGO/TRIDIMENS -Ref

‘palmitos de açari’

(32) *loj-kaka-kah-tãn-ta*

acuri-CLR:LONGO/TRIDIMENS-CL:LONGO/TRIDIMENS-Imp-ant

‘São palmitos de acuri’

Os dados de Latundê também demonstram a ocorrência de mais de um classificador num único sintagma nominal. Isto pode resultar do fato de um

³⁹ Esse trabalho contou com a utilização de dados do *corpora* de Stella Telles, gentilmente cedidos. Os exemplos (31), (32) e (33) são resultado de nova audição e análise feitas pelo pesquisador com a língua Latundê. O estudo continua em andamento.

desses classificadores estar mais lexicalizado, compondo parte da raiz nominal e, e o outro especificar a forma do objeto em questão:

(33) iʃi-kinĩn-kah-te

árvore pororoça-REDONDO/OBLONGO/TRID-CL:LONGO/TRDIMENS-Ref

‘árvore pororoça’

Os classificadores de Latundê são, de acordo com Telles (2002, p. 180):

FORMA	-kah-	‘longo/tridimensional’
	-kinĩn-	‘redondo/oblongo/tridimensional’
	-kaloh-	‘superfície plana/unidimensional’
	-kih-	‘pontudo’
	-teh-	‘longo/flexível’
	-sen- -ni-	‘hemisférico’
CONSISTÊNCIA	-saw- -jaw-	‘líquido’
	-su-	‘pó’

Kithãulhu: em sua Gramática Nambikwara do Sul (KROEKER 2001) afirma que “as raízes nominais formam o núcleo do substantivo e que outras raízes podem também ser nominalizadas para formar núcleos de substantivos. Para o autor, existem na língua nominalizadores de ação, agente e advérbio, que formam parte da oração principal, mas que parecem um tanto longas e complexas. Eles podem se ligar ainda a oração principal, um pronome ou pró-verbo.

Segundo Kroeker (2001, p. 06) há quatro tipos de orações em Nambikwara: intransitivo, transitivo, estativo e equável, sendo os dois primeiros tipos verbais e os outros dois não-verbais. As orações verbais destacam-se pelas raízes verbais

e pela relação do verbo com o objeto ou pela falta do objeto. As orações não verbais destacam-se pelos constituintes que formam elementos não-verbais como os substantivos ou pronomes e pela obrigação ou não destes substantivos. Há restrições relativas à ocorrência de sufixos pessoais de tempo verbal ou evidencial.

Segundo Kroeker (2001, p. 60) a morfologia nominal é bem menos complicada que a verbal. A estrutura do nome em Kithãulhu foi definida pelo autor da seguinte forma (KROEKER 2001, p. 60):

+/-	+	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-
POS	SUB	CC	GR	EC	MT	DEM	CLT.N	ART

De acordo com este autor, as raízes nominativas formam o núcleo do substantivo, embora outras raízes possam ser nominalizadas para formar um núcleo deste tipo. Os marcadores de caso não se destacam uns dos outros morfologicamente, não havendo diferenças entre as formas subjetivas e objetivas, ou entre sujeitos transitivos e intransitivos. Ele ressalta ainda que em orações não-verbais acontecem pequenas diferenças porque as flexões equáveis e descritivas estão ligadas ao substantivo. Porém, se uma oração é não verbal ou transitiva, um clítico negativo liga-se ao nome na forma de sufixo (KROEKER 2001, p. 61).

2.2.6 Os classificadores na língua Kithãulhu

Segundo Kroeker (2001, p. 61), “Os *classificadores de configuração* ocorrem em muitos substantivos indicando algum aspecto da configuração do substantivo do ponto de vista dos Nambikuaras”. Alguns, porém, que na lista dos classificadores da língua figuram entre os três últimos nomes, são usados somente com nomes próprios. Os classificadores de Kithãulhu são sempre seguidos de artigo, de acordo com o autor.

Os classificadores de Kithãulhu funcionam como nominalizadores, como no exemplo do autor sobre ‘A caixa do tamanduá’ (KROEKER 2001, p. 62):

(34) kaxnaht-ẽn -su

noite-CC-OCO –INDEF

‘caixa da noite’

Esses classificadores podem ainda exercer a função de nominalizadores desverbalizantes: (KROEKER 2001, p. 62)

(35) sox -ain -ø -nũxn -a

ganhar -3pl. -3sg –CC. pó –DEF

‘O pó que eles ganharam’

A função anafórica é freqüentemente exercida com o auxílio de classificadores, segundo o próprio autor “*Os classificadores de configuração nominativos se unem a maioria dos substantivos. Em referências posteriores ao mesmo substantivo, utiliza-se somente o classificador de configuração*” (KROEKER 2001, p. 50). Ele ressalta ainda que os classificadores de ‘homem’ e ‘mulher’ também podem exercer essa função, citando o exemplo:

(36) intxi-nãuxa ãx- ain-ø- nahẽ -la (KROEKER 2001, p.50)

Homens-grupo voltar pra casa-3PL-3SG-T/E.IO.P-PF

‘Os homens voltaram para casa.’

ãx -ain -ø-nula-wakon-ain-ø-nake-la

Voltar para casa -3PL-3SG-SQA trabalhar-3PL-3SG-T/E.IO.P-PF

‘Tendo voltado (para casa), eles (os homens) trabalharam.’

Como atributivos de características próprias do referente, como exemplificado (KROEKER 2001, p. 72):

(37) sxi-hën- a bola- nxaxk- a sxa- na- la

Casa-CC-OCO-DEF bola-CC-FECHADO-DEF ficar –T/E.IO.PRES.PF

‘A bola está na casa’

Segundo Kroeker (2001, p. 100) “O sufixo classificador ocorre com a raiz adjetival para formar atributivos que modificam substantivos”, no que temos outra função efetuada por esses morfemas:

(38) wāla he- hen- kalo- a

pano vermelho RDUP⁴⁰-CC-pano-DEF

‘pano vermelho’

Os classificadores da língua Kithãulhu são (KROEKER 2001, p. 60-1):

Classificadores (segundo critérios de forma, estado físico de entidades não sólidas, função ou mais abstratos)	TIPOS
Objetos longos, tridimensionais, feitos em madeira	-kat
Objetos redondos, ovais ou oblongos	-ki
Objetos em forma de meia lua	-yen
Objetos com forma larval ou de folha	-nxãnx
Objetos em forma de fio, corda, finos e dobráveis	-ëh

⁴⁰ RDUP (reduplicação). São raízes complexas de classe 2, segundo o autor, compostas de duas sílabas, com a reduplicação da segunda (KROEKER 2001, p. 98)

Substâncias como pó, granuladas ou trituradas	-nũx
Objetos hemisféricos ou continentes	-ẽn
Objetos lisos, finos, unidimensionais	-kalo
Líquidos	-yau /-nau
Lugar ou propriedade (aldeia e casa)	-thĩn
Humano ou coisa animada (pessoa ou coisa não especificada)	-te
Pedaço, galho e lenha	-wxi
Clareira	-nãu
Ovular	-nãux
Receptáculo tampado, fruta, esfera	-nxax
Vereda ou cordão	-fihno
Homem	-ahlo
Mulher	-akalxi
Cinza	-thox

2.3 Quadro da morfossintaxe dos classificadores entre as línguas Nambikwara:

Comportamento morfossintático dos classificadores	Mamaindê	Sabanê	Latundê	Kithãulhu
Forma presa	X	X	X	X
Transparência etimológica	não	não	não	não
Como atribuidores de características próprias/inerentes do referente	X	X	X	X
Em construções possessivas	X		X	
Em construções demonstrativas			X	
Em construções quantitativas	X		X	
Como substitutos anafóricos	X	X	X	X
Em nominalização de verbos estativo-adjetivais e ativos	X	X	X	X
Em orações concordiais	X	X	X	
Em construções de raiz nula			X	
Em construções	X		X	

genitivas				
Uso metafórico dos classificadores	X			
Reduplicação do classificador			X	

Algumas conclusões

Conforme visto no trabalho, as línguas Mamaindê, Sabanê, Latundê e Kithãulhu, que compõem parte da família lingüística Nambikwara, enquadram-se de maneira satisfatória dentro da categoria de línguas polissintéticas conforme o modelo proposto por Sapir (1921), e sob a ordem sintática dos constituintes verificada por Greenberg, todas elas apresentam uma ordem dos constituintes SOV, preponderantemente.

A estrutura do nome comporta-se de maneira muito semelhante para aquelas línguas, evidenciando mais ou menos possibilidades de encaixamento de sufixos, de acordo com cada uma em específico, com uma tendência a haver mais sufixação que prefixação.

Muitos classificadores são semelhantes na forma e na função que exercem, o que colabora para o entendimento de que se trata de línguas aparentadas geneticamente. A participação de classificadores em processos de composição e derivação é comum às línguas da família Nambikwara, e um recurso extremamente importante para a criação de novos itens lexicais nessas línguas.

Entretanto, os classificadores são mais ativos, participando em mais níveis da gramática em línguas como o Mamaindê e o Latundê, e atuam em menos níveis da gramática em línguas como o Sabanê e o Kithãulhu.

Os classificadores de Mamaindê e Latundê participam em processos de quantificação, em cláusulas possessivas e demonstrativas, e como concordiais, funções que não foram averiguados entre os classificadores das outras duas línguas. Em todo caso, as funções mais proeminentes como a caracterização de itens conforme sua forma e consistência, as funções de anáfora e a nominalização foram verificados largamente nos trabalhos pesquisados para todas as quatro línguas.

A constatação de que os classificadores são mais ativos e participam em mais níveis dentro das gramáticas de Mamaindê e Latundê pode indicar uma redução da atividade e da importância dos classificadores nos sistemas de classificação de Sabanê e Kithãulhu, ou ainda, diferenças ocasionadas pela variação interna nessas línguas, provocadas, dentre outros fatores, pelo isolamento geográfico e pela história evolutiva desses grupos.

CAPÍTULO III - A CLASSIFICAÇÃO NOMINAL EM LÍNGUAS AMAZÔNICAS

Apresentação

Neste capítulo, apresenta-se um estudo comparativo sobre sistemas de classificação nominal de algumas línguas da região da bacia amazônica que apresentam semelhanças notáveis quanto ao fenômeno da classificação nominal. Alguns de seus falantes encontram-se em regiões geograficamente próximas⁴¹ ou dividem o mesmo território indígena. Esse contato entre culturas pode contribuir, sobremaneira, para a interferência de aspectos de uma língua sobre a outra, o que pode acarretar modificações estruturais e funcionais, como ressalta Johnstone (2010, p. 12)⁴². A pesquisa considera a lexicogênese dos classificadores e os processos ligados ao seu comportamento morfossintático. Segundo Derbyshire & Payne (1990) e Grinevald (2000) muitos estudos sobre classificação nominal realizados com línguas amazônicas têm coincidido ao afirmarem que elas demonstram comportamento diferente do que é encontrado em línguas de outras partes do mundo. O trabalho toma como base a proposta para uma tipologia morfossintática dos classificadores, de (GRINEVALD, 2000).

⁴¹ Os Akwẽ Xerente estão localizados no meio norte do estado de Tocantins, principalmente no município de Tocantínia, numa região relativamente próxima à dos Mundurukú que margeiam o Rio Tapajós, no Pará, e que habitam ainda a bacia do Rio Madeira-AM e a terra indígena Apiaká-MT, município de Juara. Os Panará habitam a cabeceira do Rio Iriri Novo, estado do Mato Grosso-MT (Dourado, 01), enquanto que os remanescentes Kanoê vivem a oeste e sul do estado de Rondonia-RO (Bacelar, 2004 p.24-25), bem próximos dos Kwazá (Voort, 2000) e dos Latundê (Telles, 2002). Estes dois últimos convivem numa mesma área de TI denominada Tubarão-Latundê. A noroeste do território nacional, na região do Alto Rio Negro, próximos do município de São Gabriel da Cachoeira, localizam-se os Kubeo (Chacon: 2012) e os Tariana (Melgueiro, 2009; Aikhenvald, 1994). Os Machiguenga vivem ao sul do Peru, próximos da cabeceira dos rios Urubamba e acima do rio Madre de Dios (Shepard, 1997: 30), mais distante de sua parenta, o Tariana.

⁴² “(...) Sociolinguists are likewise noticing how the larger-scale leveling effects of language and dialect contact can be counteracted by particular regional loyalties and patterns of interaction, media consumption and such, which can lead to the preservation of variant forms and the development of new differences”

A escolha dessas línguas leva em consideração o fato de a maioria delas não ser aparentada geneticamente, além de contar com sistemas de classificadores nominais. Propõe-se aqui cotejar os sistemas de classificação nominal existentes nessas línguas, verificando suas semelhanças e diferenças, a fim de se contribuir para um maior entendimento desse fenômeno entre as diversas línguas sul-americanas que possuem sistemas de classificadores nominais, e compreender, com mais clareza, o funcionamento dos sistemas de classificação de línguas da família Nambikwara.

Para a composição do corpus dessa pesquisa, parte-se dos trabalhos sobre a classificação nominal do Kanoê (BACELAR 2004), língua que pertence à família de mesmo nome, do Mundurukú (GOMES 2006) que pertence à família lingüística Mundurukú, de Tariana (AIKHENVALD 2000) e Machiguenga (SHEPARD 1997) que fazem parte da família lingüística Aruak⁴³, do Kwazá (VOORT 2000) família lingüística Kwazá, do Panará (DOURADO 2001) que juntamente com o Akwẽ Xerente (SIQUEIRA 2009; 2011) compõem parte da família lingüística Jê, do Kubeo (CHACON 2012), família lingüística Tukáno.

Kanoê: essa língua é classificada como sendo isolada por (RODRIGUES 1986, e ADELAAR 1991 *apud* BACELAR 2004), apesar de vários pesquisadores a terem confundido com a língua Canoê da família Tupí, ou até mesmo como parente entre as línguas da família Nambikwara. Ainda segundo o autor, essa língua é considerada como sendo polissintética, pelo fato de a raiz, normalmente, agregar material morfológico variado na forma presa, o que ocorre tanto nos nomes, como nos verbos e advérbios. O grau de complexidade morfológica dos vocábulos é variável, oscilando de monomorfêmicos a polimorfêmicos. A classe dos nomes de Kanoê inclui nomes, pronomes, numerais e quantificadores, verbos, advérbios, partículas e conectores. Os processos mais comuns para a formação de palavras nessa língua são: a composição, a derivação, a reduplicação e as onomatopéias.

⁴³ Esta língua da família Aruak pertence ao ramo Maipurã, pré-andino (Shepard, 1997: 30), também classificado como Aruak (Campa).

De acordo com o autor, a respeito da ordem dos constituintes: “(...) em Kanoê os pronominais possessivos e demonstrativos e os quantificadores ocupam obrigatoriamente a posição de Det, à esquerda do núcleo nominal. Por sua vez, os nomes especificativos, qualitativos ou atributivos ocupam a posição Compl. (...)”

O sistema de classificação nominal do Kanoê foi analisado com base na tipologia estabelecida por Craig (1986; 1992 *apud* BACELAR 2004), “(...) o sistema do Kanoê é do tipo verbo-incorporativo. Contudo, funciona também estabelecendo relações de concordância no âmbito dos sintagmas nominais e verbais.” Esse sistema seria, então, relativamente misto, parecido com o do Mundurukú, do Kwazá, do Aikanã, do Movima e de outras línguas da região da bacia dos rios Mamoré e Guaporé. O autor cita Derbyshire & Payne (1990) que identificaram línguas amazônicas que, apesar de serem de verbo-incorporação, apresentam relações de concordância por classificadores. Nas palavras do autor “A língua Kanoê apresenta um complexo sistema de classificadores nominais, os quais, de acordo com os respectivos traços semânticos referenciais, agrupam nomes de coisas que apresentam alguma propriedade em comum, como, por exemplo, a forma do objeto (...) os classificadores são, em larga maioria, morfemas presos que se agregam a determinadas raízes nominais (ou semantemas) acrescentado-lhes alguns semas.”

Bacelar destaca que, ao lado de classificadores etimologicamente transparentes, há muitos classificadores nominais já lexicalizados, tornados opacos, e ainda, outras vezes, os finais de palavras apresentam homonímia com os classificadores. O sistema de classificação nominal do Kanoê engloba os termos de classe (tratados como classificadores pelo autor), os CLEs (classificadores específicos) e os CLGs (classificadores genéricos). As distinções ficam por conta de parâmetros morfológicos. Os Termos de classe podem ser sufixados a raiz neutra I- e às raízes nominais e os CLEs (sufixados a raízes nominais); os CLGs só se evidenciam na incorporação verbal. O grau de lexicalização/fossilização é baixo com relação aos termos de classe, médio em relação aos CLEs e muito alto com relação aos CLGs. Como exemplo dos classificadores na língua, o autor cita o vocábulo: {opera-tsĩkwa} que significa

“maracajá”, espécie de felino, formado pela raiz nominal ‘opera’ usada para nomear animais como cão, gato ou onça e a forma decomponível ‘tsi-’ + ‘kwa’ DIM (diminutivo) + CLE (classificador específico) cristalizado.

De acordo com este autor, os classificadores são morfemas presos que acrescentam traços semânticos distintivos relativos a algum aspecto saliente do nome ao qual se referem (BACELAR 2004, p. 120). Essa língua conta com diversos tipos de morfemas classificadores que indicam os mais diversos traços referentes às formas do objeto classificado, como ser redondo -ko (para insetos e frutos), -tikwa ou -tekwa (para as sementes), ou ainda, classificadores para indicar a consistência do referente, como -mu (para os líquidos) e -tinu (para sopas e pastas). O classificador que segue indica forma/consistência de farinha, massa:

(39) atitikaña (farinha de milho)

(40) epykaña (paçoca de castanha)

Pode haver a ocorrência de mais de um classificador incorporado a um nome (BACELAR 2004, p. 110):

(41) kome-ko-mu

cupuaçu-CLE.coco-CLE.líquido

‘suco de cupuaçu’

(42) tarua-ky-ko

bicho-pau-CLE.oblongo-CLE.coco

‘bicho-pau’

Essa língua possui um grupo específico de classificadores verbais, -ro (CLV) e -to (TRA)⁴⁴, que ocorrem num grande número de verbos de Kanoê,

⁴⁴ Há ainda um classificador (ve) que é utilizado para estruturas verbais que se referem ao corpo humano (BACELAR 2004, p. 206).

exemplificados por (BACELAR 2004, p. 171) e (BACELAR 2004, p. 192), respectivamente:

(43) kani æky pejka-e ø-memu-ro e-re

criança banana assar-NZL 3-gostar-CLV DECL-AUX

‘O menino gosta de banana assada’

(44) oj aj ø-pateñu -õ-to k -e -re

3sg. 1sg. 3-conhecer-1-TRA NEG-DECL-AUX

‘Ele não me conhece’

Em estruturas sintáticas complexas, há concordância, por redundância, com esse morfema:

(45) ña kani tsurune-kaña po-ro-e-ko o-õ-kaña tsu-kaña e-re

POSS1SG criança paçoca-CLE.farinha fazer-CLV-NLZCOP comer-1-CLE.farinha gostoso-CLE.farinha DEC-AUX

‘Minha filha fez paçoca gostosa e eu comi (paçoca) gostosa’

O autor distingue para o Kanoê os chamados classificadores cujo conteúdo semântico se sobressai, os “transparentes”, (BACELAR 2004, p. 130), que são:

Classificador	Origem etimológica	Itens classificados	Exemplos
-kãna	kãna ‘farinha’	farinhas, massas, paçocas	atitikãna (farinha de milho)
-tinu	tinu ‘sopa’	sopas, pastas, lama, barro, argila, coisas pastosas	ivo-tinu (sopa de cará)
-ko		cocos, frutos de	karana-ko (fruto)

		casca dura e arredondados e afins	do patuá)
-ko		insetos (arredondados)	nã-ko (besouro)
-ky	y 'espinho'	insetos com ferrão, objetos cônicos e alongados	tarua-ky (bicho-pau)
-mu		líquidos (bebidas), relacionado a líquidos	æj-mu (chá de folhas)
-nu		objetos pontiagudos, protuberâncias pontiagudas	numu-nu (borduna); i-ka-ñu (nariz, bico de ave)
-ñu			
-ty		fios, linhas, cipós, cordas, objetos lineares	oti-ty (fio de algodão)
-tekwa	tekwa 'semente'	sementes, caroços e afins	atiti-tekwa (arroz); mapi-
-tikwa		sementes, caroços e similares	tikwa (cartucho para espingarda)
-kwa		objetos naturalmente miúdos	pyryry-kwa (piaba)
-ka		madeira, duro como madeira	mapi-ka (arco de flecha)
-kuta	i-kuta 'cabeça'	cabeça, em forma de cabeça, bola	po-kuta (cabaça)
-tæ		côncavos e	parætæ (panela)

		arredondados	
--	--	--------------	--

Tariana: segundo Aikhenvald (1999d) o Tariana é uma língua polissintética e, basicamente, do tipo “*head marking*”⁴⁵ com elementos de “*dependent marking*”. As classes abertas na língua são os verbos, nomes e adjetivos derivados. Adjetivos não-derivados formam uma classe fechada de mais ou menos vinte e nove membros. Eles dividem algumas propriedades com os nomes, algumas com os verbos estativos, e têm algumas propriedades inerentes. Os advérbios e as palavras de tempo são classes semi-fechadas. As classes fechadas incluem demonstrativos, interrogativos/distributivos, quantificadores, mais de vinte tipos de posposições, uma preposição e um dêitico gestual não-usual. Os membros de uma classe aberta ou semi-aberta podem ocupar a posição de predicado. Os verbos têm mais possibilidades morfológicas que os membros de outras classes de palavras usadas como predicados.

Os nomes derivados e flexionados de Tariana são complexos. Eles podem conter mais de vinte posições estruturais (inclusive de prefixo). As categorias nominais incluem caso, gênero, número, classificadores, tempo nominal (passado e futuro), extralocalidade, contrastividade e vários outros sufixos e clíticos.

Aikhenvald (2000, p. 94) revela que, como a maioria das línguas da família Aruak, o Tariana possui dois gêneros, feminino animado e o resto, marcados em prefixos de referência cruzada, em sujeitos e possessivos. Essa oposição de gênero é neutralizada no plural. Além disso, há um largo número de morfemas sufixais que são usados em diversas funções classificadoras. Segundo a autora, todo nome em Tariana requer um classificador. Todos os nomes inanimados são

⁴⁵ De acordo com Van Valin Jr. (2001, p. 107) as estruturas de head-marking e dependent-marking estão relacionadas a diferentes tipos de dependência, sendo as notações adotadas para a representação sintagmática de termos dependentes que permitem explicitar essas distinções. De acordo com Comrie (2001, p. 1463) nos trabalhos com gramática gerativa, as variações de dependent-marking foram relatadas como sendo comuns a todas as línguas, enquanto as de head-marking eram derivadas, primeiramente, da concordância de um termo principal com um termo dependente relevante, que até mesmo poderia provocar a deleção desse termo. Segundo Comrie (2001, p. 29) há casos em que o termo principal é não marcado e o dependente é, como *man's house*, no inglês, o que indicaria um caso de dependent-marking. Há outros, como no húngaro, em que acontece o oposto numa frase equivalente à casa do homem, *az ember ház-a* em que apenas o termo principal é marcado, e o dependente não o é, caso que configuraria head-marking.

classificados de acordo com sua forma, e os nomes animados dividem-se em femininos e não-femininos.

Aikhenvald (2000, p. 94) fala de sistemas de múltiplos classificadores, línguas que dispõem de mais de um grupo de morfemas que atuam em diversas funções, como verificado no Akatek, de Zavala (SENFT 2000). Todavia, entre grande parte das línguas amazônicas, um mesmo grupo de morfemas classificadores pode ser usado em diversas funções, em contextos morfossintáticos distintos⁴⁶. É em meio a este segundo tipo de sistema de classificação que se encontra o Tariana (AIKHENVALD 2000, p. 97). Nessa língua da família Aruak, um mesmo grupo de morfemas pode funcionar como classificadores nominais, possessivos, verbais e numerais⁴⁷. Quando funcionam como classificadores nominais⁴⁸, eles não são obrigatórios, no sentido de que nem sempre co-ocorrem com um nome, podendo ser omitidos. Além disso, seu foco está em adicionar características a um nome, e individualizar esse referente. Quando adicionados a um nome, esses classificadores adquirem uma leitura singular, mas podem ser pluralizados. Como exemplo, a autora cita *episi* que seria um nome em Tariana relacionado a objetos de metal. Quando acrescido de um morfema classificador, alguma característica do objeto é posta em destaque, como: *episi-kha* em que o classificador refere-se a objetos curvos, dobráveis, resultando em 'fio de metal'. Quando acrescido de *-pe*, *episi-kha-pe* marca-se o plural do objeto 'fios de metal'. Os classificadores nominais em Tariana não têm função anafórica.

Aikhenvald (1994, p. 415) explica que o Tariana é um caso raro, pois combina classificadores nominais, genitivos e verbais dentro de um sistema, junto ao seu sistema de classificação nominal e possui dois sistemas separados para os classificadores numerais e demonstrativos.

⁴⁶ Essa é uma característica comum a várias outras línguas amazônicas. Ver o que dizem Derbyshire & Payne (1990, Cap. 1, sessão 1.8)

⁴⁷ Este último tipo com pequena variação.

⁴⁸ Todos os classificadores nominais podem ser usados como sufixos derivacionais nominais (AIKHENVALD 2000, p. 97).

A autora apresenta uma lista resumida de classificadores possessivos, verbais e nominais e marcadores de *noun class* em Tariana (AIKHENVALD 2000, p. 95):

Classificadores possessivos, nominais e verbais	Classificadores numerais	Marcadores de <i>Noun Class</i>	Semântica
-ita	-hipa;-ita	-ite	Macho; animados não femininos
-ma	-ma	-ma	Feminino (apenas com classificadores numerais e <i>noun classes</i> se o sexo estiver em foco)
-da	-da	-da	Objetos arredondados
-dapana	-dapana	-dapana	Habitat
-ipa	-ipa	-ipa	Espaços abertos amplos
-ku	-ku	-ku	Roupa estendida
-kwema	-kwema	-kwema	Redondo e liso
-kha	-kha	-kha	Curvados
-maka	-maka	-maka	Roupas
-na	-na	-na	Longo vertical
-pa	-pa	-pa	Largo e longo
-pi	-pi	-pi	Longo, fino, vertical
-pu	-pu	-pu	Longo e oco
-pukwi	-pukwi	-pukwi	Redondo e oco

Em exemplo do uso de classificador numeral de Tariana, a autora Aikhenvald (1994, p. 424) nos apresenta:

(46) pa -na lapi

Um -CL:LONGO lápis

'Um lápis'

A autora revela que a concordância nos classificadores é obrigatória para os adjetivos e certos quantificadores, como segue no exemplo (AIKHENVALD 1994, p. 426):

(47) kwa yaphini-tha ha-da matji-da leka-kade

Int. coisa-frust. Dem-CL:REDONDO mau-CL:REDONDO quebrar-Neg.

'Que coisa ruim que este (coco) não quebra?'

Classificadores de verbo-incorporação são usados em orações passivas, bem como em predicados de relativas e cláusulas propositivas (AIKHENVALD 1994, p. 427):

(48) ha yarumakasi kada-puna-pe hipu.e-puna-pe ka-de-maka

Dem.Inan. camisa preto-CL:PLANO-PL verde-CL:PLANO-PL Rel-ter-CL:ROUPA

'Essa camisa tem listras pretas e verdes' (Esta camisa é a que tem (listras) pretas e (listras) verdes)

Mundurukú: para falar da classificação do nome em Mundurukú, Gomes (2006, p. 190-2) estabelece um contraste entre os nomes em função classificadora e os nomes sem essa função. Ele diz que os primeiros indicam um traço saliente da forma do objeto e comportam-se como modificadores de nomes, sendo sua ocorrência independente impossível. Já os segundos indicariam uma parte de um todo, em sentido literal ou metafórico, e sua forma livre é correntemente verificada na língua. Os chamados NFC (nomes em função classificadora) estabelecem uma relação de modificado-modificador com o nome com o qual se combinam, sendo este nome baixo em referência, já que não tem autonomia lexical. Para exemplificar, o autor expõe os usos puy bu (cobra) e biboy bu (braço de Biboy) e explica que não existe a palavra bu sozinha, embora

biboy possa acontecer livremente. De outra forma, a palavra puy acontece independente do NFC bu. Isto acontece porque bu em puy bu não tem referência, pois puy continua sendo cobra mesmo não sendo prosseguido pelo NFC, e pode vir com um sufixo modificador. Já bu em biboy bu, sem a função classificadora, tem referência. O autor diz ainda que puy -xiri (grande) ‘sucuri’ satura a identificação de puy, e -xiri é um sufixo, pois não participa nos processos de incorporação por repetição, nem de retomada anafórica. Para Gomes, não existe especificamente uma classe de nomes classificadores na língua Mundurukú e a função classificadora não tem caráter sistemático, pois esse sistema é “bem menos extenso” do que o que foi admitido em trabalhos anteriores realizados com essa língua.

Os nomes em função classificadora são etimologicamente transparentes em Mundurukú. Para o autor há seis tipos nessa língua, que têm origem em partes do corpo animal ou das partes vegetais, originados do universo cultural Mundurukú. Nessa língua, esses NFC ocorrem em verbos, com nomes descritivos, com verbos nominalizados, com nomes também inalienáveis, com pronomes demonstrativos e com numerais. Como o autor não aceita as hipóteses anteriores que classificavam a repetição do classificador em orações como concordância, ele considera esses processos como incorporação por repetição ou incorporação por subida. Gomes considera esses morfemas como sendo NFC (nomes em função classificadora) e não os entende como sufixos ou partículas que se ligam a nomes ou verbos atribuindo-lhes características próprias de suas formas ou funções, como admitido para os classificadores de Kanoê (BACELAR 2004). Em Mundurukú, os NFC podem combinar-se com nomes, demonstrativos ou numerais à direita, sendo seu núcleo sintático. Mas sua incorporação nos verbos dá-se à esquerda. A seguir, o autor apresenta um quadro com alguns NFC, segundo o próprio: “(...) *não exaustiva, mas bem representativa*”:

NFC	Significado primitivo	Significado derivado	Exemplos de nomes classificados		
			animal	vegetal	outros

-bu	‘dedo’	cilíndrico e flexível	puy bu (cobra); xek pu (lagarta)	ixi bu (cipó)	korda bu (corda)
-’a	‘cabeça’	arredondado	sarakay’a (tracajá)	māka’a (manga ‘esferóide da manga’)	uk’a (casa)
-’uk	‘barriga’	oco			kio’uk (flauta); māgera’uk (mangueira ‘de água’)
dup	‘folha’	foliforme	iwãp tup (arraia)	ako dup (folha de bananeira)	koykoy dup (remo)
da	‘semente’	graniforme	poro da (carrapato)	kape da (grão de café)	bōbōx da (bombom)
-’ip	‘pau’	em forma de pau, bastão		ako’ip (pé de bananeira)	rapi’ip (lápiz)

Esses nomes em função classificadora, de acordo com Gomes (2009, p. 02) originam-se de nomes de partes do corpo animal ou vegetal, sendo assim, de posse inalienável, e dizem respeito à forma do objeto. Quando em função classificadora, esses morfemas perdem seu significado primitivo, como, por exemplo, (\emptyset -bu) que significa dedo, e passam a designar a forma do objeto ao qual se referem, como puy \emptyset -bu (cobra) em que o morfema faz referência à forma cilíndrica do animal. Segue exemplo do morfema em função classificadora dup que identifica objetos e animais com formato foliforme:

(49) warepupu dup o'= tup -at'

borboleta R1.NFC 3S= R2.NFC -cair PRF

'A borboleta caiu'

Exemplo do uso de NFC em verbos, à direita do sintagma (GOMES 2009, p. 11):

(50) [[biboy] ø-bu] i -bu -pakpak

Biboy R1-dedo R2-NFC-ser.vermelho

'O dedo de Biboy está vermelho'

Classificadores em expressões quantitativas (GOMES 2009, p. 12):

(51) imên-puye 200 ø-be wuyjuyũ puĩ ø'-a

assim-porque 200 R1-em gente um R1-NFC

'Por isso, moravam 200 pessoas em uma casa'

Akwẽ Xerente: é uma língua de características aglutinantes e apresenta um padrão SOV em relação a outros tipos sintáticos (SOUZA FILHO 2007, p. 298-301 *apud* SIQUEIRA 2011). Além disso, a autora ressalta que a língua apresenta categorias vazias na posição de sujeito, o que a caracteriza como uma língua do tipo PRO-DROP.

Para o Akwẽ Xerente, Siqueira informa que os classificadores originam-se de nomes de partes do corpo, sendo, portanto, inalienáveis e etimologicamente transparentes. Esses nomes podem acrescentar valor semântico ao composto de cor, forma, função ou aspecto físico. Esses Nomes com função classificadora⁴⁹ podem estar se lexicalizando, perdendo seu sentido primitivo quando em

⁴⁹ A autora (2009) compartilha da idéia de Gomes (2004) observando esses morfemas como sendo NFC (nomes em função classificadora). Porém, em Siqueira (2011) usa o termo classificador para se referir aos mesmos tipos de morfemas.

compostos, e assim como revelado sobre o Mundurukú (GOMES 2004) apresentariam vários graus de lexicalização. Segundo a autora, Gomes (2006) afirma que essas formas podem se comportar ou não com função classificadora e podem ter aspectos relacionais ou não, podendo combinar-se em sintagmas e compostos.

Sobre a semântica dessas formas, a autora informa que eles abrigam valor primitivo relativo a partes do corpo ou ocorrem em sentido derivado, metafórico. Ela diz ainda que Souza Filho (2007 *apud* SIQUEIRA 2011) analisa-os como termos de classe com base em traços semânticos. Um exemplo citado é o termo *krã* (cabeça) que oferece a base conceitual que é estendida a diversas coisas do mundo Xerente definidas como sendo redondas. Esses classificadores não possuem caráter sistemático e, nas palavras da autora:

Trata-se, portanto, de mecanismos de construção simbólica baseados na relação entre parte, forma e função dos nomes. É um sistema aglutinante de noções que se combinam em compostos sintagmáticos agregando, a cada acréscimo de morfema, valores semânticos de origem metafórica, isto é, significados originalmente construídos por metáforas, para indicar formato, cor, espessura, tamanho, sentimentos (SIQUEIRA 2009, p.64).

Ainda, de acordo com Souza Filho (2007, p. 112 *apud* SIQUEIRA 2009):

Os classificadores são nomes derivados de termos de classe, em sua maioria, mas exibem baixa referencialidade. [...] nomes que não referem apresentam um baixo grau de categorialidade [...] os classificadores operam sobre uma base semântica, implicando certos traços característicos do referente do sintagma nominal, mas não certos traços lexicais de um nome particular. Encontramos em Xerente classificadores ocorrendo em co-referência com nomes. Os classificadores são clíticos que ocorrem fonologicamente apoiados em nomes ou verbos. Nos nomes, eles podem ocorrer no meio da palavra ou seguindo o nome (infixo, êncrise) e no verbo ocorrem em proclíticos, antecedem o tema verbal.

Pode-se citar o exemplo de *kmõ* que tem valor primitivo de ‘chifre’ e que em sentido derivado poderia ser entendido por ‘como um chifre’, integrando compostos como *põ kmõ nẽ* ‘fidalgo’ (espécie de peixe) ou *kti kmõ kre zanĩ* (boi), ou mesmo do morfema *kwa* ‘dente’ que poderia ser entendido, quando derivado, por ‘instrumento que corta’ e integra o composto *kwa zakreze* ‘pedra de amolar’. De natureza clara, por se tratarem de nomes de partes do corpo, o valor metafórico dessas palavras é verificado através de analogias entre os sentidos primitivo e derivado. Os classificadores do Akwẽ Xerente estão presentes em animais e outros elementos. Segundo Siqueira (2009, p. 70) alguns nomes, mesmo em compostos, parecem guardar parte do sentido primitivo. É o que acontece com os morfemas *kmõ* (chifre) e *ko* (olho). Para a autora, quando o composto está em seu sentido primitivo, portanto, pode-se dizer que não está sendo usado com função classificadora. Como verificado para o Mundurukú, o uso desses nomes como classificadores não tem caráter sistemático, pois eles mantêm uma relação de modificador-modificado com os nomes com os quais se combinam, sendo muitas vezes de baixa referenciação, em função de sua não-autonomia lexical.

Alguns nomes de partes do corpo, no entanto, compostos com classificadores, não demonstram morfologia relacional, certamente por terem perdido sua independência morfológica. Se ocorre incorporação, o composto inteiro é incorporado, diferente dos exemplos vistos anteriormente em que somente o classificador era incorporado. É o caso de **krã* (‘cabeça’ arredondado) em *zdãĩ krã* (boca) e **hi* (‘osso’ branco, sob, alongado) em *hi krãiti* (joelho). Mas em nível da sintaxe, os nomes em função classificadora podem cumprir papel de núcleo ou atuar com outro núcleo, numa relação de modificador, apresentando função descritiva (SIQUEIRA 2009, p. 71).

Em termos constitutivos, não há diferença entre um nome usado em função classificadora e um não usado em função classificadora. A diferença é mais marcante no plano da sintaxe e da semântica. Sintaticamente, a diferença é atestada na incorporação, “*é a migração do núcleo de um sintagma nominal para um sintagma verbal, constituindo com este um composto*”. Em exemplo, temos:

tɔ poko (abrir os olhos) ou tɔtɔko (pulsar, latejar), e na aplicação na oração (SIQUEIRA 2009, p. 72):

(52) ʼəmbã nãt ʼisikrõisku

homem PAS PER REAL 1ªpess R1 (cabeça) + raspou – VT

‘O homem raspou sua cabeça’. (lit. a própria cabeça)

A autora fala a respeito do aspecto semântico desses nomes, e esclarece “*dampɔ kre ne*, por analogia entre a parte do corpo e o fruto da árvore “tamboril”, designa a própria árvore, não uma parte dela. Entretanto, em “*tɔp kuĩtbrɔ*” ‘corujinha’, o morfema “*tɔ*” aponta para a parte do corpo ‘olho’”. Sendo assim, revela Siqueira, haveria classificador no primeiro exemplo, mas não no segundo. Siqueira prevê diferentes graus de lexicalização para os nomes em função classificadora, análogo ao que se viu em Mundurukú.

Para se verificar se as partes do corpo comportam-se como termos de classe⁵⁰, ou apresentam ocorrência mais dependente, como classificadores, apresentam-se os seguintes nomes de partes, no quadro que segue, de acordo com as propostas de Gomes (2006)⁵¹:

Nomes em função classificador	Significado primitivo	Significado derivado	Exemplos de nomes classificados	Tradução
dampɔ kre	‘orelha’	‘forma de orelha’	dampɔ kre nẽ dampɔ kre nẽ ude	(tamboril) (urupê)

⁵⁰ Sobre as diferenças entre termos de classe e classificadores, ver sessão (1.5.2 e 1.5.3) pág. (41-2)

⁵¹ Em (SIQUEIRA 2011, p. 231) a autora apresenta um novo quadro para os classificadores de Akwẽ Xerente e analisa-os de acordo com a valência “(...) a diferença entre classificadores nominais e termos de classe é sutil. Se consideradas as valências (em âmbito morfológico/sintático), pode-se ver que os classificadores apresentam valência 2; os termos de classe valência 1.(...)”

kmõ	'chifre'	'como um chifre'	pɔ kmõ nẽ	(fidalgo 'peixe')
kwa	'dente'	'instrumento que corta'	rõmkwa	(espinho)
pa	'fígado'	'aspecto amarelado'	zu pakare zu pa pre	(gengibre) (açafração)
pkẽ	'coração'	'relacionados a sentimentos, dor'	pkẽ zanize pkẽ udzəze	(fôlego) (tristeza)

Panará: essa língua pertence à família lingüística Jê, ao lado de outras línguas como o Suyá, o Apinajé e o Kayapó. De acordo com Dourado (2000, p. 12), há oito classes de palavras nessa língua: nome, verbo, adjetivo, advérbio, pronome, posposição, conjunção e partícula. Para a morfossintaxe da língua, a autora considera como membros prototípicos para a classe dos nomes, os que ocupam posições de argumentos nucleares, objetos de posposições, tópicos em discursos, núcleos de orações relativas e de orações clivadas. Do ponto de vista semântico, ela argumenta que os nomes apresentam conceitos estáveis para nomear pessoas, coisas e lugares. Os nomes ocupam as posições de argumento nuclear: sujeito, objeto direto e objeto indireto. A autora diz ainda que em todas as funções, com exceção do sujeito de verbo intransitivo e do objeto direto de verbos transitivos, os nomes recebem posposições que marcam os casos: ergativo, benefactivo, malefactivo, comitativo, instrumental-comitativo e inessivo.

A ordem dos constituintes mais comum em Panará é SVO, podendo ainda ocorrer, mas em número bem menor, a ordem SOV. E para os intransitivos, a ordem dominante é SV, com menor ocorrência de VS (DOURADO 2000, p. 85).

O nome simples, em Panará, ocorre, regularmente, como palavra monomorfêmica, podendo receber prefixos de posse e relacionais, além de sufixos derivacionais e flexionais opcionais. A composição por aglutinação e justaposição é bastante produtiva na língua, sendo normalmente realizada pelos

processos de N + Adj. ou N + N. Segundo Dourado (2001, p. 21), essa língua apresenta ainda uma série de raízes que se combinam com outras para formarem novos compostos, constituindo o núcleo desse novo item lexical. Essa forma é bastante produtiva para a criação de palavras novas na língua Panará, conforme, palavras da autora: “*para conceituar coisas do ponto de vista perceptual e funcional*”. Esses formativos são os “termos de classe”, que classificam os nomes com os quais se agregam e definem a formação de uma classe, funcionando similarmente aos classificadores, mas num nível mais lexical. Vários deles constituem a fonte de formação dos classificadores, de acordo com a autora. Por exemplo, *kə* (casca) em *kiati + kə > kiakə* (quadril + casca) ‘calção’ e *akriti* (similitivo) em *pa + akriti > pakriti* (gente + similitivo) ‘gravador’ ou *ãko* (suco) em *kui + ãko > kuyãko* (mandioca + suco) ‘mingau de mandioca’. Ao lado desses tipos há outros compostos que são formados a partir de uma mesma raiz, e que não se constituem em núcleo deste item, que se referem à procedência ou ao material de que são feitos os nomes referentes, como: *pəri kə > pərikə* (pau + casca) ‘canoa’ ou *pəri ite > pərite* (pau + graveto) ‘cachimbo’ ou *pəri so > pəraso* (pau + folha) ‘folha’. Nessa língua há também termos que servem para identificar subclasses de parentesco como *piə* (grande, alto), em *nāpiə* ‘mãe, tia’ ou *sūpiə* ‘pai, tio’ e que pode ser duplicado *tuapiəpiə* ‘avó’.

Os classificadores em Panará são morfemas que se apóiam fonologicamente aos modificadores dos nomes, os adjetivos, e também aos núcleos de predicados nominais e verbais, baseados em partes de plantas, objetos côncavos e líquidos. Eles ocorrem em co-referência com essas classes de nomes. Segundo Dourado (2001, p. 24), esses classificadores são proclíticos, e o alvo dessa classificação é um SN em posição: a) de sujeito de predicado nominal; b) sujeito de verbo intransitivo; c) sujeito de verbo transitivo na voz média; d) objeto de verbo transitivo. Pode vir ainda como objeto de posposição.

Como exemplo do primeiro tipo, tem-se (DOURADO 2001, p. 23):

(53) *kowkiati pã kre =kīni*

panela pequena **côncavo** =limpo

‘O prato está limpo’

Como sujeito de verbo intransitivo (DOURADO 2001, p. 24):

(54) nãkowsia yi =**kua** =tẽ

laranja.ABS REAL.INT =**fruta** =cair

‘A laranja caiu’

Como exemplo de sujeito de verbo transitivo na voz média (DOURADO 2001, p. 24):

(55) sase ãprẽ hẽ ø =ti =yĩ =**kə** =kə -ri

rede REL. velha ERG REAL.TR =3SGERG =MED =**casca** =rasgar –PERF

‘A rede velha furou’

A autora observa que os classificadores são nomes derivados de termos de classe, em sua maioria, com baixa referencialidade. Ela argumenta que Mithun (1986 *apud* DOURADO 2001: 24) afirma que os classificadores operam sobre uma base semântica, implicando algumas características do referente do sintagma nominal, mas não certos traços lexicais de um nome em particular. Como é comum entre diversas línguas amazônicas⁵², os classificadores cumprem papel anafórico em Panará, como no exemplo do nome referido anteriormente no discurso ‘castanha’, em que este ocorre sem seu co-referente:

(56) pisi sə

castanha pegar

‘pegar castanha’

pãpã pikowmã mĩ ku =**kua** =kə ahe

todos amanhã 1.PL.EXOR cortar =**CLAS** =cortar.IMP FIN

‘Amanhã vamos todos para cortar (castanha)’

⁵² Ver o que dizem Derbyshire & Payne (cap. 1, pág. 50-4, sessão 1.8)

mãmã ra =hɔw =ø =piõ **psi**

assim 3PL.ABS =ICOM =3SG.ABS=juntar **castanha**

'assim todo mundo vai juntar castanha'

No exemplo citado, Dourado diz que o classificador *kua* tem característica de um elemento gramatical, marcador de gênero ou anafórico, e que nos outros exemplos, em que ele co-ocorre com um nome, funciona como hiperônimo. Por isto, a autora os classifica como uma subclasse da categoria dos nomes, considerando-se seu baixo grau de referencialidade.

Os classificadores de Panará não são concordiais. Segundo a autora, o sistema de classificadores dessa língua não se enquadra de forma discreta em nenhum dos modelos propostos por Allan (1977), Mithun (1986) ou Craig (1986). Há predominância do sistema de classificadores por verbo-incorporação nessa língua. Na tabela que segue, vemos os principais termos de classe que ocorrem como classificadores (DOURADO 2000, p. 207):

Termos de classe	Composto	Glossa	Tradução
kə	kiã-kə peri-kə pẽ-kə	fruto-invólucro pau-invólucro branco-invólucro	casca canao vestido
so	peri-so pakua-so kwati-so	pau-folha banana-folha buriti-folha	folha folha de bananeira palha de buriti
si	sɔw-si mõ-si tũ-si	coisa-semente milho-semente capim-semente	semente milho arroz
kiã	peri-kiã mãka-kiã	pau-fruta manga-fruta	fruta manga

	kwati-kiã	inajá-fruta	coco de inajá
--	-----------	-------------	---------------

Kubeo: A base para a formação de palavras nessa língua é a concatenação de diferentes morfemas numa palavra. Há seis categorias de tipos de morfemas em Kubeo: raiz, radical, afixos, afixos frasais, raízes presas e clíticos. O Kubeo é uma língua do tipo OV, que tem mais sufixos, clíticos e morfemas presos, concatenados à direita da raiz, que prefixos e proclíticos, à esquerda (CHACON 2012, p. 174-175). Essa língua, diz o autor, tem uma forte tendência aglutinadora.

Em Kubeo, (CHACON 2012, p. 235) nomes são classificados de acordo com uma variedade de categorias e perspectivas culturais e por categorias gramaticais que possuem termos semânticos altamente transparentes. O autor aponta a classificação de animado e inanimado como sendo o tipo mais geral de classificação na língua, entendendo este nível como *Noun Class* (classe dos nomes). Esse nível domina outros níveis mais baixos que são específicos para cada classe de nomes. Para os animados, por exemplo, em gênero (masculino e feminino) e número (plural e singular), e para os inanimados a classificação de contáveis e massa. Os nomes podem também não ser marcados com morfologia alguma, e podem ainda receber classificadores de vários tipos. Para esses índios, animados correspondem a humanos, animais, espíritos, sol, lua, estrelas, arco-íris. Enquanto os inanimados são coisas, objetos e conceitos abstratos. Nomes de animados são flexionados, obrigatoriamente, em número e gênero. Apesar disto, animais masculinos podem vir não-marcados (jabã) 'veado macho', em oposição aos animais femininos, que são sempre marcados, (jabã -ko) 'veado fêmea'. Os animais marcados por classificadores também acontecem em formas não-marcadas para o masculino, mas alternam o classificador com o sufixo, quando no feminino (hëbë =bo para hëbë -ko 'paca fêmea'). Nomes de massa formam a maioria das categorias de inanimados em Kubeo. Eles se referem a entidades não discretas, como substâncias: areia, água, plantas, emoções, idéias e doenças (CHACON 2012, p. 237). Alguns nomes contáveis também são não-marcados se,

por exemplo, forem nomes contáveis inerentes que se referem a entidades discretas e não podem ser combinados com classificadores.

Segundo Chacon (2012, p. 237), os classificadores de Kubeo podem ser vistos como morfemas presos (clíticos) e como uma classe fechada de nomes contáveis inerentes. Esses morfemas são sempre combinados, morfologicamente, com um termo de massa, e funcionam como ‘singularizadores’, contribuindo para a referencialidade dos nomes. O autor nos diz ainda que os classificadores podem ser categorizados como algo entre derivação (como as formas compostas) e sua própria categoria gramatical.

Uma outra forma de singularização de termos de massa é a categoria de contadores genéricos. Essa categoria tem conotação de lugar, e também de uma entidade discreta que fica por trás da categoria de classificadores, exemplificada em (ãu-do macaxeira/aipim-CNT “pão de macaxeira/aipim”). Raízes como põe ‘pessoa’ ou hēbē ‘paca’, sem classificadores ou marcadores de gênero finais, referem-se a ‘pessoas’ ou ‘pacas’ em geral, entidades não definidas e não-referenciais (CHACON 2012, p. 238).

A função principal de flexão inerente é criar palavras a partir de conceitos. Assim funciona o sistema de classificação nominal dessa língua. As categorias de classificação nominal não se restringem apenas ao léxico, mas incluem a concordância nominal e verbal.

No âmbito do SN, a concordância é feita entre um núcleo nominal e um modificador, adjetivo, verbo nominalizado ou outras classes fechadas de palavras. Essa concordância é feita com a flexão no masculino. O exemplo a seguir mostra a concordância com o classificador:

(57) kũidã-ki hēbē=bo-de pike ã-i =dõ -ba -
awĩ
UM-MS C paca=CL.OVAL-OBL duas vezes comer-EST.=Inan.Cont.-PASS.
1/2/3IN

‘A paca é comida em duas vezes’ (não se pode comê-la inteira de uma vez, mas em diferentes momentos)

Em Kubeo os classificadores são categorias incipientes de concordância na frase nominal, nunca sendo marcados na flexão verbal, embora os nomes sejam inerentemente flexionados com um classificador por um controle da concordância de acordo com a característica de *masculino* (CHACON 2012, p. 251). Para o autor, eles são clíticos que possuem uma categoria inerente. Seguem exemplos da marcação de concordância por classificadores na língua Kubeo (CHACON 2012, p. 240):

(58) i = kũ hiađo = kũ kopo - i=kũ

esta=CL.CAVO esp.árvore=CL.CAVO quebrar-ST.=CL.CAVO

‘Esta canoa quebrada’

Os classificadores em Kubeo marcam os respectivos nomes com os mais diferentes aspetos semânticos. O classificador =ba em *kii =ba* (mandioca) identifica objetos longos que terminam em um nó, ponto, base. O classificador =bẽ identifica os objetos finos, =bi para os continentes, como *butʃi=bi* (cigarro), os ovais =bo em *kĩrã=bo* (pedra grande, rocha). Além desses, há classificadores que marcam referentes específicos, como =ja e =jãbĩ para rio e casa, respectivamente, e mesmo um para objetos tridimensionais, caso de =ka, em *ũe=ka* (nariz), e outros para objetos laminados, para árvores, para objetos incorporáveis e para animados coletivos.

O autor não trata por classificadores os morfemas marcadores de masculino e feminino ou os que marcam plural animado e massa, já que aquela categoria trata de aspectos relativos à forma e função. Ele analisa os classificadores como estando entre as categorias funcional e lexical, e explica que sua natureza lexical é melhor observada nos processos de formação de palavras. Chacon (2012, p. 254) explica que os classificadores possuem função próxima

dos números, a de categorizar um referente nominal. Sobre o papel exercido por esses morfemas, o autor revela:

Their role as categories is ambiguous in the sense that they have a semantic nexus with the nouns with which they are combined, and also with the referential (non-linguistic) world by classifying the diversity of forms into discrete categories (CHACON 2012, p. 254).

O quadro que segue apresenta uma lista com os classificadores de Kubeo, além de alguns exemplos de usos e características semânticas (CHACON 2012, p. 242)⁵³:

Classificadores	Exemplos	Detalhes semânticos
=ba (longo com nó)	kii=ba (mandioca) kibo=ba (pé)	Expressa idéia de elementos discretos presos a um nó, um outro ponto, ou a um outro elemento. Coberturas de casa, folhas de palmeira, partes do corpo como o pé, o tórax.
=bẽ (linha fina)	ẽkã=bẽ (sobancelha)	Classificador de forma que indica que o objeto é percebido como uma linha fina.
=bi (continente)	butfi=bi (cigarro) kuru=bi (bolsa)	Para objetos que contêm ou que potencialmente contêm alguma substância, como cigarro (que

⁵³ Tradução livre

		contém tabaco), cesto de peixes (que potencialmente contém peixes), bolsa (que contém objetos), a cabeça (que contém o cérebro), o queixo (que contém os dentes).
=bo (oval)	hēbē=bo (paca) bei=bo (rato) ihi=bo (abacaxi)	Remete a nomes com forma abalroada, mas que têm forma parecida com a de uma bola.
=bũ (linha espessa)	pĩkõ=bũ (rabo) kira=bũ (intestinos)	Classifica coisas com formato de linha grossa, espessa.
=di (redondos)	jako=di (olhos) pābũ=di (tatu)	Classifica coisas com forma arredondada, circular.
=do (convexo)	hēbē=do (língua)	Denota coisas com a forma convexa.
=ja (rio)	hiwe=ða (Rio Querari)	Classificador para rios
=jābĩ (casa)	pābĩ=jābĩ (casa grande) 'casa Kubeo'	Designa todo tipo de casa ou moradia.
=jĩ (furado)	dēi=jĩ (palmeira buriti)	Refere-se a coisas furadas ou que possam ser furadas.
=jo (longo e pontudo)	kõpĩ=jo (dentes)	Objetos alongados e com ponta afiada.
=ka (três dimensões)	ũe=ka (nariz)	Designa objetos tridimensionais.
=ki (árvore)	hoki=ki	Designa toda espécie de árvores e alguns objetos

		feitos de madeira.
=kũ (encorporador)	jedi=kũ (maxilar) kawe=kũ (par de asas)	Designa um referente que representa uma coleção de entidades discretas. É um classificador extremamente polissêmico.
=wa (superfície plana)	kira-i=wa (chão, terra)	Designa áreas amplas e planas.
=we (afiado, laminar)	ãbũ=we (mão)	Classifica objetos finos, com a superfície plana
=wi (coletivo animado)	bõa=wi (cardume)	Designa todo tipo de grupos e coletivos de seres animados.

Kwazá: segundo Voort (2000, p. 16) as categorias gramaticais da língua Kwazá são: verbo, nome, advérbio, partículas, ideofones e raízes do tipo auxiliar. A língua não possui adjetivos e, apesar da relativa liberdade dos constituintes, as ordens SVO e SOV são as mais esperadas. Ainda de acordo com o autor, o Kwazá possui mais de trezentos sufixos derivacionais e flexionais, sendo sua distinção mais gradual que absoluta. Não há processos morfofonológicos complexos, e a reduplicação e a composição são processos bastante produtivos.

Os nomes incluem pronomes, demonstrativos e numerais, mas não são flexionados em número e gênero. Apenas a terceira pessoa pode ser morfologicamente marcada. Os nomes de Kwazá podem ainda receber marca de objetos animados, ou um dos casos de marcador oblíquo (VOORT 2000, p. 16).

Os nomes no Kwazá pertencem a classes inerentemente específicas, indicadas por classificadores. Este elaborado sistema tem dupla função: marca os membros de um argumento de frase verbal, no predicado, e marca a classe de

afiliação de nomes ou expressões nominais (VOORT 2000, p. 73). O autor revela que estes classificadores são morfemas presos que demonstram semelhança com os morfemas verbais de referência cruzada. Numa expressão envolvendo classificadores, o autor revela uma função comum entre os classificadores de línguas amazônicas, a de anáfora: “(...) *a nominal expression, here called the referent or head noun, is optionally present. As classifiers may have an anaphoric function in Kwaza, the referent can be omitted*”.

Ainda de acordo com Voort, os membros de uma classe de nomes são referidos por morfemas classificadores nos verbos, principalmente quando o verbo incorpora um classificador ou quando o verbo é nominalizado por um classificador. Além disso, os classificadores podem se somar a nomes, criando nomes derivados. E ainda, os membros de uma classe são normalmente expressos em palavras com raízes semanticamente atributivas, como os números, que sempre carregam um classificador. O autor ressalta que esses e outros tipos de construções não envolvem diferentes tipos de classificadores (VOORT 2000, p. 73).

Segundo o pesquisador, há nomes que não pertencem a classes distintas e são indicados por um marcador neutro específico (-hỹ) que pode atuar como um substituto para classificadores específicos. Os classificadores em geral, juntamente com o morfema neutro, têm uma grande variedade de usos, podendo, de acordo com a função que exercem, atuar como: nominalizadores de verbos vazios semanticamente, classificação de raízes verbais derivadas atributivas, classificação de raízes de nomes derivados (possessivos), classificação de raízes atributivas vazias, classificação de raízes adverbiais, classificação de raízes demonstrativas, classificação de raízes interrogativas, incorporação de classificador, classificação de nomes por ataque, classificadores lexicalizados e como formas livres. Como exemplo do uso do morfema neutro na função de nominalizador de raiz verbal, temos (VOORT 2000, p. 74):

(59) ka'he -hỹ

agredir -NOM

‘O agressor/O que é agredido’

Em outras construções, como as que seguem, (-hỹ) funciona como um classificador neutro. E nessa posição pode ser substituído por qualquer outro classificador (VOORT 2000, p. 74-5):

(60) hoho-ỹ -hỹ

preto -ATT -NOM

‘O preto’

(61) hoho-ỹ -mũ

preto -ATT -Líquido

‘Líquido preto’

(62) hoho-ỹ -nũ

preto -ATT -pó

‘Pólvora’

Há diversos nomes com classificadores incorporados que não podem mais ser separados. Esses nomes não podem mais ser analisados semanticamente como havendo dois constituintes, já que se encontram lexicalizados. Mesmo assim, os classificadores são idênticos a seus equivalentes produtivos. Vejam-se os exemplos (VOORT 2000, p. 79):

(63) ukje.sĩ

xxxx. semente

‘pequizeiro jovem’

(64) ukje.nũ

xxxx.pó

‘pequizeiro maior’

Alguns classificadores de Kwazá comportam-se como se fossem o segundo elemento de um composto, os quais são atestados praticamente apenas em verbos (VOORT 2000, p. 80). Em outras construções, o comportamento dos classificadores mostra características de incorporação. O autor propõe analisar esses morfemas de acordo com seu grau de transparência etimológica, dividindo-os em: classificador neutro (visto anteriormente), classificadores opacos, classificadores transparentes, classificadores não-relacionados e classificadores não-identificados. (VOORT 2000, p. 80-1):

Segue um quadro dos classificadores opacos de Kwazá:

day (como cobra) ‘o nome para cobra é ‘deda’	nwỹ (árvore)
djo (como pé)	rati (homem)
djoju (dedo do pé)	rjỹ (área, derredor, lugar, quarto)
ỹi (carne, tecido)	rwa (buraco, cavo)
kalo (folhas, raízes de determinadas plantas)	sa (besouro)
kawa (parte côncava de algo)	se (carrapato)
lo (tubo)	se (ânus)
loi (flexível, suave)	sisi (casca)
lotswa (tubo, rifle)	çε (folha)
lotxwe (flauta)	çuku (raiz)
mãi (dentes)	çwana (carne)
natai (armpit)	tσα (mão)
ñẽ (tipo de folha)	ũ (grão)
nĩ (ponta, espinho)	wa(ostra)

Para exemplificar, apresentam-se os usos de alguns classificadores etimologicamente opacos:

(65) a'tsuka -ka'lo (VOORT 2000, p. 82)

açúcar -FOLHA

'cana-de-açúcar'

(66) kori -'ce -kawa -'ra (VOORT 2000, p. 83)

mexer -CAVO -dentro -IMP

'Mexer (comida) dentro de (panela)'

Os classificadores etimologicamente transparentes, de acordo com o autor, são:

jāhỹ (estrada, passagem, trilha)	swãnsĩ (unha)
karwanĩ (nariz)	çy (casa)
koje (mão, garfo)	çu (osso, raiz, dedo)
kuty (cabeça)	çwa (humano)
nãsi (orelha)	tehu (colher)
nāwã (céu)	toha (pé)
rokoca (rosto)	tuku (língua)
ronã (buraco, cavidade)	tsu (bastão, osso)
ronε (buraco, face)	caḵje (asa)
rote (buraco, porta)	cukwe (vagem)
	txi (vagina)

Como exemplo do uso de classificadores etimologicamente transparentes, o autor mostra:

(67) ha'kã -jãhỹ (VOORT 2000, p. 88):

velho -ESTRADA

'Estrada velha'

(68) duture -'çu (VOORT 2000, p. 90):

porco -OSSO

'Osso de porco'

O autor aponta ainda pelo menos sessenta outros tipos de classificadores não relacionados que são morfemas que não apresentam nenhum tipo de relação aparente para especificar nomes independentes. Voort diz ainda que essas palavras, em contraste, formam nomes lexicais livres quando sufixados à raiz neutra e-. Um grande número de palavras formadas com essa raiz e- parece se referir a nomes inalienáveis, de partes do corpo animal e vegetal. Para o autor, quase metade dos classificadores que denotam forma ou substância são também os que formam nomes com a raiz neutra e-. Nos exemplos que seguem, há exemplos dessas formas sem a presença da raiz neutra:

(69) ywynwỹ -dũ'rũ (VOORT 2000, p. 92)

árvore -PELADO

'Árvore sem folhas'

(70) jonõñĩ -dwa (VOORT 2000, p. 92)

farinha de mandioca -PEDRA

'Barra de mandioca'

Há ainda um grupo de nomes iniciados por e- ou ε- os quais o autor alega não saber se são lexemas monomorfêmicos ou consistem de um classificador prefixado pela raiz vazia e- como outras vistas anteriormente, como: elo'cõ (gordura de barriga) erja'nasiki (shorts) ou etu'te (corpo).

Machiguenga: língua da família Aruak, porém do ramo Maipurã pré-andino, sul do Peru, parente próxima do Ashaninka (Campa), Nomatsiguenga, Yanasha (Amuesha) e Piro. Segundo Shepard (1997) grande parte dos classificadores Machiguenga são relativos a plantas, animais e suas partes constituintes (folhas, caules, flores, ossos, pele, dentes e etc.). A língua conta com afixos marcadores para animados -n e inanimados -t, os quais são obrigatórios em expressões numerais verdadeiras. Ainda de acordo com o autor, a língua Machiguenga possui os três tipos básicos de classificadores previstos na tipologia de Dixon (1986), numeral, concordial e de verbo-incorporação. Entretanto, essa língua contaria com outros dois tipos advindos da combinação entre os classificadores numerais e os concordiais, em que as expressões numerais são obrigatoriamente marcadas com um marcador de classe (tipo de concordial), indicando o status de ser animado/inanimado, numa relação de concordância, e entre os numerais e os de verbo-incorporação, em que classificadores numerais são afixados a verbos, referindo-se ao objeto de verbos transitivos, ou sujeitos de verbos intransitivos (SHEPARD 1997, p. 33-34).

Há três numerais em Machiguenga, marcados para animado e inanimado (SHEPARD 1997, p. 34):

Números	Animados	Inanimados
UM	paniro	patiro
DOIS	piteni	piteti
TRÊS (ou vários)	mavani	mavati

A língua conta ainda com as expressões apiteni-apiteti para identificar o 'segundo', ou 'um outro', tovaini-tovaiti para 'muitos' e maganiro-magatiro 'todos'. Essas formas permitem várias combinações para indicar outras contagens, e até mesmo o verbo *ser* emprega os mesmos afixos encontrados nos numerais. Os outros verbos tomam a forma feminina para indicar os inanimados e a forma masculina para indicar os animados.

Os classificadores numerais são afixos que se apóiam em expressões numerais de acordo com atributos específicos dos objetos aos quais se ligam, como tamanho, forma, flexibilidade, textura (SHEPARD 1977, p. 35). O autor revela que, enquanto os marcadores para animado/inanimado são obrigatórios, os classificadores numerais apenas ocorrem com os números *um* e *dois*, *segundo* e *um outro*, e raramente com o *todos*, e não são obrigatórios, podendo haver expressões numéricas apenas com a presença do número. O classificador numeral é afixado em expressões numéricas entre o prefixo numeral e marcador de classe animado/inanimado (SHEPARD 1997, p. 35):

(71) pa- -poa -t -iro sekatsi

um -CL:CILÍNDRICO -INAN. -Suf:um planta da mandioca

‘Um tubérculo de mandioca’

O nome pode também ser omitido por anaforismo, resultando em pouca, ou nenhuma perda de significado (SHEPARD 1997, p. 36):

(72) pi -poa -te -n -i

dois -CL:CILÍNDRICO -dois -ANIM -suf.

‘Dois animais cilíndricos’

De acordo com o pesquisador, os classificadores numerais são muito comuns na fala Machiguenga, especialmente para os objetos mais comuns, sendo semanticamente ativos, como para nomear objetos como lápis (classificador para longos e finos), papel (classificador para finos e unidimensionais) ou volante (classificador para lâminas e facas). O autor revela ainda que os classificadores podem ser usados de acordo com o propósito e o interesse do falante, e explica que os índios podem usar um classificador para identificar um fardo pesado, ou pode indicar, com outro classificador, que aquele fardo está cheio de líquido, usando um outro. Apesar disso, os Machiguenga têm restrições para essa variação no uso dos classificadores, há muitas formas que não podem receber a não ser um classificador apenas.

Para Shepard (1977, p. 38), muitas expressões com classificadores numerais na verdade não são usadas em expressões numerais, como se vê também em Machiguenga (SHEPARD 1977, p. 38):

(73) kite -poa -ti sekatsi

amarelo -CL: CILÍNDRICO -ANIM. planta da mandioca

‘variedade de mandioca amarela’

Também classificadores dimensionais são afixados a expressões adjetivas referindo-se a espécies de plantas (SHEPARD 1977, p. 38):

(74) ga-tsantsa-shi-ani

longo -CL:LONGO -CL:FOLHA -suf.

‘planta com folhas longas’

Os classificadores de verbo-incorporação são afixados a verbos para especificar objetos ou sujeitos de uma ação verbal, ou o espaço em que a ação ocorre (SHEPARD 1977, p. 39):

(75) o-kimo-aa-take

3p. -crescer -CL:ÁGUA -suf.

‘A água subiu’ (O rio encheu)

De acordo com Shepard (1977, p. 44) “*The most important semantic features treated in the system of numeral classification appear to be (in approximate order of importance): size, dimensionality, flexibility, shape or external form, internal structure, inherent property, (edibility) and texture*” Em Machiguenga, há uma grande quantidade de classificadores que designam características salientes de objetos, animais e coisas por analogia. Há em Machiguenga um classificador que identifica animais de rabo longo, por exemplo, que é -empe (galhos), que se relaciona a habilidade desses animais entre os galhos de árvore, ou para identificar a anatomia interna de alguns pássaros -sama,

(flauta, tubo oco) e -taki (pele) que parece se referir a pele emplumada de alguns tipos de pássaros, como papagaios. Outros classificadores da língua seguem:

CLASSIFICADOR	ASPECTO	SEMÂNTICA
-kitso	Tamanho/forma+flexibilidade	Objetos pequenos, redondos e duros (sementes, seixo)
-motia	Tamanho/forma+flexibilidade	Objetos pequenos, redondos e moles (bola de borracha, bucho, larva de inseto)
-tsa	Dimensionalidade+flexibilidade	Objetos unidimensionais flexíveis (cobras, cordas)
-shitsa	Dimensionalidade+flexibilidade	Objetos unidimensionais frágeis (fibra, cauda de certos primatas, vinha de plantas)
-tonki	Dimensionalidade+flexibilidade	Objetos unidimensionais rígidos (ossos e barras de metal)
-ki	Dimensionalidade+flexibilidade	Objetos unidimensionais um pouco rígidos

		(árvores pequenas, galhos)
-ki	Dimensionalidade+flexibilidade+estrutura interna	Objetos unidimensionais sólidos, mas pouco rígidos (galhos, árvores pequenas)
-pi	Dimensionalidade+flexibilidade+estrutura interna	Objetos unidimensionais, menos rígidos e furados (aros, canos e metal)
-kana	Propriedade inerente+tamanho/forma	Propriedade de carne, comestíveis; largueza, imensidão (com ramos), (cacho de bananas, animais grandes de tração, pimenta)
-pa	Propriedade inerente+tamanho/forma	Propriedade de carne, comestíveis; em forma de fardo ou pouco cilíndrico (unidade de banana, caroço de milho, fardo de

		feijão, peixe)
-kana	Tamanho/forma+tamanho relativo/formato de partes	Largo, dorso grande com ramos médios (cachos de banana, mamíferos grandes)
-poa	Tamanho/forma+tamanho relativo/formato de partes	Grande, dorso cilíndrico, de formato alongado e com ramos curtos (galho, ariranha)
-tsenko	Tamanho/forma+tamanho relativo/formato de partes	Pequenos dorsos sustentados por longos e finos ramos (cigarra, camarão)
-saranta	Forma+estrutura interna e/ou continentes	Lisos, cobertos por membranas sobre um corpo rígido (morcegos, borboletas)
-naki	Forma+estrutura interna e/ou continentes	Arredondados com furo (bolsas, potes, dentes, ermitão)
-koa	Forma+estrutura interna e/ou continentes	Arredondados com furo, cheios de líquido (bolsa de bebida de

		mandioca, potes cheios de líquido)
-tsei	Textura	Objetos coberto com espinhos
-ai	Textura	Objetos com ponta (garrafas, insetos, abacate)
-mai	Textura	macio, irregular (bola de algodão, pele de preguiça)

3.1 Quadro da morfossintaxe dos classificadores das línguas estudadas no capítulo:

Comportamento morfossintático	Kanoê	Tariana	Mundurukú	Akwê Xerente	Panará	Kubeo	Kwazá	Machiguenga
Estatus do morfema	Sufixo	Sufixo	Nome em função classificadora	Nome em função classificadora	Clítico	Clítico	Sufixo	Sufixo
Transparência etimológica	médio	baixo	alto	alto	baixo	alto	médio	médio
Atribuidores de características próprias/inerentes dos referentes	X	X	X	X	X	X	X	X
Em Construções possessivas		X					X	
Em construções demonstrativas		X	X			X		
Em construções quantitativas		X	X					X
Como substitutos anafóricos	X	X ⁵⁴	X	X	X	X	X	X

⁵⁴

Com exceção dos classificadores nominais

Em nominalização de verbos estativo-adjetivais e ativos	X				X		X	
Em orações concordiais		X	X					X
Em construções de raiz nula	X						X	
Em construções genitivas								
Ocorrência de mais de um classificador no sintagma	X							X
Ocorrência em raiz adverbial							X	

3.1.1 Algumas conclusões sobre os sistemas de classificação nominal de línguas amazônicas

Uma análise comparada dos sistemas de classificação nominal presentes entre as oito línguas estudadas mostra semelhanças importantes de serem destacadas relativamente aos processos de formação de palavras, com os termos de classe, e num nível mais funcional, com os classificadores nominais, em nível do SN⁵⁵.

⁵⁵ Quanto ao seu status como palavra, alguns autores defendem a relativa independência morfofonológica dos classificadores, identificando-os como clíticos, caso do Panará (DOURADO 2001) e do Kubeo (CHACON 2012), enquanto outros os tratam por sufixos, analisando sua dependência formal, como o Kwazá (VOORT 2001), o Tariana (AIKHENAVALD 1994), e o Kanoê (BACELAR 2004). Há autores, ainda, que os classificam como nomes relativamente dependentes chamados de NFC, nomes em função classificadora, de acordo com o grau de lexicalização e de aspectos ligados a sua semântica, com exemplos de Akwẽ Xerente (SIQUEIRA 2011) e Mundurukú (GOMES 2009).

Dentre as línguas pesquisadas, a participação de morfemas classificadores em processos de derivação e composição, na criação de novos itens lexicais e em nominalização de verbos é bastante comum. Nesse caso, esses morfemas são mais lexicais que gramaticais, sendo tratados como termos de classe pela maioria dos autores. Em algumas dessas línguas, o grau de fossilização é bastante alto, como acontece no Akwê Xerente e no Panará, resultando em sua menor atuação no nível da sintaxe oracional e na constante ocorrência de formas cristalizadas. Acontece entre essas línguas de os classificadores serem sempre hospedados em um nome, verbo ou frase nominal, terem alto grau de dependência sintática e serem semanticamente opacos, pois têm seu sentido dependente do nome que os hospeda, o que evidencia sua semelhança formal e funcional com os sistemas de classificadores previstos em trabalhos com línguas de outras partes do mundo.

Em relação à transparência etimológica, os classificadores demonstram alto grau de transparência para o Akwê Xerente, o Mundurukú e o Kubeo, médio para o Kanoê, o Kwazá e o Machiguenga, e apresentam alto grau de opacidade para o Tariana, e o Panará. Nas formas derivadas, o morfema de classificação ocupa a posição à direita do núcleo, ou é o núcleo da palavra em construções genitivas, podendo vir, neste caso, à esquerda. Os termos de classe participam em processos de composição nominal, na maioria das línguas vistas, e em geral, fazem uso dos mesmos morfemas classificadores para a criação dessas palavras. Já no Akwê Xerente, os NFC com alto grau de fossilização ocupam posições variadas dentro do sintagma nominal, como vemos em Siqueira (2009, p. 69) *kti kmõ kre zani* (boi).

Relativamente à semântica dos classificadores nominais, percebe-se que os que identificam objetos quanto a sua forma são os casos mais prototípicos, sendo os arredondados, os planos e bidimensionais e os longos e unidimensionais de madeira as formas mais comuns⁵⁶. Tem-se ainda os que identificam substâncias como pó, pastas ou líquidos e outros que indicam

⁵⁶ Esses tipos coincidem com a classificação de Allan (1997).

sentimentos e funções, ou coisas mais específicas como casa, canoa ou rio, e mesmo um que identifica a cor do referente em Akwẽ Xerente, tipo muito raro.

As línguas que apresentam sistemas de classificadores mais complexos e extensos, como o Kwazá, o Tariana, o Kubeo e o Machiguenga demonstram maior dinamicidade. Os classificadores dessas línguas atuam em outros níveis da morfossintaxe oracional. O escopo desses classificadores é mais largo e os critérios para a classificação abrangem muitos outros aspectos da cultura que são registrados na língua, acarretando uma grande quantidade de informação na forma de afixos, clíticos e outras partículas, e de um inventário maior de tipos de classificadores. De acordo com Siqueira (2011, p. 212-3):

Os sistemas de classificadores selecionam características universais básicas da maioria das classes de palavras das quais se originam e estendem-nas semanticamente para expressar os mais variados tipos de interação que os seres humanos têm com o seu mundo. A percepção do mundo codificada nos sistemas de classificadores incorpora do mais cognitivo e universal para o mais específico e cultural ponto de vista.

Entre as línguas que apresentam alto grau de transparência, caso do Akwe Xerente e do Mundurukú, chama atenção o fato de os classificadores terem origem em partes do corpo humano, ou partes componentes dos vegetais. O corpo passa a ser uma base de extensão para a classificação de coisas, objetos e ações da cultura desses povos, como revelado em Lakoff (1986) sobre o processo de extensão do esquema-imagem entre os classificadores do idioma japonês. A experiência vivenciada por esses índios tem relação direta com a maneira como eles representam essa experiência do mundo por meio da linguagem, e na forma como codificam essa experiência na língua.

De maneira geral, os sistemas de classificação nominal analisados nesta sessão não se adéquam discretamente à tipologia estabelecida por Allan (1977) ou Dixon (1986), que tiveram suas experiências, principalmente, com línguas isolantes da Ásia, que apresentavam comportamento relativamente diverso do encontrado em línguas da região amazônica. Estas diferenças foram verificadas

por Derbyshire & Payne (1990), quando trataram dos sistemas de classificação nominal de línguas amazônicas⁵⁷.

Sobre a tipologia dos classificadores, verificou-se que o tipo nominal é encontrado em todas as oito línguas pesquisadas, sendo o mais comum⁵⁸. Os classificadores que se associam a verbos, dentro do SN, mas classificam algum argumento nominal, os verbais, foram encontrados em sete línguas, com exceção de Kubeo. Os classificadores genitivos, que aparecem em construções possessivas, normalmente associados a nomes alienáveis, foram encontrados em Tariana e kwazá, apenas. O sistema de classificadores numerais é o tipo mais comum em Machiguenga, participando em diversos tipos de expressões quantitativas, além de ser presente no sistema de classificação de Tariana e também no Mundurukú. Para Shepard (1997, p. 33-4), há em Machiguenga, além dos três tipos mais comuns de classificadores, os híbridos (numeral+nominal) e (numeral+verbal).

Além dos tipos mais comuns vistos anteriormente, identificaram-se classificadores demonstrativos em Kubeo, Tariana e Mundurukú. Segundo Grinevald (2000, p. 68-69) sobre a semântica desse tipo, também chamado de classificador de artigo, há três posições básicas para humanos, que quando estendidas para os objetos, correspondem a três formas básicas de classificadores: em pé = unidimensional/longo rígido; deitado = bidimensional/liso; sentado = tridimensional/redondo. A respeito desse tipo de classificador Aikhenvald (1994, p. 411) revela:

One problem that arises with respect to demonstrative classifiers as a separate type is whether they are distinct from other types or whether they should be grouped together with numeral classifiers (...)

⁵⁷ Ver cap. 1 – (sessão 1.8)

⁵⁸ Os classificadores nominais, genitivos e verbais foram outrora chamados de classificadores numerais, já que o tipo mais comum de classificador entre as línguas asiáticas, e mais facilmente verificado, era o que se associava ao número. Shepard (1997) trata por classificador numeral um tipo mais próximo do classificador de nome.

Como exemplos de classificadores demonstrativos, temos:

Tariana (AIKHENVALD 1994, p. 425)

(76) nu-sa-du-nuku dinu-niki hĩ matjite

1sg. -esposa-fem.-Nuku 3sg.NF+matar-compl. Dem:AN mau+CL:GEN.AN

‘Ele matou minha esposa Nuku, este mau’

Kubeo (CHACON 2012, p. 255):

(77) hi=paki hawe-de hi#jěkõ api-e-de i=yãmbĩ cozĩjã-de a-abẽ

meu=pai já-OBL minha#avó vivo-MSS-OBL Este=CL:CASA cozinha- OBL
fazer-Pass.3masc.

‘Meu pai fez esta cozinha enquanto minha avó ainda era viva’

Percebe-se que em Kubeo e Tariana, a classificação por demonstrativos não segue o mesmo modelo defendido por Aikhenvald (1994) ou Grinevald (2000). Em Kubeo, o classificador parece referir-se ao substantivo que o sucede, cozinha, apontando para um espaço no discurso, a casa, através daquele dêitico. Em Tariana, o demonstrativo é marcado por um sufixo para animado, enquanto que o classificador é hospedado num morfema com valor adjetivo *mau*, apontando para o sujeito da terceira pessoa.

Os classificadores⁵⁹ ocupam a posição à direita do núcleo nominal ou verbal, ou sintagma nominal, sendo tratados como morfemas sufixais no Machiguenga, Kwazá, Kanoê e Tariana, como clíticos no Panará e no Kubeo, e como nomes em função classificadora no Akwẽ Xerente e no Mundurukú. Em todas as línguas, esses classificadores são vistos como uma classe fechada de formas, dependentes sintática e semanticamente dos nomes os quais classificam.

⁵⁹ Ainda assim, a autora não os classifica como classificadores verbais nos moldes de Allan (1977), Dixon (1986) ou Grinevald (2000). Nas palavras da autora “(...) o classificador concorda com o nome pré-verbal, ao mesmo tempo que apresenta o fenômeno da incorporação do morfema de derivação nominal” (TELLES 2002, p. 203).

No Panará, os classificadores ocupam a posição à direita do núcleo nos compostos nominais, mas funcionam como proclíticos no âmbito da NP, caso que ocorre também entre os classificadores verbais do Mundurukú e do Akwẽ Xerente. Contudo, o alvo dessa classificação é um nome ou núcleo nominal, que encabeça a oração, como atestam os exemplos:

Akwẽ Xerente (SIQUEIRA 2011, p. 228)

(78) kimba wat tpe ka pa ne

rio-N 1ª pess. (peixe-N + água-N + CLASS:COMPRIDO) jogar-V

‘Eu joguei a piaba comprida no rio (dentro do rio)’

Tariana (AIKHENVALD 2000, p. 84)

(79) amaku iri -peri -ne na -pita -ni -ku

tenda vermelho-CL:ABST-Inst. 3pl.-pintar-pass.-CL:TENDA

‘A tenda foi pintada de vermelho’

Kanoê (BACELAR 2004, p. 128)

(80) òkwa-tsikwa voro-kwa erej-kwa pære n-e-re

pássaro-dim. preto-CLE:pequeno bola-CLE:pequeno voar 3-decl.aux

‘O tiziu está voando’

Os classificadores têm função anafórica em todas as línguas, com exceção dos classificadores nominais de Tariana, e podem também ser marcados em adjetivos no Panará e no Machiguenga, e em raízes adverbiais do Kwazá. Em Kwazá, Akwẽ Xerente, Mundurukú e Machiguenga os classificadores não são compulsórios, sendo sua ocorrência não sistemática.

A função concordial dos classificadores já havia sido mencionada por Derbyshire & Payne (1990)⁶⁰ como sendo uma característica dos sistemas de classificação nominal de línguas amazônicas. Mas, em geral, os classificadores numerais são um tipo que não apresenta essa função, e no caso de Panará, seu sistema de classificadores também não a tem. Todas as outras línguas marcam outros constituintes oracionais com o mesmo classificador que se hospeda no núcleo nominal alvo da classificação, como se vê nos exemplos:

Mundurukú (GOMES 2009, p. 11)

(81) [[puy] ø-bu] i -bu -pakpak

cobra R1-NFC R2-NFC-ser vermelho

‘A cobra é vermelha’

Machiguenga (SHEPARD 1997, p. 41)

(82) o-kamari-tsa-take-shivi-tsa

Inan. VR. mexer-se -CL:corda-(incompleto) + vinha/trepadeira -CL:corda

‘A vinha cresce, espalha-se pelo chão’

Muitos dos fenômenos observados na língua foram apontados por Derbyshire & Payne (1990) como sendo característicos de línguas amazônicas, e muitos desses fenômenos também foram observados entre as oito línguas. Esse trabalho comparativo colabora, em menor escala, para o entendimento do fenômeno da classificação nominal das línguas da região amazônica, e em maior escala, aponta para o entendimento do fenômeno da classificação nominal nas línguas do mundo.

Classificar objetos por sua forma ou considerando a sua consistência, ou as atividades diárias mais importantes, ou o gênero e as relações hierárquicas, ou ainda marcar com um classificador idéias do mundo abstrato não são atividades

⁶⁰ Derbyshire & Payne (1990) descrevem os seguintes tipos de classificação importantes entre línguas amazônicas: classificação de tipo numeral, classificação concordial, e classificação por verbo-incorporação.

novas. Apesar disso, os estudos sobre os sistemas de classificadores nominais são recentes se comparados a outros programas seculares de análise de fenômenos lingüísticos, e têm revelado muito sobre essas formas nominais que evidenciam, caracterizam e individualizam seres, objetos e coisas das culturas desses povos.

CONCLUSÃO

Com os estudos sobre a palavra nominal e os sistemas de classificadores nominais vistos com as línguas Mamaindê, Sabanê, Latundê e Kithãulhu, da família Nambikwara, pudemos constatar que algumas dessas línguas apresentam sistemas mais reduzidos de classificadores, quantitativamente e funcionalmente. O Sabanê e o Kithãulhu⁶¹ apresentam sistemas de classificação mais incipientes, que participam em menos níveis da sintaxe oracional.

A constatação de que os classificadores são mais proativos, participando em construções demonstrativas, em cláusulas possessivas e em quantificação nas línguas Mamaindê e Latundê pode se relacionar à importância que os falantes legam aos classificadores e como esses elementos são importantes para a categorização do universo material e imaterial desses povos, como estão ligados ao conhecimento de mundo desses índios. Mas a incipiência dos sistemas de Sabanê e Kithãulhu pode estar relacionada a uma queda no sistema de classificadores, a uma perda da importância desses elementos para fins de comunicação, mudanças internas promovidas na língua que acarretam uma simplificação do sistema. Em comparação com o que ocorreu com o Dyirbal (LAKOFF 1986) no contato com o idioma inglês australiano, pode estar havendo uma diminuição gradativa relacionada ao contato com outros grupos e com o idioma português, ou mesmo, por ser falado por um grupo reduzido de índios, esse sistema pode estar perdendo força.

O quadro morfossintático apresentado sobre os classificadores dessas quatro línguas Nambikwara demonstra que esses elementos são importantes em diversos tipos de construções, nas diversas instâncias comunicativas, dentro das respectivas línguas, estando intimamente ligados à forma como aqueles índios codificam as suas experiências com o mundo, na língua.

⁶¹ O trabalho realizado com o Kithãulhu (KROEKER 2001) deu relevância aos estudos com o sintagma verbal, possibilitando pouca informação sobre a palavra lexical, e mesmo sobre a classe nominal e seus componentes, o que possibilitou um trabalho limitado sobre o sistema de classificação dessa língua. Relativamente à tipologia da língua Sabanê, que é considerada mais afastada geneticamente, considera-se que ela é a menos polissintética das línguas Nambikwara.

Os classificadores são uma base importante para a classificação dos caracteres salientes dos objetos, indicando sua forma, sua consistência, sua função. Eles cumprem essa função em todas as quatro línguas, o que pode indicar que essa distinção é importante para a classificação. Relativamente aos tipos de relações sintáticas, os classificadores participam ativamente em construções genitivas e possessivas, como anafóricos e na nominalização de verbos estativos e ativos, entre essas línguas. Em compensação, houve menor ocorrência de classificadores em expressões demonstrativas, em contextos de reduplicação, ou com raiz nula.

Pudemos atestar, ainda, que os classificadores têm grande relevância nos processos de composição, sendo largamente encontrados e ativos. Mesmo com adoção de palavras advindas do português, os classificadores são, muitas vezes, adicionados à palavra nova, de acordo com as suas características de forma, incorporando as regras do sistema.

O trabalho visou também uma comparação entre diferentes sistemas de classificação nominal de línguas amazônicas, com o intuito de se verificar em que níveis os classificadores apresentavam maior ou menor semelhança formal e funcional. Os trabalhos sobre os sistemas de classificação nominal de línguas amazônicas realizado por Derbyshire & Payne (1990) avaliou algumas características que são comuns aos sistemas de classificação de línguas amazônicas e que foram comprovadas com o estudo comparativo daquelas oito línguas.

Avaliamos que a participação dos morfemas classificadores em processos de composição é uma característica desses sistemas, como o é entre as línguas da família Nambikwara, e que a nominalização de verbos é um processo comum para a criação de novos itens para a maioria das línguas, e que as línguas que demonstram uma transparência etimológica de seus classificadores, têm, normalmente, esse inventário originado das partes do corpo animal e vegetal. Quando tratamos das línguas da família Nambikwara, também percebemos, pelo

menos com um morfema classificador da língua Latundê⁶², que essa relação também é verdadeira.

Os classificadores mais comuns são os que identificam objetos alongados, tridimensionais e em madeira, os finos e unidimensionais e os arredondados, o que comprova a idéia postulada por Allan (1977) sobre os classificadores canônicos, mais prototípicos. Também podemos, como referido por Lakoff (1986) compreender que os classificadores dessas línguas se inserem em domínios de experiências, pois são agrupados segundo critérios de forma e consistência, ou por função, e que os índios podem estabelecer critérios bem específicos para essas escolhas. Em Latundê (*wet -kiñĩn -te*) e Mamaindê (*lah -kañĩn -du*) sendo ambas a palavra 'criança', carregam um classificador para coisas redondas, possivelmente por que se identifica a criança como sendo algo arredondado, rechonchudo. Isto indica que a base para a classificação obedece a critérios mais abstratos e ligados à visão de mundo de seus falantes. Um estudo mais aprofundado sobre esses parâmetros de classificação é importante e requer uma pesquisa mais cuidadosa, futuramente, sobre esses e outros aspectos dos classificadores.

Como havíamos verificado entre as línguas da família Nambikwara, também entre essas há sistemas de classificadores mais atuantes e dinâmicos, e outros mais modestos e menos ativos. Alguns apresentaram sistemas mistos, muito semelhantes aos que relataram Derbyshire & Payne⁶³ sobre diversas línguas amazônicas.

Por fim, a pesquisa realizada aponta uma necessidade grande de trabalhos que envolvam aspectos da tipologia, da semântica, do funcionamento, do comportamento morfossintático, da origem, dos aspectos cognitivos envolvidos e da formação das palavras, os termos de classe, realizados com a participação dos morfemas classificadores.

Os resultados obtidos com esse trabalho comprovam que ainda há muito por se fazer, muito o que se aprender sobre as línguas de classificadores, muito a

⁶² Ver capítulo I, pág. 66

⁶³ Ver Cap.1 (sessão 1.8)

se estudar sobre os tipos de classificadores, sobre o papel e a importância dos classificadores, sobre sua funcionalidade, sobre sua origem.

As línguas não se esgotam em sua dinamicidade e plasticidade. Há muitas línguas parcialmente estudadas e há outras que sequer foram objeto de estudo de algum lingüista. A intenção principal de um trabalho como este é colaborar, de alguma forma, para a preservação e valorização dessas línguas, para o conhecimento da diversidade das línguas do mundo, para os estudos sobre os universais lingüísticos.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AIKHENVALD, Alexandra Y. *Classifiers: A typology of Noun Categorization Devices*. Oxford University Press. New York , 2000.

_____. *Unusual Classifiers in Tariana*. In: *Systems of Nominal Classification*. Cambridge University Press Australia. p. 93 – 113, 2000.

_____. Alexandra Y. *Grammars in contact: a cross-linguistic perspective*. In: *Grammars In Contact: a cross-linguistic typology. Explorations In Linguistic Typology*, 4 . Oxford University Press, Oxford, UK, pp. 1-66, 2007.

_____. Alexandra. *Classifiers in Tariana*. Source: *Anthropological Linguistics*, Vol. 36, Nº 4, , p. 407 – 465, 1994.

ALLAN, K. *Classifiers*. In: *Language*. 53. 284-310, 1977.

ANOMBY, Stan. *Language use on Tubarão-Latundê reserve, Rondônia, Brasil*. Sil International, 2009.

ARAÚJO, Gabriel A. *A Grammar of Sabanê: A Nambikwaran Language*. LOT Press, Netherlands, 2004.

AUER, Peter and SCHMIDT, Jürgen Erich, *Language and Space: Theories and Methods*. – An international handbook of space and language variation. Berlin/New York. META-systems .GmbH, 2010.

BACELAR, Laércio. *Gramática da Língua Kanoê: descrição gramatical de uma língua isolada e ameaçada de extinção, falada ao sul do estado de Rondônia, Brasil*. Nijmegen, Holanda, 2004.

BRAGA, Ana Gabriela Modesto. *Fonologia Segmental do Lakondê (Família Nambikwara)*. Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, 2012.

BYBEE, Joan L. *Morphology: A study of the relation between meaning and form*. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia, 1985.

BYBEE, Joan; PERKINS, Revere & PAGLIUCA, William. *The Evolution of Grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. The University of Chicago Press. Chicago (USA) and London, 1994.

CAMARA JR. J. Mattoso. *Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras*. Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro. 2ª edição, 1965

CHACON, Thiago. *The Phonology and Morphology of Kubeo: The documentation, Theory, and Description of an Amazonian Language*, University of Hawaii, 2012.

COMRIE, Bernard and VOGEL, Petra M. *Approaches to the Typology of Word Classes*. Mouton de Gruyter, Berlin/New York, 2000.

COSTA, Ana Maria R. F. M. *Índios Nambiquara: Mãos masculinas e femininas na confecção dos artefatos*. Revista Eletrônica – Documento Monumental, Cuiabá: NDIHR, Universidade de Mato Grosso, dez. 2009.

CROFT, W. *Typology and Universals*. Cambridge. Cambridge University Press. 2º edição, 2003.

DALLA PRIA, Albano. *Tipologia Lingüística*. Línguas Analíticas e Línguas Sintéticas. Soletas, Ano VI, Nº11, São Gonçalo – RJ, 2006.

DENNY, J.P. *What's the use of a classifier?* Proceedings of the 12th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, 12, p. 122-32, 1976.

DERBYSHIRE, Desmond C. and PAYNE, Doris. *Noun Classification Systems of Amazonian languages*. In: Amazonian Linguistics: Studies in Lowlands South American Languages,. University of Texas press. Vol.1. p. 224-271, 1990.

DIXON, R.M.W and AIKHENVALD, Alexandra. *The Amazonian Languages*. Cambridge, UK. Cambridge University Press, New York, 1999.

DIXON, R.M.W. *Nouns Classes and Noun Classification in Typological Perspective*. . In: Noun Classes and Categorization. Amsterdam/Philadelphia John Benjamins B.V. p. 106 – 111, 1986.

DOURADO, Luciana. *Aspectos Morfossintáticos da Língua Panará (JÊ)*. IEL – Unicamp, Campinas - SP, 2001.

EBERHARD, David. *Mamaindê Grammar: A Northren nambikwaran Language and its Cultural Context*. LOT Press, Netherlands, 2007.

FRANCHETTO, Bruna. *Evidências Lingüísticas para o entendimento de uma sociedade multilíngüe*. Alto Xingu: uma sociedade multilíngüe. Rio de Janeiro. Museu do índio, 2011.

GOMES, Dione M. *Classificação Nominal em Mundurukú*. Liames Nº9, p. 7 – 25, 2009.

_____. *A Categorização Nominal: considerações teóricas acerca dos classificadores Akwẽ Xerente*. Revista Investigações, 2011, pag. 207 – 236.

_____. *Estudo Morfológico e Sintático da Língua Mundurukú (TUPÍ)*. Universidade de Brasília, 2006.

GRINEVALD, C. *A morphosyntactic typology of classifiers*. In: Systems of Nominal Classification. Cambridge University Press. Australia. p. 51 – 92, 2000.

IBANÉZ, Francisco J. R. & ARANSAEZ, Cristina P. *Conceptual schemas of propositional idealized cognitive models: In search of a united framework for the analysis of knowledge organization.* Universidad de La Riosa, p. 257 – 270, 1997/1998.

KROEKER, Menno. *Gramática Descritiva da Línguas Nambikuara.* International Journal of American Linguistics. Volume 67, Nº1. The University of Chicago Press, 2001.

LAKOFF, George. *Classifiers as a Reflection of mind: A Cognitive Model Approach to Prototype Theory.* In: Noun Classes and Categorization. Amsterdam/Philadelphia John Benjamins B.V. p. 13 – 51, 1986.

LANGACKER, Ronald W. *Concept, Image, and Symbol: The Cognitive basis of grammar.* Mouton de Gruyter, Berlin/New York, 1991.

LEE, Michael. *The Cognitive basis of classifiers systems.* Berkley Linguistics Society, p. 395 – 407, 1987.

LEITE, Yonne e FRANCHETTO, Bruna. “500 anos de línguas indígenas no Brasil.” In: Quinhentos Anos de História Lingüística no Brasil. Sec. De Cultura do Estado da Bahia. Bahia. p. 15 – 61, 2000.

LOWE, Ivan. *Nambiquara.* In: The Amazonian Languages. Cambridge. Cambridge express, Pag. 269 – 291, 1999.

LYONS, John. *Semantics.* Cambridge Press. University of Cambridge, UK. Volume 1, 1977.

MELGUEIRO, Edilson M. *Sobre a natureza, expressão formal e escopo da classificação lingüística das entidades na concepção do mundo dos Baníwa.* Brasília, 2009.

MILLER, Joana. *Nambikwara.* In: Enciclopédia dos Povos Indígenas do Brasil. Instituto Socioambiental, São Paulo, 2008. (<http://pib.socioambiental.org/en/povo/nambikwara/print>)

MOORE, Denny; GALÚCIO, Ana V.; GABAS JR. Nilson. *O desafio de Documentar e preservar as línguas amazônicas.* revista *Scientific American (Brasil)*, no. 3, , pag. 36 – 43, setembro de 2008.

PAYNE, Doris. *Classifiers.* In: Language: Journal of the linguistic society of America. Waverly press. Oregon, Vol.53, 1977.

POSNER, Michael I. *Empirical Studies of Prototypes.* In: Noun Classes and Categorization. University of Oregon, 1986.

PRICE, D. and COOK JR, Cecil. *The Present Situation of the Nambikuara*. In: *American Anthropologist*, Vol. 71, p. 688 – 693, 1969.

_____. *The Nambikuara Linguistic Family*. In: *Anthropological Linguistics*, Vol. 20, Nº 1, Trustees of Indiana University. Pg 14 – 37, 1978.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. *Línguas Brasileiras: para um conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Ed. Loyola, 1986.

RONDON, Cândido Mariano da S. *História Natural: Etnografia*. Ed. C.N.P.I., 2ª edição. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1947.

SEKY, Luci. *Línguas Indígenas do Brasil no limiar do século XXI*. Revista Impulso, volume: 12, nº27, Piracicaba/SP. Editora Unimep. pag. 157 – 159.

SEFT, Gunter. *Introduction*. In: *Systems of Nominal Classification*. Cambridge University Press, Australia. Pag. 01 – 47, 2000.

SHEPARD, D. *Noun Classification and Ethnozoological Classification*. In Machiguenga, an Arawakan language, Language of the Peruvian Amazon. In: *The Journal of Amazonian languages*. University of Chicago Press. Vol.1, Pag. 29 – 55, 1997.

SHOPEN, Timothy. *Language Typology: and Syntactic Description*. Cambridge University Press. Edinburg, UK. Vol. I, first edition, 2007.

SILVA, Augusto Soares. *Linguagem, Cultura e Cognição ou A Lingüística gerativa*. In: SILVA et al. (orgs). *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Lingüística Cognitiva*. Coimbra. Almedina, Vol.I, pag. 1 – 18, 2004.

SIQUEIRA, Kênia Mara de F. *Nomes de Partes em Função Classificadora: âmbito de análise do sistema de classificação nominal Akwẽ Xerente*. In: *Revista Eletrônica Via Litterae*. Anápolis. Vol.1, pag. 61 – 79, 2009.

STENZEL, Kristine S. *As Categorias de Evidencialidade em Wanano (Tukano Oriental)*. Liames-Línguas Indígenas Americanas. Editora Unicamp. 2006

TAYLOR, D. J. *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. University of Glasgow, Pergamon Press, UK, Vol. 2, 1994.

TELLES, Stella. *Fonologia e Gramática Latundê/Lakondê*. Vrije Universiteit. Amsterdam, 2002.

VAN VALIN JR. Robert D. *An Introduction to Syntax*. Syndicate of University of Cambridge Press, UK, 2001.

VOORT, Hein Van der. *A Grammar of Kwaza: A description of an endangered and unclassified indigenous language of Southern Rondônia, Brasil*. Universiteit Leiden, Amsterdam, 2000.

IMAGENS

Bacia amazônica

Site: <http://images.search.conduit.com/ImagePreview/?q=bacia+amazonica&ctid>
(Consultado em 21/07/2012)

Mapa cartográfico

Site: <http://images.search.conduit.com/ImagePreview/?q=carta+etnogr%C3%A1fica+de+rondonia&ctid> (Consultado em 22/07/2012)

SITES CONSULTADOS

Site: <http://www.etnolinguistica.org> (Consultado em 25/09/2012)

Site: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/nambikwara/print> (Consultado em 21/07/2012)

Site: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia> (Consultado em 20/07/2012)